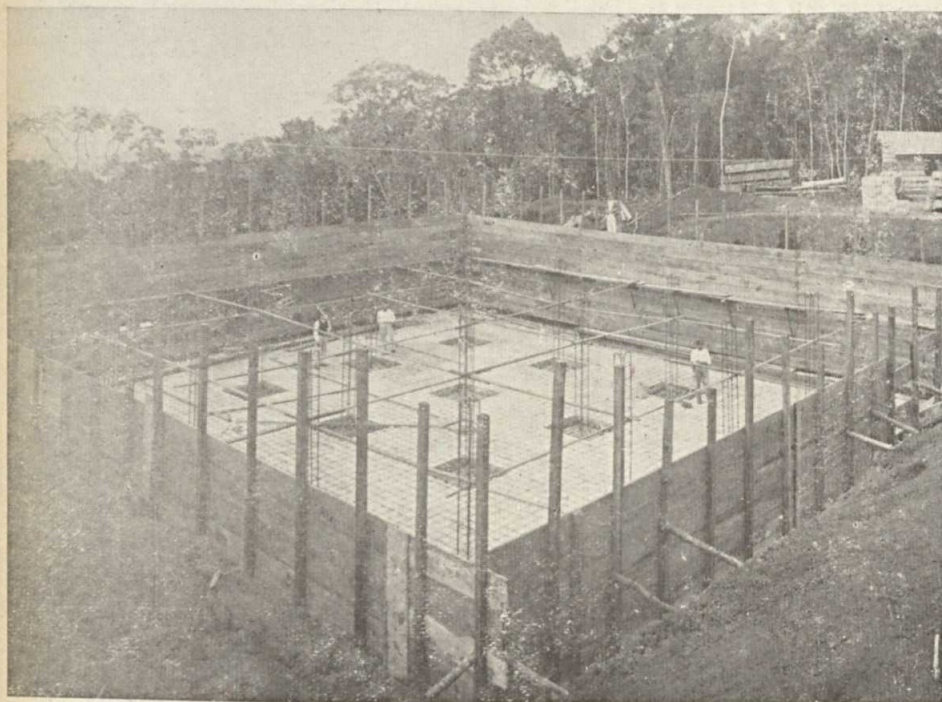
A CIGARRA
nno XVIII
o 409
eço deste
mero
$000
Gutiérrez
31

A Auto-Estrada Santo Amaro

Caixa de Agua em construcção pela Prefeitura de Santo Amaro

Represa de Santo Amaro, ponto final da Auto-Estrada

SÃO PAULO - SANTO AMARO

ZONA RESIDENCIAL EM PLENO DESENVOLVIMENTO

A zona situada entre a Avenida Paulista e a Repreza da Light, em Santo Amaro, é a mais indicada para que nella se venha a dar uma grande parte do desenvolvimento residencial de São Paulo, por contar com as seguintes facilidades:

1.° — Accesso rapido e commodo por estrada de rodagem e por bondes;

2.° — Abastecimento de agua, com que ficará dotada como resultado das obras em execução pela Prefeitura de Santo Amaro;

3.° — Serviço de luz electrica;

4.° — Posição favoravel dos terrenos, onde São Paulo se vem desenvolvendo, por ser o prolongamento da parte aristocratica da cidade;

5.° — Optimas condições de salubridade;

6.° — Situação pitoresca dos terrenos, com bellissimas paizagens;

7.° — Fornecimentos diarios das necessidades dos novos moradores, devido a este serviço estar já attendendo á numerosa povoação da zona;

8.° — Ausencia de estradas de ferro, e de bairros industriaes e operarios, em cuja proximidade nunca se dá o desenvolvimento residencial das cidades;

9.° — Ponto inicial de interesse, nelle se encontrando o Parque Municipal e os institutos de Biologia e Veterinaria;

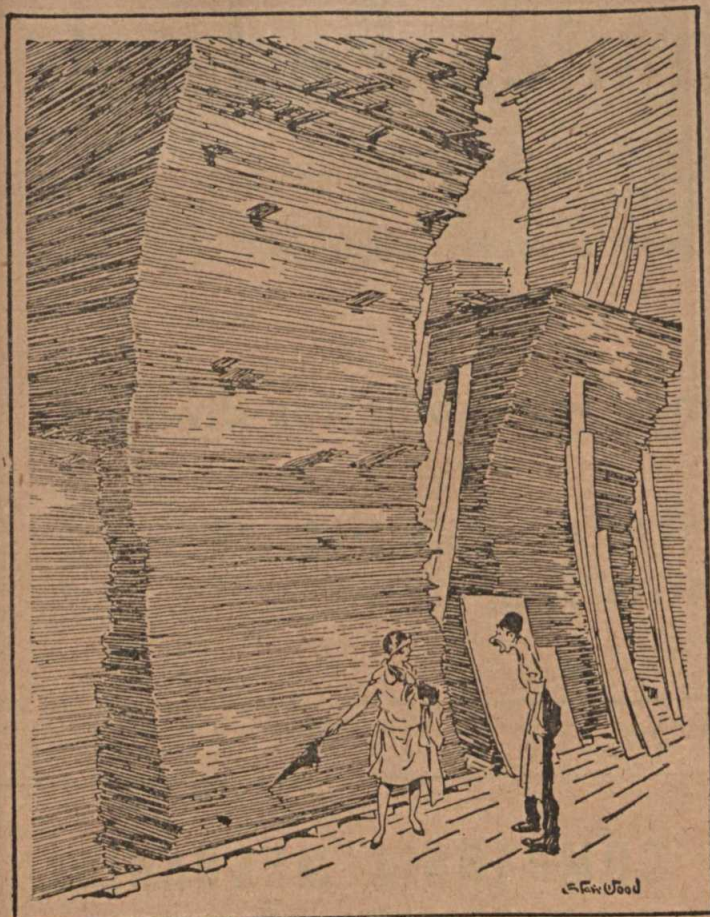
10.° — Ponto final de grande attractivo, devido aos lagos da Light, que dão á cidade os prazeres balneares e as vantagens de navegação.

Auto-estradas

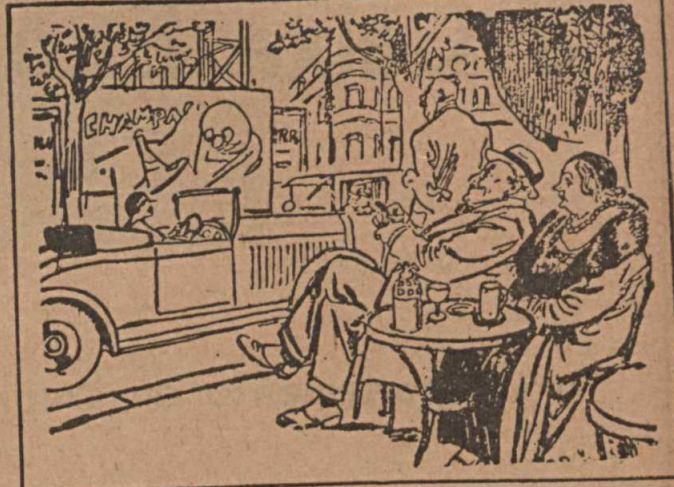
(Sociedade Anonyma)

Praça Ramos de Azevedo, 16
Tel. 4-0530

Convencida do desenvolvimento que a zona S. Paulo-Santo Amaro terá, esta Sociedade está completando a obra de asphaltamento da Auto-Estrada com toda a intensidade e offerece ao publico optimos terrenos em prestações modicas, sem juros e sem entrada inicial.

O RISO NO MUNDO

HUMORISMO NORTE-AMERICANO

A mulher exigente ao homem da serraria — *E' esta a taboa que me serve. Faça o favor de tiral-a!*

("Life", de Nova York)

HUMORISMO FRANCEZ

Ella — *Olha! Que lindo carro.*
Elle — *Com effeito. Tem uns olhos maravilhosos.*

("Le Rire", de Paris)

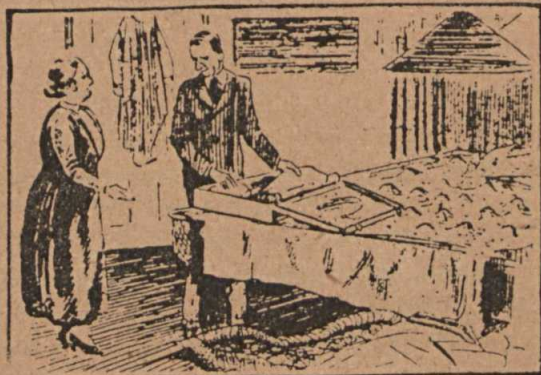
HUMORISMO ALLEMÃO

— Porque você bebe num copo tão grande?
— Porque o medico me disse que eu não devia beber mais de um copo de cerveja por dia.

("Whu", de Berlim)

HUMORISMO ARGENTINO

— A cousa foi terrivel. Os ladrões me tiraram tudo: o relogio, a cigarreira, o dinheiro! Tudo!
— Mas, você não tinha revolver?
— Ah! Sim! Isto foi a unica cousa que deixaram commigo.

("Caras y Caretas", de Buenos Ayres)

HUMORISMO ITALIANO

A Dona da Pensão — *Dormiu bem na mesa do bilhar?*
— O Hospede — *Regularmente. Teria dormido muito melhor, si a senhora tivesse se lembrado de retirar as bolas.*

HUMORISMO SUECO

— De modo que você comprou um cão policial e apezar disso não dorme tranquillo? Ainda tem medo que lhe roubem alguma cousa?
— Sim, o cão.

("Alt for Alla", de Stockolmo)

HUMORISMO HESPANHOL

— Cavalheiro... Perdeu alguma coisa?
— Sim... o equilibrio!

("Gutiérrez", de Madrid)

HUMORISMO ITALIANO

— Você crê que o ar do mar abre o apetite?
— Claro que sim! Não vê os tubarões?

("Il 420", de Florença)

A Escola de Henry Ford no Pará

UM testemunho eloquente da solicitude com que Henry Ford cuida do bem-estar e felicidade dos mais humildes caboclos adstrictos ao grande projecto de plantação de borracha emprehendido pela Companhia Ford Industrial do Brasil, no Tapajoz, é dado pela luxuosa escola recentemente aberta em Bôa Vista, cidade quartel-general do grande emprehendimento.

Cerca de duzentas creanças, entre cinco a dezeseis annos de edade, já estão inscriptas nas classes, sob a tutela de competentes professores brasileiros, e muitos paes, para não serem sobrepujados pelos seus descendentes, estão, elles mesmos, aproveitando enthusiasticamente a opportunidade de estudar nas classes nocturnas.

A construcção presente é apenas a primeira unidade de um grupo mais amplo projectado para o futuro. Quando a população de Bôa Vista e o numero das creanças em edade escolar tiverem maior expansão, o edificio será augmentado por meio de alas accrescidas.

Um escriptorio confortavel para o director, espaçosos recreios, modernos quartos de banho e apparelhamentos para toilette, são outros tantos melhoramentos que têm conduzido os diversos visitantes de Bôa Vista a um franco enthusiasmo.

A importante tarefa que esta instituição está destinada a preencher em Bôa Vista, bem como no desenvolvimento de todo o valle do Tapajoz, será convenientemente apreciada quando se considerar que, entre todas as creanças agora inscriptas, sómente algumas tinham recebido ligeiro ensinamento, havendo mesmo as que, durante toda a sua vida, tinham tido algumas semanas de instrucção, sob os auspicios de professores que, na maioria dos casos, dispunham de pouca educação a mais do que os seus discipulos.

Ventilou-se uma questão para se decidir se a Companhia Ford deveria fornecer os livros escolares aos estudantes. Ficou resolvido, afinal, com o intuito de ensinal-as a cuidar propriamente do seu equipamento e ao mesmo tempo despertar-lhes o interesse, que as creanças comprassem os livros necessarios.

A erecção da escola não foi um pensamento secundario da parte de Henry Ford, como está provado pelo facto de ter sido uma das primeiras construcções emprehendidas e completadas na "plantação". Por si mesma, ella attesta a determinação que Henry Ford tem, de fazer, de Bôa Vista, um modelo entre as cidades industriaes do mundo, quanto ao conforto, ás conveniencias e ás vantagens que offerece aos seus habitantes.

A inauguração da escola de Bôa Vista faz lembrar que, ha quinze annos atraz, Henry Ford, sempre interessado para com os menos favorecidos pela sorte, estabeleceu em Detroit, nos Estados Unidos — então quartel-general da Companhia Ford — uma escola para rapazes, onde o ensino academico era ministrado de pari-passu com a instrucção industrial, que servia para os moços adquirirem elementos valiosos para a sua vida.

De um começo modesto, com seus estudantes e um unico professor, a Ford Trade School — hoje universalmente conhecida — conta mais de dois mil e oitocentos estudantes, tem a seu serviço cento e vinte instructores e tem pedidos de inscripção para doze mil rapazes que só podem ser admittidos quando houver vagas. Desta escola muitos moços têm sahido para posições notaveis dentro da Companhia Ford, emquanto outros se têm iniciado em ramos profissionaes ou commerciaes.

Cigarra

Nem bem nasce o Verão, com seu fogo de vida,
Revivendo na luz tudo o que estava exausto.
Sentimos dentro d'alma a alegria de Fausto,
Quando se viu jovial aos pés de Margarida.

E a cigarra que andava, então, quasi esquecida,
Volta a cantar ao sol um Hymno em holocausto,
A embriagar-se de luz, bebendo-a num só hausto,
Retinindo os anneis, numa furia incontida...

Vendo-a e ouvindo-a, imagino uma esquiva cigana,
Dessas que, de violão, nos vêm cantar á porta,
Tendo sempre no olhar a alegria mundana...

Uma bohemia taful de sorriso jocundo,
Que da vida não cuida e de nada se importa,
Cujo trabalho é o canto, e cujo Ideal é o Mundo!...

D. P. Neves

Charadas originaes para "A Cigarra"

(Reproducção prohibida)

ADIVINHO MAGICO

As letras: A, a, a, a, a, a, a, a, g, r, r, r, r, t, t, t devem ser inscriptas dentro dos quadrados, de modo que as palavras das linhas horizontaes dêm as mesmas das linhas verticaes.

As palavras significam:

1 — femea de um animal caseiro;

2 — synonimo de amarrar;

3 — termo commercial;

4 — trabalho no campo.

CHARADA NACIONAL

De cada nome abaixo deve serdestacada uma letra. As letras destacadas e juntadas formam o nome de um paiz sul americano.

Pernambuco, Ceará, Espirito Santo, Goyaz, Minas Geraes, Alagôas.

CHARADA DE SYLLABAS

De 49 syllabas: a — as — ba — ça — ce — chet — cro — cul — da — da — dar — dem — do — dor — ec — en — en — es — es — fei — fo — ho — in — ma — ma — me — mo — na — no — o — op — or — or — os — ral — rhi — ron — sa — sar — so — su — te — te — ti — tor — tro — trun — ver — ze formam-se 18 palavras, cujas primeiras e terceiras letras lidas de cima para baixo dão um proverbio.

1 — Estatuario;
2 — Regente de orchestra;
3 — Jogo de cartas;
4 — Bom melhorado;
5 — Trabalho de agulha;
6 — Fritar;
7 — Mal physiologico;
8 — Adorno;
9 — Maço de linha;
10 — Termo para inchaço;
11 — Synonimo de fluctuar;
12 — Querido em jogo de cartas;
13 — Synonimo de contrario;
14 — Hypopotamo;
15 — Contrario de desordem;
16 — Transpiração;
17 — Esqueleto;
18 — Cheiro.

CHARADA DE SYLLABAS

Das syllabas: a — a — ác — ba — bi — co — de — do — dro — dú — eg — em — en — ga — gem — gro i — i — la — la — le — mi — mont — nar — ne — ni — no — pay — ri — sa — san — te — ter devem ser formadas 10 palavras, cujas primeiras e ultimas letras, lidas de cima para para baixo dão uma phrase historica de Don Pedro I.

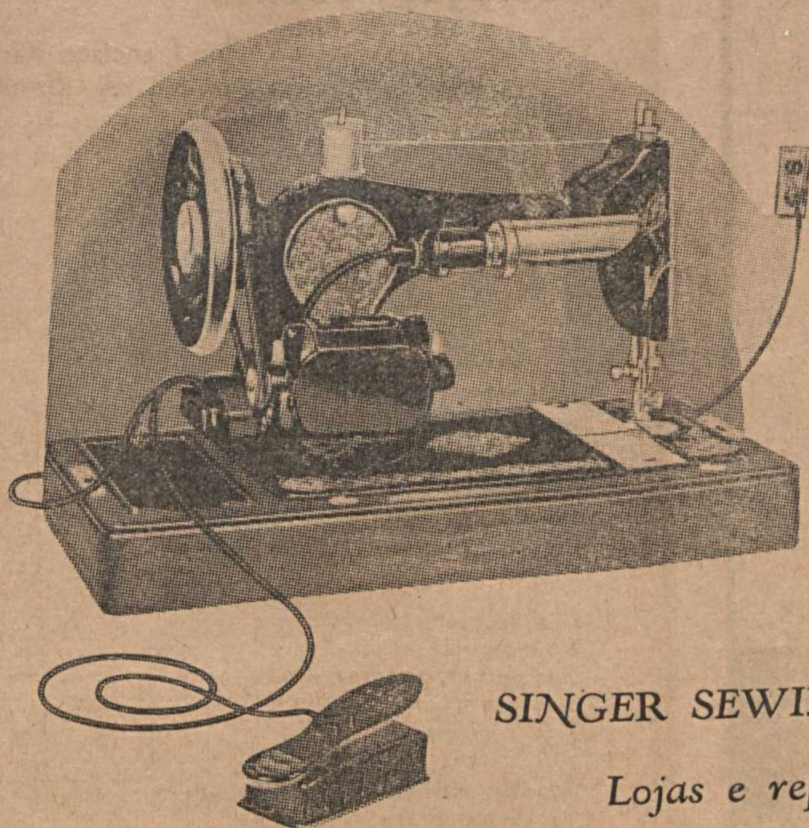
1 — Figura masculina biblica;
2 — Compositor da opera "As Mulheres de Windsor", texto de Shakespeare;
3 — Especiaria;
4 — Filho de outro matrimonio;
5 — Nome indigena;
6 — Acondicionamento;
7 — Homem de côr;
8 — Definir ou dispôr;
9 — Drama de Goethe;
10 — Explorador italiano;

CHARADA de QUADRADOS

Cada letra das palavras a decifrarem-se corresponde com o respectivo algarismo do quadro e deve ser inscripto no quadradinho correspondente. Acertadas todas as palavras e enchidos todos os quadrinhos, as letras de 1 a 75, lidas em seguida, dão o começo de uma poesia de Gonçalves Dias.

1 — Paiz da America do Norte: 27 5 3 10 25 e 37.
2 — Plantação de batatas: 35 10 11 15 30 21 e 16.
3 — Arvore da especie "Pirus": 14 7 8 12 2 9 e 28.
4 — Força naval: 1 31 8 19 29 4 e 31.
5 — Tribu de indios brazileiros: 35 23 20 32 53 52 e 22.
6 — Rei das aves: 34 51 45 50 38.
7 — General legalista da revolução de 1924: 14 61 6 36 54 49 47 64 57.
8 — Poeta brasileiro: 52 74 40 41 63 35 56 16 68 70.
9 — Chefe de navio: 70 38 14 67 30 60 71.
10 — Mar central: 17 18 25 67 6 66 8 9 10 59 42 71.
11 — Paiz asiatico: 58 71 24 65 73 74 50 5.
12 — Cousa fundamental: 44 49 67 3 6 26 33 43 7 29 27 50 5.
13 — Domingo de Carnaval: 48 49 50 59 48 49 5 51 7 39 2 69 75.
14 — Vasto ou enorme: 2 13 72 46 24 43 61.

Ao primeiro leitor que enviar solução certa daremos uma assignatura gratis da "A Cigarra".

Publicaremos o nome ou pseudonymo dos leitores que dérem com a solução.

Oito milhões de automoveis

A America do Norte é o paiz da producção em massa e das cifras verdadeiramente phantasticas. E' o paiz dos milhões.

Mais um record foi ha pouco estabelecido pela General Motors Corporation. A producção Chevrolet attingiu o seu oitavo milhão! Este automovel que marcou mais uma "etapa" na vida do popular Chevrolet foi completado no dia 25 de Agosto, uns minutos antes do meio dia. Este facto despertou grande interesse nos meios industriaes nos Estados Unidos e foi largamente commentado.

O primeiro Chevrolet foi construido ha vinte annos exactamente. Desde a introducção do novo modelo de 6 cylindros em 1929 já foram fabricados quasi 3 milhões! O numero exacto é 2.845.938. Em menos de 5 annos a producção de carros e caminhões attingiu o notavel total de 5 milhões.

A producção Chevrolet, durante os primeiros 8 mezes deste anno, embora considerado um anno de crise, longe de ser inferior á de 1930, registra um augmento, durante os quatro ultimos mezes desse periodo, em comparação com os mesmos quatro mezes desse anno, e attinge um total de 643.843 unidades.

E' um resultado verdadeiramente notavel!

Em resposta ao seu annuncio de casamento, peço-lhe que me envie a sua photographia e um cacho de cabellos.

Coração doente

Por Francisco Karam
Esp. para "A CIGARRA"

Se fosse agora...

Eu ficaria com esta paysagem
Fixa nos olhos,
Como num quadro de agua parada.
Que nunca mais se mudaria.

Aquellas casas brancas
De janellas verdes,
Lá longe,
E varandas espaçosas
Deitadas para as arvores moças do pomar.

Aquelle campo que sobe ondulando
Para o morro,
Na calma dos arbustos floridos.

E aquellas meninas sadias
De olhos tão escuros,
Que deixam sombras pelo rosto.
Sombras leves e roxas
Pela epiderme morena.

Aquellas meninas ficariam paradas
Na paysagem dos meus olhos,
Como se o meu sangue tonto as tivesse agarrado.

Mas eu acordei logo.

E vi a paysagem agitar-se
Viva como agua de rio.
E um sol novo
Que dava novas mãos de cal pelas paredes.
E as janellas das varandas abertas para mim,
Na alegria de pannos de linho ao vento.

De olhos espantados cahidos sobre os meus
As meninas sadias e afogueadas
Enchiam o meu quarto.

Sorriram,
Quando os meus olhos se abriram para ellas.

As suas mãos cuidadosas desprenderam-se
Do meu corpo, como numa despedida.
Tremulas, demoradas...

E eu fiquei pensando
Que ainda não seria aquella
A paysagem que os meus olhos fariam parar,
Derepente,
Dentro das minhas palpebras,
Numa visão eterna.

Humorismo do Natal

PRESENTE OPPORTUNO

A Mulher, que foi com o marido, comprar presentes de Natal: — *Oh! George! Ia me esquecendo de escolher qualquer cousa para você. Que quer que eu lhe traga?*
— *Um taxi!*

PRESENTE PARA UM ESCRIPTOR...

A senhora: — *Eu desejo dar um presente de Natal a um cavalheiro que escreve para os jornaes. Que me aconselha a escolher?*
O lojista desastrado: — *Minha senhora, porque não offerece uma bonita cesta de papeis?*

NOEL DESMASCARADO

— *Bem, Papae, eu pretendia dar o seu presente de Natal pela manhã. Mas, já que o senhor está ahi, posso entregar-lhe agora...*

ALTA SOCIEDADE

— *E' inutil escolher, Luiza. A alta sociedade já aboliu a praxe de dar presentes no Natal...*

TAL PAE, TAL FILHO...

O Filho do Detective: — *Papae — já identifiquei Papá Noel! As impressões digitaes encontradas nos meus brinquedos correspondem ás que achei no banheiro, depois que o senhor pintou a parede.*

NATAL DE ESCOSSEZ

O avarento: — *Meu amigo, como é de praxe, dentro do bolo de Natal devia ser posto um xelim. Acontece, porém, que a creada se enganou e pôz uma libra. Espero que quem receber o pedaço de bolo em que se encontre a moeda terá a bondade de restituir-me a differença.*

NOTICIAS DA QUINZENA

FILME — Do Sr. Consul da Republica Argentina recebemos amavel convite para assistir a representação da pellicula "Corazon ante la ley". Gratos.

ANNUNCIO — Para o annuncio de radios que os Srs. Cassio Muniz & Cia. inserem noutra secção deste periodico, chamamos a attenção dos nossos leitores.

CONSORCIO — Contraiu matrimonio na Italia, com a senhorita Cecilia, da alta sociedade romana, o Sr. Linneu Muniz de Souza, socio da firma Cassio Muniz & Cia..

O joven par, que logo após a cerimonia na basilica de S. Pedro seguiu para Paris, deve estar entre nós por volta do dia 28.

VESPERAL DANSANTE — Promovido pela Associação dos Empregados no Commercio de São Paulo, realizou-se animado baile no Salão Horacio de Mello, á rua Libero Badaró 33, a 13 do corrente. Para o dia 28 está marcada nova festa.

CENTENARIO DA FORÇA PUBLICA DE S. PAULO — Tiveram inicio na madrugada do dia 15 do corrente os festejos para a commemoração do Centenario da nossa Força Publica. O imponente programma está organizado da forma seguinte:

Dia 15, terça-feira, ás 5 horas, na praça Ramos de Azevedo: Grande alvorada por todas as bandas de musica, de clarins, corneteiros e tambores de todos os corpos, acompanhada de uma salva de 21 tiros de morteiro. Em seguida, passeata das bandas pelas ruas do centro da cidade.

Direcção: maestro capitão Joaquim Antão Fernandes.

A's 9 horas, na avenida São João, Parada militar por todos os elementos disponiveis da Força Publica. Commando: tenente coronel Julio Marcondes Salgado.

A's 15 horas, na avenida Tiradentes, juramento á Bandeira pelos recrutas da Força Publica, com a execução, em côro, dos hymnos Nacional, da Bandeira e do Centenario. Direcção: major Euclydes Marques Machado e maestro capitão Joaquim Antão Fernandes.

Das 19 ás 20 horas e meia, na esplanada do Theatro Municipal: Grande concerto pela banda de musica completa. Direcção: maestro capitão Joaquim Antão Fernandes.

A's 21 horas e meia, no Theatro Municipal, sessão magna presidida pelo exmo. sr. Interventor Federal, constante de uma parte litero-musical, com discurso (Historico da Força Publica), pelo 1.° tenente Hely Fernandes da Camara. Abrilhantará o acto, a banda de musica da Força, sob a regencia do maestro capitão Joaquim Antão Fernandes. Direcção: major Azarias Silva.

Dia 16, quarta-feira, ás 14 horas, na piscina da L. E. F. P., festa nautica pelos elementos da Força Publica. Direcção: major Ary da Fonseca Cruz.

Dia 17, quinta-feira, ás 12 horas, na linha de tiro da Força (Barro Branco), churrascada offerecida ás delegações das Forças estaduaes presentes ás festividades. Para esta churrascada haverá um trem especial que partirá da Estação do Tamanduatehy ás 10 horas e meia, regressando ás 17 horas. Direcção: tenente coronel Daniel Costa.

Dia 18, sexta-feira, ás 8 horas, visita á Força, pelas delegações das milicias dos Estados. Direcção: tenente coronel Manoel Marinho Sobrinho.

A's 13 horas, na Sociedade Hyppica Paulista, em Pinheiros, á rua Theodoro Sampaio (séde de campo), grande concurso hyppico interestadual. Direcção: tenente coronel Daniel Costa.

Dia 19, sabbado, ás 8 horas, na Sociedade Hyppica Paulista, em Pinheiros, á rua Theodoro Sampaio (séde de campo), jogo de polo. Direcção: tenente coronel Daniel Costa.

A's 15 horas, na Praça da Sé, grande exercicio dos bombeiros, com simulacro de incendio, no predio da "Equitativa". Direcção: tenente coronel Affonso Luiz Cianciulli.

A's 21 horas, grande "marche aux-flambeaux" percorrerá as

Atravez de uma critica moderna

Fagundes Varella

A poesia e a personalidade desse grande vulto da nossa literatura romantica, que foi Fagundes Varella, ainda hoje attrahem a attenção dos criticos brasileiros.

Agora mesmo, Mario Villalva, escriptor paulista dos mais apreciados, acaba de publicar um valioso estudo sobre a vida, a obra e a gloria do poeta do "Evangelho das Selvas". Livro que assignala um senso de analyse literaria bem desenvolvido, escripto com clareza e elegancia e sabendo manter-se dentro de uma louvavel linha de equilibrio intellectual, o novo trabalho de Mario Villalva constitue uma contribuição estimavel para as nossas letras. E' merecido o exito alcançado pelo seu "Fagundes Varella".

ruas centraes da cidade. Direcção: tenente coronel João Ferreira Leal.

Dia 20, domingo, ás 8 horas, na avenida São João, grande parada de esportistas, na qual tomarão parte os seguintes elementos: Exercito Nacional, Marinha de Guerra, Guarda Civil, Linhas de Tiro, Escoteiros, Escolas e Clubes Esportivos Civis desta Capital, de Santos, Campinas e outras cidades proximas e a Força Publica. Direcção: tenente coronel Herculano de Carvalho e Sivla.

A's 15 horas, em Santo Amaro, regatas na represa local, promovidas pela L. E. F. P., com o concurso de elementos do Exercito Nacional, da Marinha de Guerra, dos Clubes nauticos civis desta Capital e de Santos, dos clubes filiados á C. B. D. e da Força Publica. Direcção: major Ary da Fonseca Cruz.

Dia 21, segunda-feira, ás 8 horas, no Campo do Canindé, provas finaes dos jogos athleticos pela L. E. F. P. Direcção: capitão Romulo Rezende.

A's 21 horas, na L. E. F. P. (avenida Tiradentes, 88), recepção ás delegações estaduaes, pela directoria da Liga.

FESTIVAL — Realizou-se a 4 do corrente, esplendido festival litero-musical-dansante, na Associaoção dos Ex-Alumnos Salesianos, á Alameda Nothmann, 11.

FILIAL DA CASA PORCELANA — Inaugurou-se a 12 do corrente, a Casa Nogueira, filial da Casa Porcelana, no largo de São Francisco.

SEMANA DAS DIVERSÕES — Entre as iniciativas mais sympathicas que se registaram na ultima quinzena, é de justiça salientar a interessante "Semana das Diversões", promovida pela "Associação de Mães do Jardim da Infancia".

As lindas festas realizadas no Parque de Industria Animal por essa Associação, constituiram uma nota agradavel e graciosa da vida da cidade.

INSTRUCÇÃO ARTISTICA DO BRASIL — Levando avante o seu programma de audições musicaes, a "Instrucção Artistica do Brasil" realizou recentemente, no Theatro Municipal, mais um dos seus brilhantes concertos. Executando um conjunto de composições classicas e romanticas, o apreciado "Quartetto Brasil" deu um nitido relevo a essa ultima noite de arte promovida pela victoriosa associação a que já nos referimos.

LOJAS REUNIDAS — O commercio elegante da cidade conta, desde o começo do mez, com mais um estabelecimento: "Lojas Reunidas", da firma Montenegro & Pepi, á rua Direita n. 31.

Luxuosamente montado, apresenta innumeras secções onde se encontram artigos das mais variadas utilidades e do mais fino gosto.

COLLEGIO BRASIL — Rua Bueno de Andrade n. 42 — Terminaram os exames neste estabelecimento de ensino com a seguinte classificação para o anno lectivo de 1932:

No Curso Intermediario: Delio Calmasini, distincção; Frederico Spicacci Netto, Wellington Logiudice e Luiz Antonio Foresti.

Para o terceiro anno do Curso Primario: Vicente Villardi, Fernando Faria e Priscilla de Zauro com distincção; Lili Sidi, Carlos de Toledo, Carlos Alberto de Montezuma e Helena Barossi.

Para o segundo anno do Curso Preliminar: Yedda Fénelon e Oswaldo Barberis, distincção; Leonardo Vasconcellos e Francisco Vilardi.

Para o primeiro anno adeantado: Miguel Fortes Netto, Diogenes Ferreira Lopes, José Oscar Borges e para o primeiro anno José Brasil Tavares.

No Curso Pratico Commercial: Onofria Ragusa, distincção; Vicente Scramuzza e Josephina Bulara.

Curso de Inglez: D. Maria Cardoso e d. Pina Scramuzza, com distincção.

EXPEDIENTE D'"A CIGARRA,,

Redacção - Administração: RUA JOÃO BRICCOLA N. 10 2.o Andar - (Predio Pirapitinguy)

DIRECTOR: PAULO PINTO DE CARVALHO
GERENTE: ARMANDO BERTONI

Correspondencia — A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.
Recibos — Os recibos só serão validos quando assignados pelo Gerente ou pelo Director.
Assignatura — O preço da assignatura annual é de Rs. 24$000 (vinte e quatro mil réis) com porte simples e Rs. 30$000 (trinta mil réis), registrada.
Clichés — Em vista de seu grande movimento de annuncios, *A CIGARRA* não se responsabiliza por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de *tres mezes*.

Agentes na Europa
E. BOURDET & CIE.
9, Rue Tronchet, PARIS
19, 21, 23, Ludgate Hill LONDRES

Agentes na Inglaterra: Latin-American Publicity Service Ltd. London, 5 New Bridge Street - N. C. - 4
Succursal em Buenos Aires: Lima & Cia., Calle Tacuarí, 1542
Succursal no Rio de Janeiro "A Ecletica", á Av. Rio Branco, 137 Caixa 5292 - Phone Central, 3246

UM NOVO LIVRO DE MARIO PINTO SERVA

Mario Pinto Serva é uma intelligencia e uma cultura que se desdobram, discutindo, analysando, expondo os problemas mais variados do mundo politico e social.

Escriptor que se tem notabilizado pela actividade constante num paiz onde são bem poucos os que se dedicam ao estudo das questões serias e arduas, Pinto Serva tem agitado assumptos da mais alta importancia, quer brasileiros quer internacionaes.

Agora mesmo, o conhecido polygrapho acaba de dar mais uma expressão do seu esforço literario com o livro "Socialismo e Communismo", obra que, pelo seu titulo, já revela o caracter de critica social. Nesta obra de palpitante actualidade, Mario Pinto Serva põe em destaque as differenciações entre as correntes politicas, manifestando, tambem, as suas preferencias pelo Socialismo.

Exportação de abacaxis

Collaboração especial para "A Cigarra", do Departamento de Publicidade da Sociedade Rural Brasileira.

Os abacaxis devem ser exportados com o pedunculo comprido 10 centimetros e com todos os rebentos que tiverem.

Colhem-se um pouco antes da sua perfeita maturação, logo que se apresentem amarellos.

Conservam-se em camaras frigorificas com 5ºC. e 0º hygrometrico de 65 a 75%. A renovação do ar deve ser de 24 em 24 horas.

Em cada caixa devem ir fructos do mesmo tamanho e formato. Não se devem exportar os fructos com qualquer defeito.

As caixas devem ter ctms. 0,60x0,55x0,20. As testeiras têm 18 millimetros de espessura e as taboas lateraes 10. Devem ter frestas para arejar e os sarrafos para testeiras como as de laranjas.

Collocam-se 3, 4, 5 e 6 abacaxis em cada caixa, horizontalmente, numa só camada. com os pedunculos encostados ás testeiras em forma de xadrez e as corôas ao centro, devem se ajustar bem, para o que, se preciso, podem-se utilizar das renovas dos refugos, depois de um pouco murchas ou melhor, cada fructo póde ser envolvido em uma folha de papelão canelado.

Os fructos antes de serem encaixotados devem ficar uma noite na casa de embalagem, para esfriarem.

Depois de encaixotados, com a menor demora possivel devem ir para o frigorifico.

Antes de sahir do frigorifico a temperatura deste deve ser gradativamente elevada.

Os cuidados todos com o abacaxi devem ser maiores que os das laranjas.

NUMERO 409
ANNO XVIII

DEZEMBRO 1931
1.a QUINZENA

FUNDADA POR GELASIO PIMENTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA JOÃO BRICCOLA N. 10
2.o ANDAR - (Predio Pirapitinguy)

TELEPHONE N. 2-3471
CAIXA POSTAL N. 2874
SÃO PAULO -- BRASIL

DIRECTOR:
PAULO PINTO DE CARVALHO

A CIGARRA COMMENTA...

O Rival. John Smith sorriu melancolicamente ao sentar-se junto della. Observou-lhe a expressão deslumbrada da physionomia, quando ella falava, num extase de admiração, sobre o novo homem que entrara na sua vida. Permittiu que exhibisse os lindos presentes que recebera do outro e deixou que ella continuasse a discorrer enthusiasticamente sobre o rival recem-chegado.

E John Smith, que tinha sido o primeiro e o unico homem que até a vespera apparecia na vida e no pensamento della, comprehendeu que era pela sua propria culpa, como o resultado das suas acções, que tinha sido supplantado, no coração della, por um rival formidavel.

Semanas antes, elle mesmo dissera-lhe o nome do outro e annunciara a sua proxima visita. O outro, mais velho do que elle, tinha sido o heroe dos seus dias de creança, até que o maior conhecimento da vida mostrasse a John Smith que o pedestal, sobre o qual colocara o heroe, era inteiramente illusorio.

Ainda, falando do outro para ella, John Smith deixara entrever qualquer coisa da velha adoração que tivera por esse que era agora o seu victorioso rival. E dissera o bastante para que ella esperasse a vinda do outro, com indisfarçavel impaciencia, dedicando-lhe antecipada sympathia...

E agora o pobre John Smith estava derrotado, por terra... E tinha ainda de ouvir o hymno de louvores que ella dedicava ao rival, embora, na verdade, ella não o conhecesse pessoalmente...

Com algumas palavras bem simples, John Smith poderia desilludil-a... Era facil, si quizesse, afastar o rival do seu c o r a ç ã o... Mesmo, poderia expulsal-o da existencia della...

Mas, John Smith não quiz dizer nada. Preferiu calar. E, mais uma vez, sorriu melancolicamente. Seria melhor deixal-a na sua illusão... Mais tarde, ella mesma descobriria tudo, a respeito do rival...

E John Smith pensou muito... Era ridiculo e deshumano, só porque elle era um papá muito amoroso, ter ciumes de Papá Noel e, na manhã de Natal, contar á sua filhinha que esse heroe, que no momento occupava no seu coração um logar maior do que o de John Smith, verdadeiramente não existia...

O Natal na literatura extrangeira Dentre todas as literaturas do mundo é a ingleza aquella que já produziu as mais bellas e mais puras paginas de poesia sobre o Natal. Papá Noel é uma fonte de inspiração admiravel para romancistas, poetas, chronistas e até philosophos que vasam o seu pensamento artistico no idioma illustre de Shakespeare.

Só o exemplo de Dickens basta para demonstrar o culto encantado que a literatura britannica dedica á festa maravilhosa que ha dois mil annos se repete e é sempre nova para os corações enternecidos do mundo. Tão grande é a influencia desse "motivo" de poesia na obra do creador de "David Copperfield", que o grande critico Gilbert Chesterton escreveu toda uma obra de analyse sob este expressivo titulo "Dickens e o Natal".

Mas, a literatura moderna da Inglaterra mantem a tradição dickensiniana. E, annualmente, quando vem dezembro, surgem em todos os jornaes e revistas londrinas verdadeiras obras primas de ternura, de emoção, de humorismo, cujo assumpto é Natal ou Papá Noel. Entre essas pequeninas joias literarias, encontra-se a historia deliciosa e ingenua de Herbert Helps, que traduzimos e transportamos para esta pagina. Os garotos brasileiros vão lel-a ao mesmo tempo que os meninos inglezes. E' que o conto foi publicado no numero de Natal, deste anno, da revista "Passing Show", que, por ser preparada com antecedencia, é distribuida no extrangeiro ao mesmo tempo que na Inglaterra.

Presentes de Natal
Westinghouse
ANTES DE DECIDIR A COMPRA DE SEUS PRESENTES REFLICTA SOBRE:
— o bem estar que proporciona a brisa suave de um ventilador silencioso e moderno;
— a commodidade de uma torradeira electrica que, automaticamente, vira a torrada e dá signal quando a mesma está prompta;
— as vantagens de um aspirador de pó que, ao mesmo tempo, é enceradeira e que, além disso, espalha a cêra electricamente;
— a segurança de um ferro electrico que desliga automaticamente quando está sufficientemente quente, tornando a ligar quando precisa mais calor.
UNICOS DISTRIBUIDORES:
BYINGTON & Cº
São Paulo - Rio de Janeiro - Santos - Porto Alegre - Curityba - Recife - Bahia
Westinghouse
W
WESTINGHOUSE ELECTRIC

MARCHA DO SOLDADINHO

MARCHA DO

Esta composição foi escripta a pedido da sra. Isabel Azevedo von Ihering, directora da "Tarde da Criança", para servir como prova de leitura de manuscripto á primeira vista, no concurso de jovens pianistas ao "Premio Chiaffarelli", realizado em dezembro de 1929.

Seu autor, o dr. Octavio Pinto, inspirou-se, ao compor "Marcha do Soldadinho", em motivos infantis de graça deliciosa, transformando-os e estylisando-os com uma sensibilidade admiravel.

O baptismo official desta composição foi feito pela brilhante pianista sra. Guiomar Novaes Pinto, esposa do autor, em janeiro de 1930, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, tendo sido bas-

SOLDADINHO

tante apreciada, como, aliás, tudo o que sae dos dedos magicos da notavel pianista brasileira.

Mais tarde, a conselho do nosso grande Villa-Lobos, o dr. Octavio Pinto escreveu uma série de "Scenas Infantis", incluindo, nellas, "Marcha Soldadinho".

As "Scenas Infantis" foram executadas em Buenos Aires, no dia 22 de junho de 1930, pela sra. Guiomar Novaes Pinto, merecendo do notavel critico da "Prensa", sr. Talamon, os mais lisonjeiros commentarios.

"A Cigarra", publicando com seu Numero Extraordinario de Natal esta linda composição ainda inedita do illustre compositor brasileiro dr. Octavio Pinto, offerece aos seus leitores uma das mais bellas paginas de nossa musica moderna.

24$000
assigne
"A Cigarra"

PHILOE'...

Especial para a "Cigarra"

E a canôa avança. A agua verde do Nilo bebe, aos poucos, a espuma ferida pelo remo... O sol doura as areias do deserto, envolvendo a pobreza das margens no manto do nascente. As ibis heraldicas, nas azas espalmadas, levantam o vôo, dentre os papyros flexiveis, banhados pelas aguas do rio...

Longe, ao norte, o ronco da cataracta, — manto de fumaça, separando regiões lendarias. Mais além, Thebas de cem portas ficou no horizonte, avultando pela vetustez de suas móles de pedra... A esphinge, — a belleza dominando a força, sorri alvar, propondo ao viajor o mysterio do deserto.

A montante, a silhueta verde de uma ilha recorta-se na agua verde do rio. Mais perto, o templo massiço, coberto de hyeroglyphos esconde-se mal, entre as arvores.

Chega... Pisa, com os pés nús, o barro cinza do alu-

vião e ala a prôa da embarcação para a praia exigua.

Penetra no santuario. Columnas pesadas, contando o triumpho dos Pharaóes, que levaram o imperio do Egypto até o fundo da Ethiopia, trazendo como escravos os reis, filhos de Couch. Carros de guerra, guiados por homens vermelhos, rodando immoveis no syenito da parede.

Um sacerdote, vestes talares, braços de bronze sulcados de veias, passa levando bolos para o crocodilo sagrado, que dormita ao sol.

E a oração chega-lhe aos ouvidos, nitida no silencio que envolve a natureza recolhida.

— Oh deus! tu que incarnas os soberanos senhores da Thebaida e do Delta e que proteges Philoé, a perola do Nilo, tu que diriges as inundações do Rio Sagrado, acceita os bolos que teu servidor te offerece. Quando morrer, e meu Ka se apresentar deante de Osiris, faze com que a balança penda para o Bem...

Assim dizendo, abre a bocca do animal e lança-lhe os bolos, reverente, no exercicio do ritual quotidiano.

O remador forasteiro vel-o afastar-se, vulto hieratico quasi a confundir-se com as decorações das paredes de tons glaucos. Silencio. Meditação. Recolhimento.

* * *

Pela margem do rio, agil como o vôo da ibis sagrada e flexivel como o papyro, segue a caçadora.

Subito, pára, o olhar vivo, o ouvido attento ao rumor quasi imperceptivel. E logo, escondida por detraz de uma columna em ruinas, fica á espera da caça, desejada e arisca... lyras de cauda recurva, cegonhas brancas, o lobo cinza da Etheopia.

No templo, a meditação fôra longa. O remador, afinal, transpõe o portico, rumo á canôa que o trouxera.

Elle caminha a relembrar uma tradição, repetida pelos sacerdotes de Sais.

— Em Philoé, a ilha que-

rida de Osiris, os animaes favorecem o amôr. Guiam ao encontro, os dois entes que se devem amar e procuram unil-os indissoluvelmente.

O sorriso que se esboçava nos labios desapparece. A natureza silenciosa, adormecida, desperta com o sibilo agudo de uma flexa que passa, como que a assobiar um cantico de morte. E a aguia despotica do Nilo mancha de rubro a agua espelhada e modorrenta.

O barqueiro volta-se e busca conhecer de onde partiu o caniço flexivel, levando na sua fragilidade a morte inexoravel.

E a tradição da ilha, mais uma vez, vae cumprir-se. Os animaes conduziram-se junto áquella que deveria partilhar o seu destino. Os despojos da ave possante, azas desconjuntadas, á mercê da corrente, lembram uma victima immolada a algum deus, propicio ao amôr e á mocidade, estuante, irresistivel...

Ao longe, no ouro do dia radiante, desenham-se as collinas da Arabia, como meharа brancos, ajoelhados no deserto...

* * *

Quando, em Outubro, a agua barrenta do Nilo cobriu as estacas das casas, estabeleceu-se em Heliopolis um casal que viera do Alto-Nilo, arrastado pela cheia.

DALMO BELFORT

DELIRIO ALCOOLICO

Salomé, apenas por um bailado,
teve cortada em suas mãos a cabeça
do proféta Yokanan.

Você, bem mais cheia de uma maldade felina,
não quis cortar minha cabeça,
só para vir dansar dentro dela.
E a musica de minha vida se gastando
é o ritmo de sua dansa
no meu cérebro alcoolisado,
que estála e dói em cada movimento
de sua imagem bailarina.

Os meus olhos paralisados
querem se voltar para dentro de mim
e ver seu corpo curvejando
por entre as minhas circumvoluções anárquicas.

Mordo a ponta nicotinisada do cigarro
na falta da carne quente de seus lábios.

Sinto arrepios frios nas minhas barbas que cresceram
na ausencia de suas caricias
de cortesã e de creança.

E o silencio de meus musculos retêsos é um grito de dôr,
porque você, dentro de minha cabeça,
é uma angustia que dansa...
é
uma
angustia
que
dansa...

MATHIAS SIMÃO ESCREVEU

ROMEU ILLUSTROU

AS GRANDES FORTUNAS DO MUNDO

"Fortune", a luxuosa revista norte-americana, dedicada exclusivamente aos assumptos economicos e financeiros, publicou recentemente um curiosissimo estudo a respeito dos homens mais ricos do universo contemporaneo. Para constituir essa galeria dourada de archi-millionarios, a illustração nova-yorkina não se contentou com os nomes dos Mellos, dos Morgan, dos Ford, dos Rockfeller, emfim as culminancias individuaes do ouro nos Estados Unidos. Pelo contrario, extendeu o olhar por todo o planeta e foi apontando as figuras da Asia, da Europa, da Africa e mesmo da America do Sul, que possuem formidaveis riquezas.

A primeira lista desses expoentes humanos do dinheiro consta de trinta nomes. Julgamos interessante transcrever as noticias publicadas por "Fortune" sobre alguns desses archi-millionarios. Nessa nossa primeira colheita, apparecem quatro entre as trinta figuras visadas. E, entre ellas, conta-se a do Conde Matarazzo, que tambem foi escolhido pela revista norte-americana para compor a galeria dourada.

Aga Mohamed

IVAR KREUGER

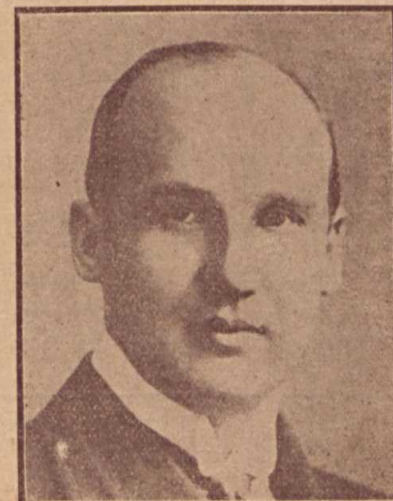
conseguiu acumular uma fortuna gigantesca, produzindo e vendendo um artigo aparentemente insignificante. Esse artigo é o phosphoro. E de cada quatro phosphoros que se accendem no mundo, tres pelo menos procedem da fabrica central de Kreuger, na Suecia, e das outras 250 que tem espalhadas pelo mundo inteiro.

Kreuger viveu grande parte da sua mocidade nos Estados Unidos. Em 1913, voltando á Suecia, sua patria, entrou nos negocios da producção de caixas de phosphoros, para ajudar o seu pae que, tendo uma fabrica desses productos, se encontrava em grandes aperturas financeiras. Dentro de pouco tempo, empregando nova technica industrial e melhores methodos de venda, Ivar Kreuger conseguiu tornar florescente a industria paterna. Em seguida, absorveu a producção de algumas pequenas fabricas concorrentes. E, em breve, apparecia como o centro da maior companhia de producção de phosphoros da Suecia.

A conquista de monopolios de phosphoros tem sido a especialidade de Kreuger. Em muitos paizes da Europa e da America do Sul, a distribuição e venda de phosphoros constituem monopolios do governo. Kreuger emprestou dinheiro á Polonia, Perú, Grecia, Equador, Hungria, Esthonia, Yugo-Slavia e Rumania, em troca da concessão desses privilegios officiaes. O phosphoro que se accende em todos esses paizes é de fabricação Kreuger. Em 1927, tendo acudido ao governo da França, numa hora de terrivel crise financeira, obteve uma concessão de vinte annos para explorar a venda de phosphoros naquella nação. Era mais uma perola para o seu collar...

Kreuger possue tres hiates, uma ilha e sumptuosas residencias em Stockolmo, Nova York, Paris e Berlim. E'

Conde Matarazzo

H. R. A. Grocvenor

Ivar Kreuger

solteiro e não frequenta os circulos do alto mundanismo. Os photographos e os reporters não conseguem apanhal-o em Biarritz ou Deauville.

A' porta do seu escriptorio, ha sempre uma tocha accesa. E' uma homenagem ao fogo, de onde deriva a sua fortuna.

CONDE MATARAZZO

Pode-se dizer que a maior parte das industrias do Brasil (não contando, naturalmente, com as do café) foi fundada pelo Conde Francisco Matarazzo. Era sua a primeira fabrica de conservas; creou a industria das farinhas no Brasil, assim como as industrias de oleo. Tambem deu novo alento ás industrias fabris. Hoje, membros da sua familia são manufactureiros, banqueiros, donos de empresas de navegação, importadores e exportadores. Possuem moinhos de arroz e de farinha de trigo, empresas de impressão lithographica, distillarias de alcool, companhias de distribuição de filmes cinematographicos, fabricas de perfumes, vias ferreas, navios.

Nascido na Italia, em 1854, tendo emigrado quando rapaz, o Conde Matarazzo é hoje o industrial mais representativo do Brasil. Ainda dirige hoje, activamente, o vasto bloco das Industrias Matarazzo.

No Brasil, tambem deve merecer consideração a fortuna da familia Guinle, cujos capitaes se encontram invertidos principalmente em serviços publicos.

DUQUE DE WESTMINSTER

Huge Ruchard Arthur Grosvenor, segundo Duque de Westminster, uma das maiores fortunas da Inglaterra, procede bem de accordo com as melhores tradições dos duques que apparecem nos filmes americanos. Viajando constantemente de Paris a Monte Carlo, dahi para Biarritz e de Biarritz para Nice, o opulento aristocrata leva sempre comsigo, em todas essas excursões de prazer, vinhos velhos e mulheres novas. Diverte-se, muitas vezes, atirando do seu hiate ao mar, ricos aneis de brilhantes, para assistir ao espectaculo das "girls" de "cabaret" que mergulham para apanhal-os.

A fortuna do Duque de Westminster repousa principalmente sobre os grandes terrenos que possue na parte mais central de Londres, formando um conjuncto só comparavel, em importancia, á area que a familia Astor possue em Nova York.

AGA KHAN

E' o chefe e o guia espiritual de cerca de sessenta milhões de mahometanos da India, quasi um terço da população total da grande possessão britannica. Apesar da sua alta posição, Aga Khan acha tempo para jogar o "golf", dansar o tango, jogar roleta em Monte Carlo. Possue, além disso, um dos mais opulentos "haras" de cavallos de corridas da Europa.

Em dezembro de 1930, casou-se com Mlle. Jane Andrée Carron, uma costureira parisiense. Embora Aga Khan gaste a maior parte do seu tempo na Europa, gosa ainda de formidavel influencia na India, por ser descendente directo (em quadragesima oitava geração) de Mahomet, fundador do Islamismo. Para se ter idéa da fortuna de Aga Khan, basta dizer que só a sua collecção de rubis foi avaliada em 50 milhões de libras.

MANEQUINS

DE AMOROSO NETTO

Especial para "A Cigarra"

Um típo interessante aquele homem.

Todas as tardes, á mesma hora, lá estava êle parado junto á vitrina da casa de modas. Interessante e exquisito. Cabelos "á la poéta"; rosto fino e pálido; olhos encovádos com as pupilas a saltitar como duas bolinhas de vidro vêrde. O traje, era sempre o mesmo: jaquetão vélho e surrádo; calças á fantasia, estreita e lustrósa; sapatos vélhos sempre engraxados e polainas, cuja côr primitiva deveria ter sido cinzênta. Sob os braços, alguns jornaes e revistas. Usava *pince-nez* e colarinho duro tão alto, que lhe eclipsava o pescoço e parecia uma colúna de mármore branco a servir de suporte á uma cabeça mumificada.

Todas as tardes, ás 5 horas, quando passava a caminho da casa de chá, onde nos reuniamos, depois de um dia trabalhôso e enfastiante, pelos corrêdores do tribunal, inquirindo testemunhas ou acusando em audiência, eu o via, estasiado, a contemplar as artisticas bonécas e os luxuósos modêlos, acabados de chegar de Paris. Quando coincidia que estivesse olhando para o movimento da rua, tirava amavelmente a sua palhêta *côr de terra* e cumprimentava-me com um sorriso que lhe sulcava a face de rugas, deixando entrevêr a dentadura salpicada de remêndos de ouro.

Eu lhe fôra apresentado por um amigo, na repartição onde trabalhavam, em ocasião em que, necessitando com urgencia de uma certidão, pedira-lhe que intercedesse por mim junto ao encarregado do serviço. Chamava-se Almeida. As poucas vêzes que conversámos e sempre por ocasio de pedir-lhe algum favôr que se relacionasse com a minha profissão de advogado, tive a impressão de que era um psicastênico. De resto, isto se percebia no decorrer da conversa, pela intromissão de assúntos estranhos aos de que se tratava no momento. Para alguns colégas de repartição, entretanto, estes fátos eram fruto do acúmulo de serviço a cargo do Almeida, que dirigia o serviço da sua secção.

O Albuquerque, que m'o apresentára, dissera-me ser êle, o individuo mais interessante que jamais conhecêra: intransigente e enérgico nas horas de serviço, era prestimoso e amavel quando procurado por um colégа que lhe solicitasse um favor ou que lhe pedisse o descônto de vales por conta dos vencimentos. Não cobrava juros.

Poéta, escrevia para o jornalzinho da sua cidade versos inflamádos de amôr. Certa vez o Albuquerque encontrára na repartição, sôbre a mesa do Almeida, uma poesia, que classificára de *antropofágismo-romantico*, dirigida á mulher de seus sonhos, como êle a chamava. Convidado pelos colégas para uma *farra*, esquivava-se, dizendo ter um compromisso com uma linda mulher que anciósa o esperava. Nunca ninguem o vira com mulher alguma e diziam-no até timido e avêsso a conquistas amorosas.

Passaram-se os tempos e, novamente obrigado pela profissão, fui á repartição á procura do Almeida. Lá, tive uma triste notícia: o Almeida suicidára-se naquéla manhã. Haviam-no encontrado morto no quarto da pensão: cortára as veias dos pulsos e o sangue escôara-se em uma bacia. Deixára duas cartas: uma dirigida á policia e outra para ser publicada no jornalzinho da sua terra. A policia abríra inquerito: tratáva-se, ao que parecia, de um caso de amôr.

Voltei ao escritório entristecido pela morte do Almeida; apezar das suas exquisitices era um bom rapaz e eu lhe devia alguns favôres.

Na manhã seguinte, lendo os jornaes, deparei com esta notícia:

"Suicidio original. Suicidou-se hontem, ás 2 horas da madrugada, o sr. Plutarco de Almeida, funcionario publico, com 29 anos de idade, residente á rua... A morte deu-se em consequencia de abundante hemorragia, produzida pela secção das veias dos pulsos. O suicida deixou duas cartas que a seguir publicamos:

Senhorita Julita Perez da Fonseca, uma das nossas mais brilhantes cantoras, que alcançou grande exito na ultima irradiação pela P. R. A. R.

"Illmo. Snr. Dr. Chefe de Policia.

Ferido profundamente no meu amôr proprio e não podendo suportar a humilhação de que fui vítima, resolvi suicidar-me. Ninguem deverá sêr culpado por este meu géstо e, essa resolução, eu a tomo em perfeito uso e gôzo das minhas faculdades mentaes."

A outra, que é dirigida a um jornal e que foi apreendida pela policia, é a seguinte:

"Snr. Redator.

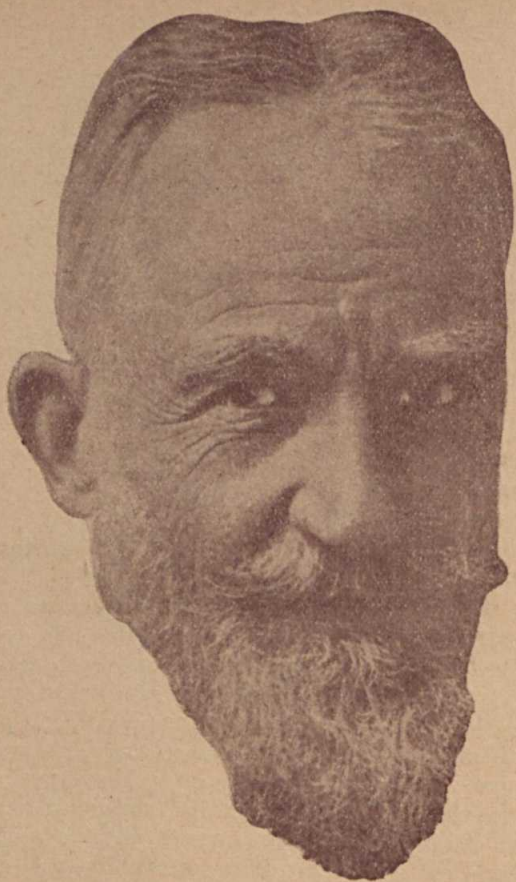
Saudações.

Infinitamente grato pela acolhida que tem dispensado aos meus trabalhos e á sua particular atenção para comigo, envio-lhe esta carta aberta que peço o favôr de publicar, pelo que, mais uma vêz agradeço.

CARTA ABERTA

"Minha senhora.

Desde a primeira vêz em que tive a infelicidade de vê-la, e isto naquéla tarde fria e chuvósa em que me abriguei sob o tôldo da casa onde trabalha, senti que, uma grande afeição por si, nacía em meu peito. Desde então, todas as tardes, ia admirá-la. Não poderá avaliar como me sentia feliz quando, contemplando-a através os cristáes da vitrina, ora vestida com riquissimas roupas de saráu, ora em trajes de passeio, causando a admiração dos que passavam, pela sua elegancia de trajar e seu porte graciôso e nobre. Se os elogios que lhe eram dirigidos me deixavam ufano e orgulhôso do seu amôr, de outro lado, me irritavam as considerações invejósas das mulhéres que pretendiam criticar a sua elegancia e formosúra, sem que ao menos possuissem um vislumbre siquér, de qualquer desses dois predicados.

(Continúa á pg. 42)

HEROES DA VIDA MODERNA

GEORGE BERNARD SHAW

O septuagenario que é o homem mais joven da europa

PROCURANDO definir o traço essencial da indole e do pensamento de Bernard Shaw, um critico, si não nos falha a memoria, inglez — Gilbert Chesteron, — conta um apologo delicioso.

Imagine-se — figura o escriptor — que para uma creança enfermiça se tenha creado um alimento perfeito, de accordo com todos os preceitos scientificos. Um mingau, por exemplo, que contenha raras virtudes nutritivas e satisfaça todas as exigencias da hygiene. E supponha-se ainda que a criança, por um desses irresistiveis caprichos infantis, não queira comer o mingau. Insiste-se para que ella acceite o alimento. A criança recusa-se sempre, numa teimosia invencivel. Verificado que ella não engulirá o mingau, que faz uma pessôa commum? Joga fóra o mingau. Bernard Shaw não procederia assim. Jogaria fóra a criança. Porque o mingau é que está certo...

Nessa parabola expressiva, está marcado todo o pensamento shawiano, isto é, a sua falta de sentimentalismo, a sua inhumanidade, a sua logica fria, a sua tendencia a subordinar os impulsos do coração aos rigidos postulados da Razão.

Em todas as acções e em todas as idéas de Bernard Shaw ha sempre uma repetição da historia do mingau e da criança. Apenas, esse puritano terrivel sabe disfarçar-se sob a mascara do humorista. Elle joga a criança fóra, mas joga-a alegremente, entre duas piadas magnificas.

Shaw é o paradoxo vivo. E' um homem de setenta e seis annos e Pirandello disse delle recentemente que é "o sêr mais joven da Europa". Nasceu na Irlanda e, na opinião de Wells, Shaw é mais inglez do que a propria Ingraterra. Renova a tradição do grande theatro shakspeareano e declara-se inimigo pessoal de Shakspeare. Tem horror ás guerras e é o espirito mais combativo do mundo. Odeia as mulheres como não o fez Schopenhauer. E o seu maior livro é de exaltação de uma mulher — Joanna D'Arc. Proclama-se o maior cabotino de todos os tempos e, só em reconhecer isso, revela a sua incomparavel modestia. E' um inveterado bohemio, um bohemio que até já se appellidou, num extase de extravagancia, de Shaw-Sardanapalo. No emtanto nunca bebeu alcool, não come carne, não conhece um só prazer puramente material. E, para o maior dos seus biographos, — o já citado Chesterton — si tivesse nascido em outra época, Shaw seria um santo. Mas, um santo que estaria sempre discordando de Deus...

Seria impossivel enumerar todos os contrastes dessa personalidade contradictoria. O homem que processou Antoine porque exagerou uma scena de amor, na representação da sua peça "Candida"; o dramaturgo que se orgulha de nunca ter posto um beijo em todo o seu theatro, é o mesmo creador dessa ultra-realista comedia "A Profissão da Senhora Warren", que foi prohibida pela censura britannica.

Quando todo o mundo louvava ou criticava Ibsen pelo seu idealismo, Shaw apontava o autor de "Hedda Gabler" como o maior dos realistas. Na sua famosa peça "A Outra Ilha de John Bull", faz um cidadão inglez tornar-se o chefe do nacionalismo irlandez. Em "O Homem do Destino", affirma que Napoleão era um genio em quasi tudo, menos em assumptos militares, nos quaes demonstrara uma incompetencia deploravel. Em "As Armas e o Homem", mostra uma joven romantica que abandona o noivo heroico para casar-se com um soldado covarde e mercenario. Em "Santa Joanna", apresenta Joanna D'Arc como a precursora do Protestantismo. Em "A Casa dos Corações Despedaçados", crêa um ladrão que é ameaçado pela victima porque elle quer confessar o crime e entregar-se á prisão. Em "O Homem e o Super-Homem", personifica em D. Juan Tenorio o desejo masculino de libertar-se da tyrannia primitiva do amor. Em "Androcles e o Leão", dá a entender que Judas Iscariotes foi o unico discipulo de Jesus que chegou a acreditar na sua divindade.

Philosopho que aos setenta annos quer aprender a dansar tango; individualidade absorvida pelos mais graves problemas politicos do mundo e que se declara um "palhaço de feira"; homem que diz pensamentos profundos numa forma risonha; capaz de todos os egoismos e todos os desprendimentos, George Bernard Shaw é o mais romantico dos adversarios do romantismo, o mais bellicoso inimigo da guerra, o homem que vive a confirmar e a desmentir George Bernard Shaw.

Para passar um agradavel fim de anno e para entrar com alegria no anno vovo
compre
um

RADIO PHONOGRAPHO
COMBINADO

Columbia

(Modelo 939)

que lhe proporcionará, com trabalho minimo, as ultimas novidades para dansa gravadas pela **Columbia:**

5657-B — **Singing a song to the stars** (Cliff Edwards — Ukelele Ike.
The kiss waltz — Ruth Etting.

5659-B — **With my guitar and you,** fox trot
Ben Selvin e sua Orchestra.
Live and love to-day, fox trot
The Columbia Photo Players.

5664-B — **Whistling in the dark,** fox trot
Building a home for you, fox trot
Guy Lombardo e seus Royal Canadians.

22051-B — **Viver sem carinho,** maxixe instrumental
You're driving me crazy, fox trot
Columbia Brasil Dance Orchestra.

22047-B — **Dansando com lagrimas nos olhos,** valsa-vocal. Ely Barreiros acomp. pela Orchestra Colbaz.
Voando sem azas, chôro instrumental.
Orchestra Colbaz.

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE MUSICA E NA SECÇÃO DE VAREJO DOS
UNICOS DISTRIBUIDORES:

BYINGTON & C°

S. PAULO, Largo da Misericordia, 4.
RIO DE JANEIRO, R. S. Pedro, 68-70.
RECIFE - BAHIA - PORTO ALEGRE
SANTOS - CURITYBA.

Uma entrevista

Foi um sonho?

Não sei... Posso apenas affirmar que amanheci hoje com a scena bizarra bem viva na minha memoria. Não sei si ella reproduz realmente o que os meus olhos viram e o que o meu ouvido escutou, ou si constitue apenas a lembrança de qualquer phantasia que passou pela minha cabeça, quando estava dormindo.

Seja sonho ou realidade, vale, talvez, a pena contar a historia que ainda agora tenho presente no meu espirito. Tenham paciencia os leitores... Não sei guardar commigo os meus segredos...

Foi assim... Na doçura da noite longa, eu procurava um remedio qualquer para a insomnia. Tentara já quasi todos os recursos conhecidos. Lêra as chronicas literarias de todos os jornaes do dia. Commettera, mesmo, o heroismo de apanhar o romance de um membro da Academia de Letras e me dispuzera a ler alguns periodos. Cheguei á temeridade de reler até o que já escrevi. E nada... O somno não vinha...

Desilludido, deixei toda essa literatura soporifera que já não fazia effeito. E, uma vez que me era impossivel dormir, quiz ler um livro realmente bello, um livro que disfarçasse a inquietação daquella noite vazia. Lembrei-me que, na estante, abandonada ha muitos annos, vivia o meu velho amigo Dickens. Vali-me desse antigo companheiro espiritual da minha adolescencia. Apanhei uma das mais tocantes das suas obras — "Conto Phantastico do Natal" — e, folheando-lhe as paginas tão conhecidas, alheei-me das cousas do mundo, para entrar num paiz encantado de suaves maravilhas... Ia em meio a minha leitura feliz... As formas grotescas e meigas, que o genio bom de Dickens soubera crear naquelle livro, já se moviam deante da minha imaginação deslumbrada...

Nisto, ouço o tinir agudo da campainha... Estremeci, assustado. Quem poderia ser? Qual o extravagante que desejava visitar-me áquella hora avançada da noite?

Mal-humorado, um tanto inquieto, fui abrir a porta do appartamento. Longe estava de imaginar a surpreza que me era reservada. Encontrei-me deante de um velho, extravagantemente vestido numa tunica azul, o gorro de velludo vermelho na cabeça branca, grandes barbas descendo como um rio de leite... Mas, nessa apparencia dramatica, havia qualquer cousa de risonho, de suave, naquella personagem extranha. As faces coradas e rechonchudas não pareciam de um ancião, mas de uma creança. E os olhinhos amenos riam entre os cilios, numa expressão indizivel de humorismo ingenuo e de ternura humana.

Tão grande foi o meu espanto ao dar com o desconhecido, que elle houve por bem esclarecer logo a situação. Mergulhou a gorda mão muito alva num dos bolsos da tunica e tirou de lá um enorme cartão de visita. Apresentou-m'o, sem dizer palavra.

Em letras de ouro, no centro do retangulo branco, estava o nome surprehendente: Papá Noel!

Não lhes contarei o que se passou então. Deixo á imaginação dos leitores que componham o quadro da minha divertida e commovedora surpreza. Papá Noel! Então, elle existia realmente? E vinha visitar-me?

Quando passou o pasmo, quando já nos haviamos sentado, commodamente, na sala, e eu tivera a naturalidade de offerecer ao visitante um calice de licor, que elle recusou, Papá Noel explicou-me porque decidira ir á minha procura.

— Meu novo amigo, você, que é jornalista, bem me poderia ajudar a vencer as minhas difficuldades modernas. A vida deste velho e cansado Noel é muito embaraçosa nos dias de hoje. E' mesmo uma vida bem triste...

— Como, Papá Noel?! O senhor, que é o idolo de todas as creanças do mundo, a figura mais desejada quando chega o Natal!

— Sim, meu amigo, apesar de tudo é uma vida triste. E penosa. As creanças modernas são muito sabidas. Já quasi não acreditam em mim. E' um grande esforço que faço para convencel-as de que existo mesmo. Recebem-me com um

GE

com Papá Noel

sorriso cheio de candida ironia. E até me desmascaram... Sim, quantas vezes já desmascararam! Dizem logo: "E' o titio! E' o padrinho! Olha o Juca como fica engraçado com a roupa de Papá Noel!"

E o velhinho continuou:

— E eu fico muito encabulado, sendo assim descoberto. As creanças de outros tempos não tinham essa perspicacia... Entregavam-se facilmente á sua radiosa illusão. E eu vivia feliz no meio dellas, porque não receiava ser identificado. Hoje, não! Ao chegar a uma casa, convenço-me de que os meninos sabem que o pobre Papá Noel é um engano, uma sombra. Conhecem quem foi que verdadeiramente comprou os presentes que são dados em meu nome. E, por isso, já nãc me agradecem...

E como são exigentes as creanças de hoje! E que extranhos pedidos me fazem! Cousas que eu não entendo muito bem... Um garotinho, que eu visitei o anno passado, murmurou com a sua vozinha meiga: "Noelzinho, quando voltar para o anno, traga-me um retrato da Greta Garbo." Outro, disse-me: "Papá Noel, meu pae é general. Quer me trazer uma farda de tenente, para eu poder ser mais do que elle?" Uma pequerruchinha, linda como os amores, pediu-me que eu lhe levasse, na volta, uma baratinha, um "baton" de "rouge" e um cacho de cabellos de Ramon Novarro.

Eu não entendo dessas cousas. Não sei o que me pedem nem mesmo onde poderei encontrar os presentes que me indicam. E isso me entristece, porque eu não gosto de contrariar os garotinhos. São tão sympathicos todos elles... E tão intelligentes...

E ainda não é tudo, meu amigo. Agora, ha creanças que moram em appartamento, nos ultimos andares de predios muito grandes. No meu tempo, não havia desses taes arranha-céos... Hoje, tenho de subir interminaveis escadas, para ir visitar os meninos desses edificios enormes. Tenho medo de usar os elevadores. Os ascensoristas por certo me reconheceriam e fariam um escandalo de todos os demonios, com perdão da palavra... Só o Martinelli dá para me tirar a força das pernas. Estou muito cansado. Eu queria que você dissesse, pela revista para onde escreve, que Papá Noel este anno não distribuirá muitos presentes. Alguns dirão que o culpado disso é a crise. Mas, o certo é que estou muito fatigado e não posso carregar, sobre os hombros combalidos, muitos brinquedos. E, depois, eu já não sei o que devo trazer para as creanças. Não entendo os seus pedidos. Quer um exemplo? Um menino das minhas relações quer, por força, o presente de um emprego publico? E' impossivel satisfazel-o. Os empregos são para os gaúchos. Elle sabe disso, mas apesar de tudo, pede. E eu fico aborrecido, porque não gosto, como já disse, de contrariar os pequenos...

Papá Noel continuou falando... Mas, já não pude ouvir o resto das suas palavras. E' que o meu creado, esse sempre inopportuno Simão, murmurava bem junto de mim: "Patrão, acorda! Patrãozinho, o café já está prompto. Acorda!"

NO

PAPAE NOEL

ORIGINAL DE BELMIRA DE ABREU

Belmira de Almeida, autora do "sketch" "Papá Noel", representado pela primeira vez deante do microphone da Radio Sociedade Record.

Scena: *Sala em casa de familia da classe média. Alem de outros moveis, uma mesinha redonda. Ao subir o panno, Mãe entra, trazendo varios embrulhos com brinquedos.*

MÃE (*chamando o Filho*) — U'... u'... U'... u'...

FILHO (*entrando contente a correr*) — Trouxe os brinquedos?

MÃE (*escondendo os embrulhos*) — Eu? Não. Papae Noel é que traz...

FILHO (*marôto*) — Hum... Eu sei que não é... Desembrulha.

MÃE — Só se me dér um beijo. (*Filho beija-a e começam a desembrulhar*).

FILHO — Eu não disse que não era Papae Noel?...

MÃE — Pois foi Papae Noel quem me deu tudo isso. Tem cavallinho... Tem automovinho... Tambem um aeroplanozinho... para você fazer um "raid" até o meu coração... (*Entra a Lavadeira, trazendo o embrulho da roupa lavada*).

LAVADEIRA — Boa tarde.

MÃE — Boa tarde. Você esta semana demorou muito com a roupa. (*Filho distrae-se com os brinquedos*).

LAVADEIRA — E' que justamente nesta semana meus dois filhinhos cairam com sarampo.

MÃE — Coitadinhos. E' preciso muito cuidado. Que é que estão tomando?

LAVADEIRA — Chá de sabugueiro.

MÃE — E' bom.

LAVADEIRA — Foi uma luta para trazer a roupa hoje. Os pobrezinhos estão muito impertinentes. (*Reparando nos brinquedos e dirigindo-se carinhosamente a Filho*) Chi! Quantos brinquedos! Você vae brincar com esses brinquedos todos?

FILHO — Acha muito?

LAVADEIRA — Acho...

FILHO — Eu não acho!

LAVADEIRA (*A' Mãe*) — Os meus, coitadinhos, não ganharam nem um alfinete. (*Filho deixa de brincar e fica prestando attenção ao dialogo*). Ha dois annos que Papae Noel se esquece delles.

MÃE — A vida está tão difficil...

LAVADEIRA — O dinheiro da roupa mal dá para o aluguel do quarto. A's vezes fico tão desanimada que a minha vontade é chorar. (*Pequena pausa*). Hontem os meus filhos estavam com tanta febre que nem se lembraram que era vespera de Natal. Mas hoje de manhã quando ouviram as gaitinhas e as cornetinhas dos meninos da vizinhança, lembraram-se. O Zézinho até saltou da cama, com risco de peiorar, e foi ver se tinha algum brinquedo no sapatinho. (*Pausa*). Não tinha nada... Só a senhora vendo o esforço que eu fiz para não chorar.

MÃE — E' triste... E' bem triste... Mas você deve lembrar-se de que á mesma hora em que você chorava com pena de seus filhinhos, muitas mães, ainda mais pobres do que você, tambem choravam... Outras, com seus filhinhos doentes, pediram a Deus que Papae Noel lhes trouxesse remedios... Talvez um pouco de chá de sabugueiro... Seus filhos ficaram tristes, mas tiveram o seu carinho, que nunca lhes faltou.

LAVADEIRA — Ah! Nunca!

MÃE — Mas ha crianças que amanheceram hoje com os sapatos cheios de brinquedos e não tiveram o carinho das mães.

LAVADEIRA — Orphãos, não é?

MÃE — Orphãos, uns; outros, cujas mães deram brinquedos grandes, bonitos, mas foram passar a noite de Natal nos "reveillons" dos grandes hoteis, nas festas alegres que as crianças nunca viram e que são feitas em homenagem a ellas!...

LAVADEIRA — Isso é verdade.

MÃE — Quantas mães compraram brinquedos com dinheiros ganhos por ahi... não sei onde?...

LAVADEIRA — E' mesmo. Mas os meus filhinhos, coitados, não entendem nada disso.

MÃE — Não ganharam brinquedos, mas Papae Noel não se esquecerá do futuro de uma mãe tão boa como você. (*Filho apanha todos os brinquedos e sae*).

LAVADEIRA — Até hoje só lhes teem faltado brinquedos, porque o resto o meu trabalho lhes tem dado.

MÃE — E nunca lhes ha de faltar nada.

LAVADEIRA — Ainda bem que as suas palavras me confortaram. E agora, tóca a trabalhar. A trouxa já está prompta?

MÃE — Já. O rol está amarrado na ponta de um lenço.

LAVADEIRA — Sim, senhora.

MÃE — Pode ir buscar a trouxa lá no banheiro. (*Lavadeira sae e Mãe, pensativa, tira o chapéo, dobra os papeis dos embrulhos, etc.*).

LAVADEIRA (*voltando com a trouxa e seguida de Filho*). Até para a semana. Feliz Natal.

MÃE — Obrigada. (*Lavadeira sae*). Fiquei com tanta pena dos filhos da lavadeira.

FILHO — Eu não fiquei.

MÃE — Não ficou, meu filho?!

FILHO — Não.

MÃE — Porque?

FILHO — Porque eu botei todos os brinquedos dentro da trouxa.

MÃE (*pondo-o ao collo*) — Que filho bom! Que bom Natal para a mamãe!

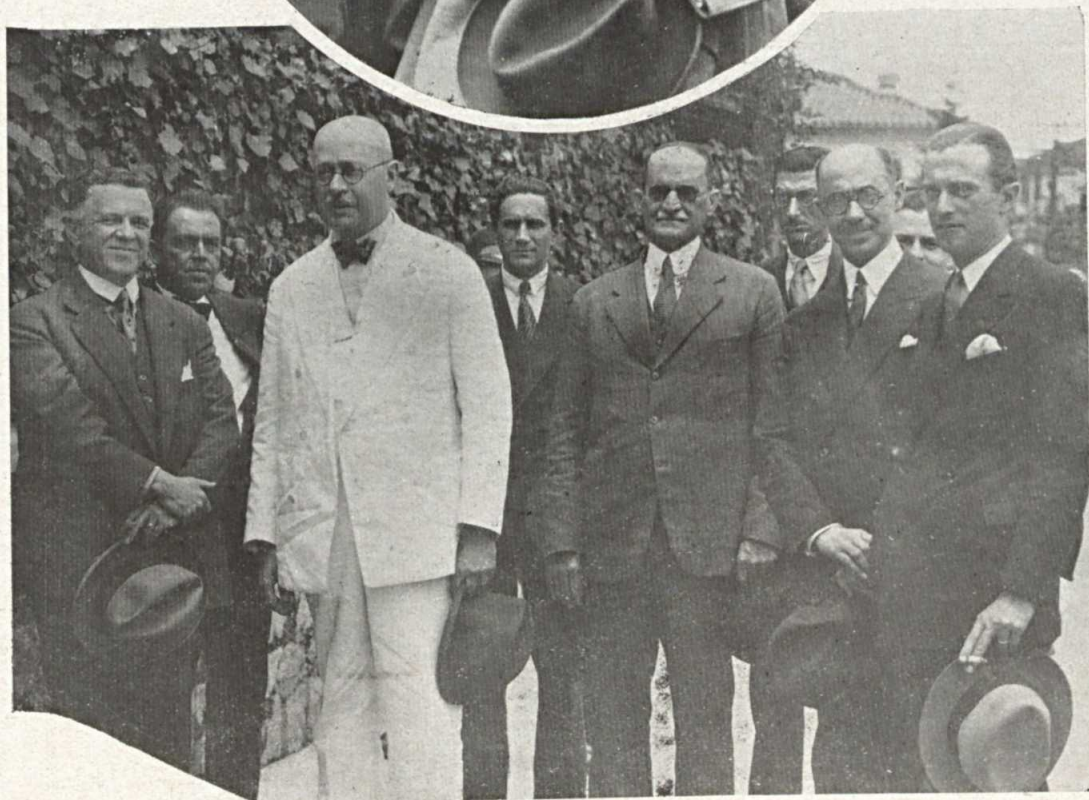
PANNO

(PHOTO MAX ROSENFELD)

NOSSA SOCIEDADE

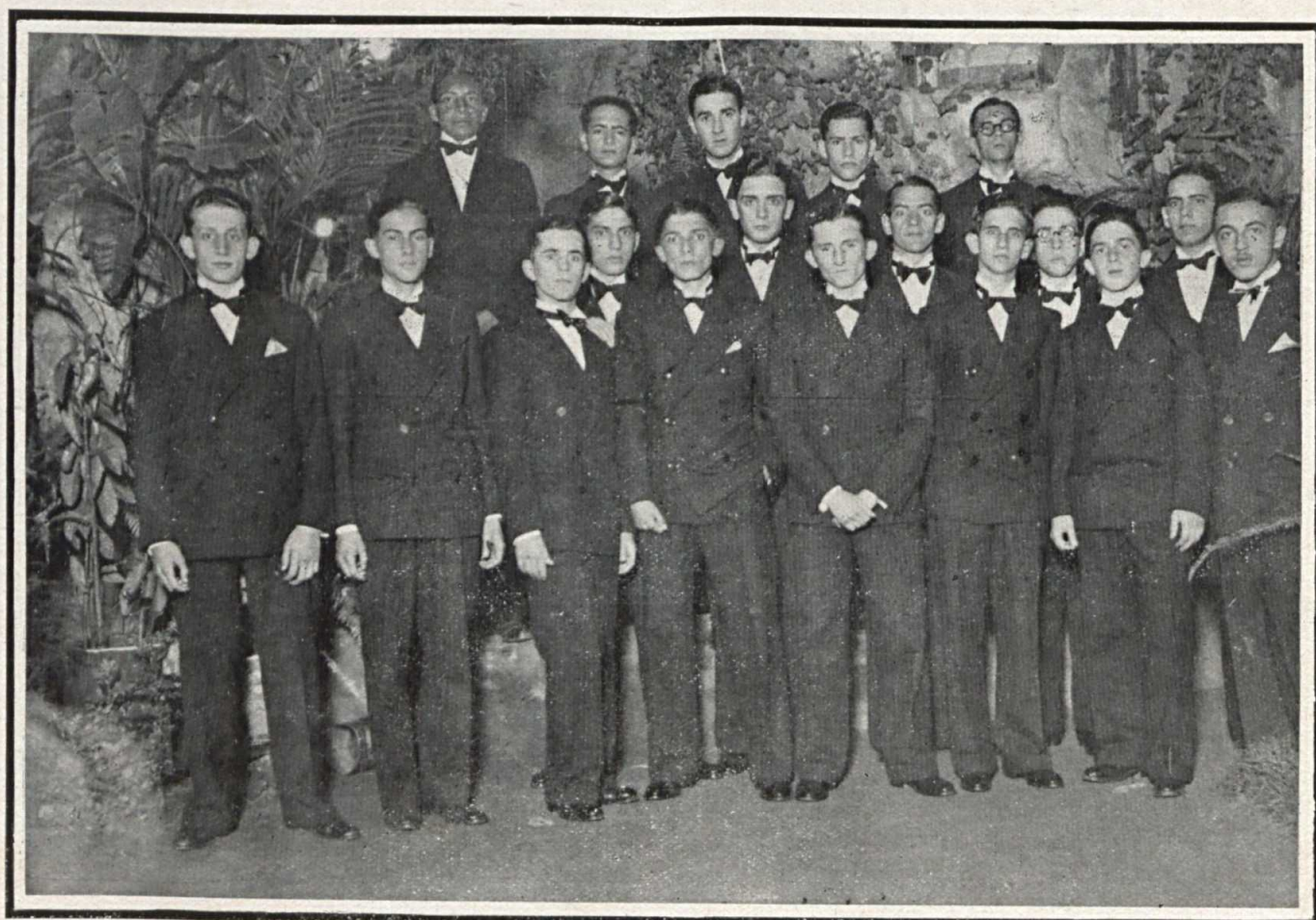
ENLACE
SOUZA QUEIROZ - VIANNA
EM 24-11-1931.

ESPELHO DO MUNDO

1 — O requinte das linhas nos automoveis modernos — eis ahi a ultima baratinha do Principe de Galles. 2 — A oratoria dos politicos que precisam falar ao publico, não é só de palavras. E' tambem uma eloquencia de gestos e expressões physionomicas, como prova o instantaneo apanhado durante a ultima campanha eleitoral britannica. 3 — O rei da Inglaterra é essencialmente uma figura decorativa. Eil-o ahi com o uniforme tradiccional com que se apresenta deante do Parlamento, para lêr a "Fala do Throno". 4 — O Japão civiliza-se... E a prova disso nos é dada por essas graciosas senhoritas de olhos de amendoas, que cursam a escola de aviação civil de Osaka. 5 — A enorme cabeça da ciclopica estatua de Garibaldi que vae ser erigida em Roma. 6 — O presidente eleito da Argentina, General Agustin Justo, é um esportista conhecido. E, quando não disputa com as ondinas de Mar Del Plata provas de natação, fica na praia, posando para os photographos, em roupa de banho... 7 — Os astros são uma classe desunida. Eis ahi como o sol de Palm Beach está escaldando a péle de Richard Barthelmess, que, no céo de Hollywood, é tambem um sol. 8 — Linguagem nervosa expressa pelas mãos dos que protestam.

A amistosa recepção ao dr. José Maria Whitaker

Aspectos das significativas e justas homenagens prestadas ao Dr. José Maria Whitaker, ministro da Fazenda, demissionario, por occasião da sua chegada a S. Paulo. Tendo feito a viagem em automovel, seus amigos o foram esperar á entrada da cidade, no Largo da Penha, acompanhando em seguida o illustre paulista até sua residencia.

EM PREPARO PARA O CORPO

Lançamento da primeira pedra do edificio do Hospital Syrio, vendo-se altas personalidades da colonia syria, pessoas de destaque da nossa sociedade e representantes do governo.

EM PREPARO PARA O ESPIRITO

Bacharelandos de 1931 do "Collegio Archidiocesano", posando especialmente para "A Cigarra" no dia da sua formatura.

NO SALÃO TEÇAYNDABA

A graça dos vestuarios é bem hollandeza, mas a graça das moças é bem paulista. Esse delicioso contraste foi apanhado pela nossa objectiva na ultima festa realizada, no Salão Teçayndába, pelo "City Bank Club" de S. Paulo, formado de funccionarios do mesmo estabelecimento de credito. — Da esquerda para a direita: — G. de Andrade, A. Mattar, A. Frank, Z. Bonchristiani, M. L. Bueno, A. Maluf, P. M. de Souza, J. José, S. Robottom e N. L. Rosa

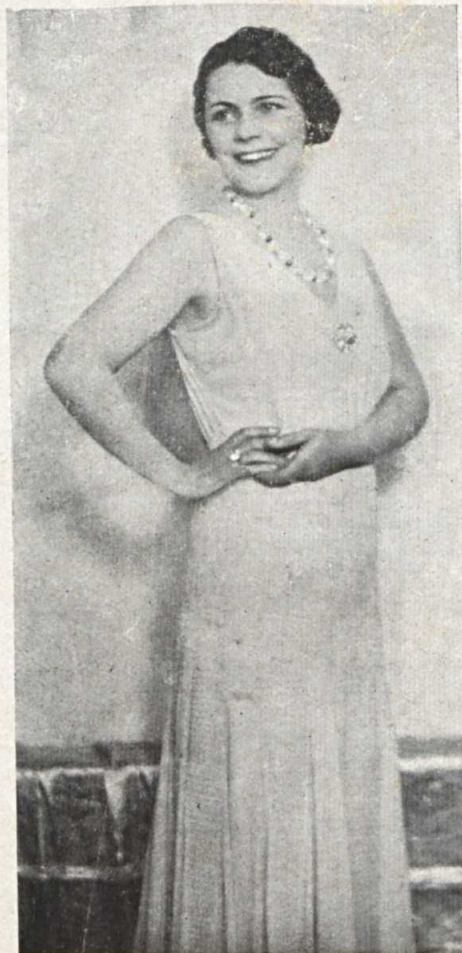
OS SARAUS DA

Leonidas Autuori
(Photo Max Rosenfeld)

Desde o inicio de sua nova phase, A CIGARRA está revivendo os saraus de arte creados por Gelasio Pimenta, seu fundador e primeiro director.

Na divulgação dos nossos valores artisticos Gelasio Pimenta sempre teve sua preoccupação continua e intensa. Nas paginas de sua revista se iniciaram os expoentes de nossa literatura, e, nessas mesmas paginas, os cultores da musica, da pintura, da esculptura, todos os artistas, emfim, dignos de apoio e de estimulo, encontraram o incentivo e a directriz que muito contribuiram para o seu triumpho.

Antonio Munhoz
(Photo Max Rosenfeld)

ESTAS paginas são u... gem da "A Cigarra" ... tes artistas que têm prest... laboração aos nossos sa... dos pela Sociedade R... dora Paulista.

Emma da Rocha Britto
(Photo Max Rosenfeld)

Irene Cunha ...

Alonso Fonseca
(Photo Max Rosenfeld)

A redacção d'A CIGARRA ... irradiavam todas as iniciativas q... resaltar um nome ainda desconhe... Innumeras foram as exposições d... A CIGARRA e os festivaes que ... sagrações de valores novos revela...

Iniciando sua segunda phase, a... quiz fazel-a voltar áquella epoc... intellectual e artistico, reiniciar... raus que ficaram em sua historia... bellas tradições.

Agora, porém, ella os realiza p... é a multidão de ouvintes a que o... levam a expressão do mundo ... seu pensamento e pela sua arte...

DA "A CIGARRA"

...ginas são uma homena-
...A Cigarra" aos brilhan-
...ue têm prestado sua col-
...s nos saraus irradia-
...ociedade Radio Educa-
...

...a Bueno

Murillo Paca de Azevedo

Branca Caldeira de Barros

...RRA era o centro de onde se ...tiv... que tinham por objectivo ...esconhecido do grande publico. ...sições de arte patrocinadas pela ...s que ella promovia eram con- ...revelados por Gelasio Pimenta. ...hoje, a direcção d'A CIGARRA ...a época de intenso movimento ...iniciando os inesqueciveis sa- ...istoria como uma de suas mais

...aliza pelo radio e o seu publico ...que os phones e os altofalantes ...undo moderno, traduzida pelo ... arte.

Os programmas apresentados pela A CIGARRA têm merecido geraes applausos, não só pelo carinho e fino gosto com que são organizados, como pelo valor dos consagrados artistas que os executam.

Eis a razão por que os saraus d'A CIGARRA sempre despertam um invulgar interesse entre os ouvintes da Radio-Educadora.

Correspondendo ás demonstrações de apreço que lhe têm sido feitas, A CIGARRA continuará na sua série de esplendidas audições, obedecendo á finalidade que guiava Gelasio Pimenta na sua obra patriotica e espiritual de diffundir sempre mais os nossos valores artisticos.

Clarisse Leite

Santinha Quadrin
(Photo Max Rosenfeld)

C O N C U R S O   P I A N I S T I C O

Aspectos do interessante "Concurso de jovens pianistas", realizado recentemente na residencia da Exma. Sra. D. Victoria Serva Pimenta. Nas photographias, vêm-se vencedoras do brilhante certamen artistico.

A SITUAÇÃO ACTUAL EXIGE TODA ECONOMIA!

Só o Ford lhe proporciona estas opportunas vantagens:

CONSUMO DE GASOLINA / O carburador Zenith-Ford, que produz uma mistura perfeitamente uniforme de ar e de gasolina é um dos principaes factores da economia de combustivel do Ford. Graças, tambem, ao desenho afunilado da camara de combustão, a "agitação" dos gazes, á medida que o pistão sóbe, é uniforme e perfeita, evitando, ao mesmo tempo, qualquer possibilidade de condensação do combustivel. A explosão que se segue é, logicamente, mais perfeita e mais intensa. Isto, é claro, equivale ao aproveitamento maximo da gasolina (9 a 10 kilometros por litro).

CONSUMO DE PNEUS / O pequeno peso do Ford, devido principalmente ao judicioso uso de peças de aluminio e de partes soldadas electricamente, redunda numa grande economia de pneus. A duração é em media de 25.000 kilometros.

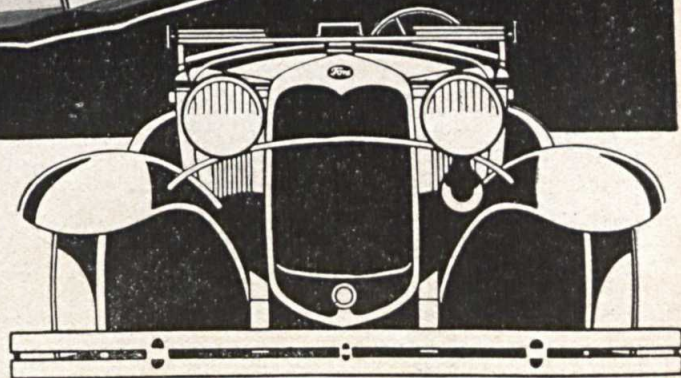
CONSUMO DE OLEO / É notavel a economia de oleo, cujo consumo se acha reduzido á expressão minima, graças ao systema de lubrificação — exclusividade Ford — que consiste n'uma combinação de bomba, gravidade e borrifo.

VALOR DE REVENDA / Ford é o carro que conserva o maior valor de revenda, em proporção ao preço de custo. Isso, porque mesmo usados, são procurados em toda parte, principalmente pelos que desejam um automovel de confiança e economia.

REPAROS / As peças Ford ainda que de qualidade inegualavel, são de preço muito reduzido. A sua construcção reforçada faz com que os concertos sejam raramente necessarios. Os Postos de Serviço das Agencias Ford cobram preços muito modicos pelos reparos que executam. Desta fórma o custo de manutenção do Ford é sempre muito baixo.

CONDIÇÕES DE COMPRA / Devido aos formidaveis recursos da Companhia Ford e á producção em grande escala, o custo inicial do carro é muito reduzido. Além disso o Plano de Vendas a Prazo vem facilitar ainda mais a sua acquisição pondo-a ao alcance de qualquer pessoa, mediante uma pequena entrada inicial e modica prestação mensal.

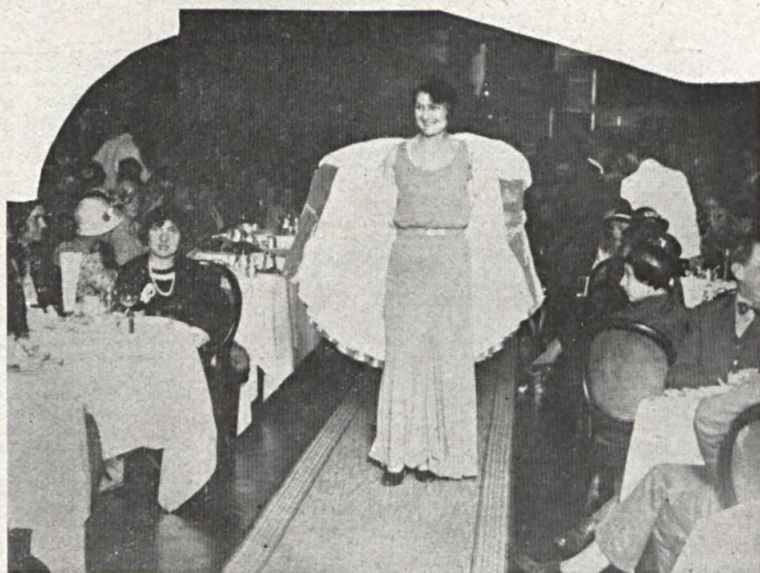
Ford

Os carros Ford são os unicos, em sua categoria, equipados com parabriza "Triplex", que não estilhaça. São tambem os unicos carros cujas partes metallicas externas, são de aço inoxidavel que nunca enferruja nem perde o magnifico brilho original.

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.

Familia do Dr. Jayme Ferreira da Silva

As 3 gerações

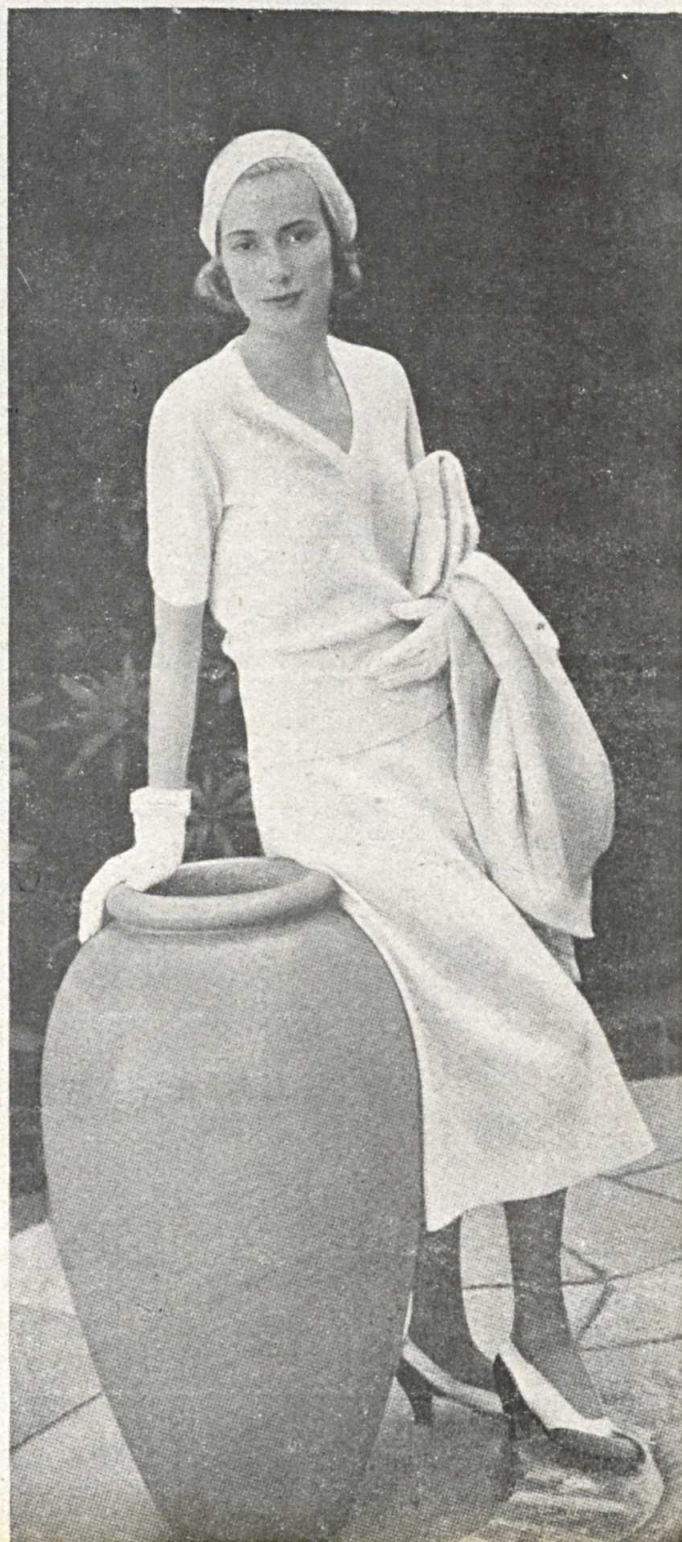
A vovó rodeada dos netinhos queridos e o dr. Jayme Ferreira da Silva e Exma. Senhora desfructando o prazer do quadro encantador.

NA CASA MAPPIN

A nota elegante e humanitaria dos chás beneficientes da Casa Mappin, realçada com o donaire dos seus modelos vivos.

MODA

PARIS & NOVA YORK

PARIS: — Conjuncto branco e preto (Louiseboulanger). Feltro negro, muito cahido de um lado (Louise Bourbon). O manequim é Madame Pierre Champin, "née" Marguerite Pereire.

NOVA YORK: — Uma esportiva symphonia em branco maior... Sweater "bouclé" branco; gorro branco de crochet irlandez; casaco de lã branca; bolsa de esponja branca; luvas brancas. O manequim é... qualquer artista de cinema ou qualquer patinadora dos rinks paulistanos...

COMPETIÇÕES ESPORTIVAS FEMININAS

Athletismo feminino — Attitudes estheticas apanhadas no Club Germania no desenvolvimento do campeonato.

O sr. Monteiro Lobato tendo ao collo a pequena Cléo, com quem ha mantido interessantes palestras transmittidas pela Radio Record.

O dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, illustre historiographo que honrará as paginas da "A Cigarra" no proximo numero.

CARLITO

A maior gloria do mundo!

Depois de estudar reis, heroes, philosophos, estadistas, inventores, sabios e poetas, o grande biographo Emil Ludwig diz que a celebridade de Charles Chaplin, a maior do universo contemporaneo, faz empallidecer até a legenda de Gandhi.

TODA a intellectualidade européa mostra-se muito impressionada com o admiravel estudo que Emil Ludwig, o fulgurante biographo allemão, acaba de publicar em "Newe Freie Presse" de Vienna, a respeito de Carlito e de uma conversação que entreteve recentemente com o extraordinario comico de cinema. Tão interessante é esse estudo, que não nos furtamos de reproduzil-o na integra. E' o que se segue:

O ARTISTA DE UM SO' PAPEL

Vem ao meu encontro, pequeno e agil, com o seu olhar franco e penetrante. A primeira impressão que produz é a de um homem que conquistou, por fim, a tranquillidade que lhe faltou durante muito tempo, ou a força de vontade para fingir essa tranquillidade, si é que ainda não a encontrou.

O seu ar joven surprehende e manifesta-se, principalmente, nos olhos claros e no sorriso que raramente se apaga, descobrindo então uma sombra de tragedia no novo e doloroso gesto dos seus labios.

Pela primeira vez ao encontrar-me com um actor, busco no seu rosto a imagem de um papel. Isso não me havia occorrido até então, porque os demais actores celebres a quem tive occasião de conhecer interpretaram tantos papeis e se transformaram com tanta frequencia que a serie de suas metamorphoses me deixou, afinal, uma impressão de vazio. E isso impediu que me viesse a idéa de evocar, deante do artista, qualquer das personagens por elle já encarnadas.

Em compensação, este homem que tenho agora deante de mim é o unico actor que sempre interpretou o mesmo papel; o unico papel de toda a sua carreira artistica; o papel em que já o admiramos centenas de vezes. Por isso, o homem é já inseparavel da personagem que creou e não posso falar com Charles Chaplin sem pensar que estou dialogando com o Vagabundo.

MAIOR DO QUE GANDHI!

E elle tem sido mesmo, na vida, o Vagabundo. Conheceu e experimentou a miseria e teve o juizo de não esquecel-a, ao alcançar melhor sorte. A miseria, por seu lado, premiou a fidelidade do Vagabundo, inspirando-lhe o typo immortal e universal, que lhe deu fortuna e gloria; o typo em que está assignalado, como um symbolo novo, o destino triste e heroico do humilde que é bom e que, portanto, não conhece as armas do mal...

Comparada á celebridade de Carlito — a admiração e affecto mais profundos e unanimes que um ser humano já mereceu em nosso tempo, — empallidece até a legenda de Gandhi...

Este exemplo vem demonstrar mais uma vez que, ao escolher entre todos os genios, o mundo prefere o do artista.

Até agora nunca falei a um homem tão modesto e simples como Carlito. Em nenhum momento da sua conversação, do seu convivio social, da sua vida, em summa, apparece o menor reflexo pessoal de sua gloria.

Senhorita Myrthe Duplex, que tem deliciado com a sua voz os ouvintes da Radio Sociedade Record

Indubitavelmente, não se lembra della senão quando tem de fugir da investida dos jornalistas e dos photographos. Mas, quando o deixam tranquillo, não pensa um só momento na sua fama.

Gosta de palestrar e discute com calor. As novas correntes do pensamento, as transformações sociaes, a revolução que pouco a pouco muda a face do mundo, são assumptos que lhe interessam extraordinariamente.

Carlito, o Vagabundo, quer ver destruidas as fronteiras que separam os paizes e as differenças que ainda existem entre as classes sociaes...

COMO CHARLES CHAPLIN SE FEZ CARLITO

— Foi por acaso — disse-me. — Era eu naquelle tempo um insignificante actor comico. O director do theatro onde trabalhava me pediu um dia que fizesse um papel diminuto numa pellicula. Este papel se reduzia a atravessar o "hall" de um hotel, representando um typo grotesco. Pensei na maneira de fazer rir o publico durante esse instante e busquei um chapeu excessivamente pequeno, um paletó muito apertado, calças demasiado frouxas, calçados absurdamente grandes... Fiz assim a minha scena e consegui que, ao exhibir-se a pellicula, o publico risse... Satisfeito com o resultado, o director me deu, em outro filme, um papel mais comprido, para o mesmo typo. O publico voltou a rir e, a partir desse segundo ensaio, o typo já estava creado. Convem notar que nenhum critico me descobriu... Foram os assistentes, foi o povo, de cujo seio sahi, que percebeu, sem que fosse influenciado por alguem, o que havia delle, de suas esperanças e das suas desventuras, naquelle typo grotesco. E isso lhe deu fama e universalidade.

CARLITO, BERNARD SHAW E ANATOLE FRANCE

Disse a Carlito: "Ha em sua arte muito da ironia profunda e generosa de Bernard Shaw. Elle, em seus escriptos, e você nos filmes combatem a injustiça e destróem os preconceitos."

E Carlito respondeu:

"E' possivel... Mas, o meu verdadeiro mestre não foi Shaw, mas Anatole France. Bernard Shaw é, afinal de conta, um moralista. France, pelo contrario, não estabelece differença entre o justo e o injusto, porque considera que o conceito que fazemos da justiça e da injustiça é completamente convencional. E esse é tambem o meu ponto de vista. Diz-se de mim que sou um idealista. Seria um idealista sem ideal, porque todo ideal me parece um carcere do qual, uma vez que se entra, é bem difficil sahir. Por isso me esforço em demonstrar ao publico, em meus filmes, que nada ha tão ridiculo como a moral consagrada, nem tão falso como o ideal corrente. E o meu maior prazer é-me dado pelo applauso com que as gentes acolhem taes demonstrações.

Theatros

A comedia dos velhos dramalhões. Faz rir agora o que já fez chorar nossos avós.

No tempo em que Maurice Chevalier e Joan Crawford, com a sua alegria maliciosa, são os idolos predilectos das platéas, que pensaremos dos Joãos Caetano, de carranca fechada e voz subterranea, que falavam de remorso do mesmo modo por que hoje se fala do "it"? Como veriamos as precursoras desencantadas das Duses tragicas, numa época em que até a Josephina Baker já passou da moda?

Talvez o dramalhão de capa e espada nos faça rir, como já fez chorar... Os exageros da paixão, o rebuscamento da linguagem, o ridiculo inevitavel das scenas mais serias, tudo isso é divertido recordar hoje para alegria dos que já não acham graça no Carlito, no Procopio e em Piolin.

O escriptor francez Robert de Francheville teve recentemente a idéa de desencavar alguns dramalhões romanticos, extrahindo delles as "tiradas" mais absurdas. Julgamos interessante. transcrever, por nossa vez, alguns desses trechos curiosos. Notem os leitores como declamavam os actores de ha um seculo. E digam si seriam capazes de assistir, hoje, a uma peça em que houvesse desses phrasalhões de arrepiar os cabellos.

CUMULO DO AMOR FILIAL

("O Contrabandista Ricardo" — 1842)

Luciano — Vistes minha mãe?

Ricardo — Todas as vezes em que estive em Paris.

Luciano — Vossas Mãos! Vossas Mãos! Deixae que as beije porque minha mãe as apertou!

DE UM DRAMALHÃO DE BYRON

("Os Dois Foscari" — 1816)

Jacopo Foscari (ao Doge, seu pae) — Adeus. Perdôa!

O Doge — Perdoar a quem?

Jacopo Foscari — A' minha mãe, que me fez nascer. A mim, por ter vivido!

CHARADA FAMILIAR

(Do drama "A Opinião ou Celina, a Creoula" — 1838)

Neri (a Emma) — E' porque eu não sou o vosso pae que fogem de nós, como se fossemos tres leprosos; eu, porque não sou vosso pae; vós, porque sois a filha de um outro; (a Celina) e vós, porque sois a mãe desta que não é minha filha!

Emma — E quem é, então, meu pae?

Neri — Ninguem!

EMPHASE CAVALHEIRESCA

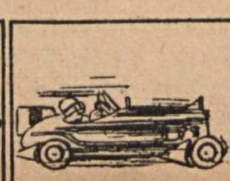
(De "O Filho da Louca" — 1840)

Fabio (ao irmão Achiles, que o insultou) — Ide e dizei a vosso pae, que é o meu pae, que vós me insultastes e eu não vos matei!

PERGUNTA INDISCRETA

(De "Antony" — 1831)

Antony — ... existe um homem incumbido, não sei por quem, de me dar, todos os annos, o sufficiente para eu viver durante um anno. Já lhe implorei por tudo que possa ter de mais sagrado — Deus, sua alma, sua mãe — que dissesse quaes são os meus paes. Maldição sobre elle! Que morra a sua mãe! Não lhe arranquei uma só palavra...

Parto como um louco, disposto a perguntar a cada mulher que encontro nas ruas: "Sois minha mãe?"

A 5 kls. p. hora

A 12 kls. p. hora

A 40 kls. p. hora

A 150 kls. p. hora

A 250 kls. p. hora e...

a 10 kls. p. hora

Essa vida banal de minutos iguais...

Cesar Ladeira

O "barman", no balcão lustroso, manipulava drogas com a convicção inteligente de um especialista. Na sala enfumaçada, mulheres e homens riam.

— Eu preciso fugir dessa vida comum a que estou preso ha varios anos. Essa vida banal de minutos iguais, de momentos controlados pela fiscalização irritante do relogio. Todos os meus instantes estão distribuidos para alguma coisa que eu venho realizando regularmente ha muito tempo. Sou um homem de átos medidos por um horario determinado. Perfeitamente metódico. Com horas para tudo. Para acordar, para tomar o bonde, para entrar no escritorio, para trabalhar. Tomo café, leio jornais, almoço, janto, vou ao cinema, amo, volto para casa, durmo — tudo em horas certas. E' demais! Suportar essa vida durante muito tempo, todos os dias, com pequenas férias periodicas que mais irritam, é o cumulo da paciencia, meu amigo! Um burguês pacato, de ambições restritas, sentir-se-ia feliz com esse sistema de vegetar. Engordaria. Teria até tempo suficiente para adquirir uma dispepsia constante. Eu, não. Revolto-me contra isso. Tenho horror ao "terre-á-terre". Detesta-me viver como vivem quasi todas as criaturas desinteressantes deste mundo...

No fundo do bar, um inglez vermelho riu um riso sadio, gutural e escandaloso. A registradora tilintou agradavelmente.

— Estou tomando uma resolução séria. Vou abandonar tudo aquilo que me rodeia — o que faz o meu conforto e o meu desespero — e que eu julgo ser a minha vida. O emprego rendoso no escritorio de terrenos, o apartamento azul, os amigos — tudo vou deixar. Vou procurar um pouco de emoção num modo de viver menos metódico e mais incerto. Embarcarei num porto qualquer, num navio que parta. Como marujo. Como moço-de-bordo. Garçon, Qualquer coisa. E vou para o mundo. Para o grande mundo sem fronteiras. Para a distancia infinita. Ser o quê? Tipógrafo em Stambul, cameló em Viena, pianista em Buenos Aires, *croupier* na Côte d'Azur, *extra* em Hollywood, vigarista em Sydney... Ser qualquer coisa — qualquer coisa! — em qualquer parte do mundo. Para deixar essa vida atôa que estou levando nesta terra. Para viver sem horarios massantes e sem adjetivos inuteis. Viver...

* * *

Duas semanas mais tarde eu lia nos jornais, sem espanto, a noticia do contrato de casamento desse meu amigo com uma criatura qualquer, filha de um negociante banal, de grandes bigodes agressivos.

HOLLYWOOD, PARIS E CHEVALIER

O cinema americano apresenta agora esta singularidade interessante: é talvez o menos americano dos cinemas. E' um cinema que se torna escandinavo com Greta Garbo, francez com Chevallier, argentino com Raquel Torres, mexicano com Dolores Del Rio, allemão com Marlene Dietrich e agora tambem brasileiro com Raul Roulien.

Ponto magnetico que, pela acção de prodigiosos imans, attrahe gente de todas as patrias, a capital do cinema é, de certo modo, a capital do universo. Todas as partes do mundo mandam representantes para este pequeno mundo encantado da tela. Sessue Hayakawa e Anna May Wong emquanto as suas patrias brigam na Mandchuria, fazem a reconciliação sino-japoneza em Hollywood. A Argentina toma dinheiro emprestado a Tio Sam e, manda-lhe em pagamento, a graça morena de Conchita Montenegro e os tangos mornos que José Mojica sabe cantar. Os Estados Unidos deixaram de brigar com o Mexico desde que ficaram conhecendo Dolores Del Rio.

Paris, que era, até antes da affirmação do cinema norte-americano, a "capital do universo" é que não gostou muito da concurrencia victoriosa de Hollywood. Teve de entregar á rival o bello titulo que conquistara. A Cidade-Luz não é mais a cidade das foscas estrellas theatraes como Cecile Sorel ou Mistinguett. A verdadeira Cidade-Luz é aquella onde ha os astros de suprema grandeza, os astros cinematographicos que resplandescem pelo mundo inteiro — Hollywood.

Hollywood é, pela sua situação geographica, uma cidade americana. Mas, pela sua população, é uma cidade européa. Querendo empregar uma imagem poetica, poderiamos dizer que o céo de Hollywood é nacional para o espectador *yankee*, mas em grande parte, as estrellas que illuminam este céo cinematographico são extrangeiras.

Mas, Paris soube vingar-se da concurrente temivel. Mandou um francez, um parisiense, representante perfeito do seu espirito jovial, da sua graça leve, invadir Hollywood, conquistar Hollywood. E elle, como Cesar, chegou, viu e venceu.

Maurice Chevallier é o symbolo dessa nossa "revanche". Eil-o ahi em duas "poses" bem caracteristicas. Foram apanhadas para um filme americano. Mas, quem duvidará que essas "poses" são bem francezas, bem parisienses, bem do antigo "partenaire" de Mistinguett, nas scenas maliciosas das revistas de Paris?

INAUGURAÇÃO DAS LOJAS DA GENERAL ELECTRIC

A' *Rua Libero Badaró inaugurou-se ha dias o novo e luxuoso salão de vendas da "General Electric". As nossas gravuras representam parte da numerosa e selecta assistencia e a fachada imponente onde se destaca a vitrina artistica.*

MANEQUINS

(Continuação)

"... um pouco gôrda..."
outra baixinho: "... pés grandes..."
Uma vélha: "... muito pintada!"
"... bonita, mas,... a bôca é um pouco grande..." uma solteirona.

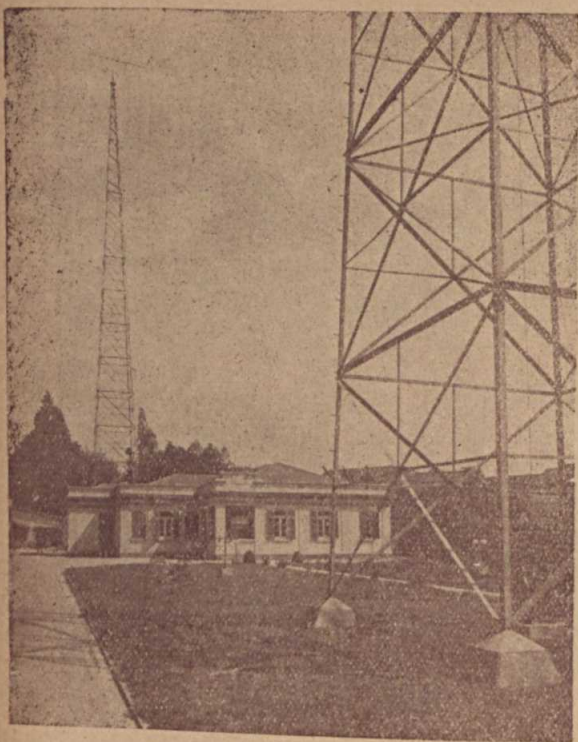
Era despêito e eu bem o percebia.

Certa vêz, estive a ponto de esbofetear dois rapazes que em tom malicioso, haviam dito qualquer cousa alusiva á sua belêza. Foi naquéla tarde de maio em que apareceu mais linda do que nunca, naquêle vestido longo e vaporôso de verão, a resaltar mais ainda, as formas delicadas do seu corpo. E' linda e fatal. A sua belêza a perderá, assim como me perdeu.

Fui feliz até hontem á noite, quando me convenci de que era falsa como as outras. Em companhia daquêle rapaz, típo perfeito e acabado do mercadôr de sorrisos e caricias, acostumado a comprar com o pêso do seu ouro o amôr das mulhéres que não poderia possuir sem êle; impertigado naquéla casaca e orgulhôso pela conquista que julgava sua, mas que na realidade devia-a ao seu ouro, olhou-me com tal impertinencia e desdem, quando cheguei, que, tive impetos de saltar-lhe ao pescôço e matá-lo ali mesmo, á vista de todos, como a um cão. Mas... o sorriso que lhe dirigia e a alegria de que parecia estar possuida, contiveram-me. Fugi e, desiludido de viver, recorri ao suicidio, como um protesto veemente á falsidade das mulhéres. — *Plutarco de Almeida.*"

A policia, de posse da carta, foi á casa de modas, afim de colhêr infôrmações da mulhér a quem Almeida se referira. Com surprêsa, porém, constatou-se que, na casa em questão, não havia empregada alguma que se vestisse daquéla fórma, e muito menos, rapazes que as fossem buscar... de casaca e cartóla. Verificou-se, entretanto, com estupefação geral, que, na vitrina, estava expósta uma bonéca com os caracteristicos descritos pelo suicida. Junto a éla, um bonéco vestia traje de gala.

A casa expunha os ultimos modelos para a temporada lirica..."

As magnificas installações da Radio Educadora Paulista

As nossas gravuras mostram um aspecto exterior onde se elevam imponentes as torres das antennas; e

dois aspectos interiores, onde se distingue o estudio amplo e confortavel e uma das bem apparelhadas salas de operações.

Natal de *Jeune fille*

Ella é um bibelot ou uma boneca maior que as outras, na desordem cheirando a pó-de-arroz do quarto encharcado de sol. E o tedio envolve-a, como um abraço, na indolencia môrna desse meio-dia. A ausencia de desejos põe um vacuo na claridade verde dos seus olhos grandes. Porque tudo em torno della é de uma perfeição desesperante. O sol que entra, sem-cerimonia, na intimidade de perfumes bons do seu quarto-de-vestir, valoriza os crystaes dos espelhos, a sêda das almofadas, o brilho perfeito do chão, a brancura de louça dos seus dentes. Os livros, que a estantezinha clara, de cretonnes coloridos, torna frivolos como uma risada de mulher têm o desencanto das cousas muito sabidas. Os bibelots amigos olham para ella agora, numa severidade de institutriz ingleza, com essa gravidade incuravel dos objectos futeis. E nem a vontade de um chapeu novo ou a lembrança da maldade ciumenta de uma amiga para encher aquelle vasio.

Atira, por entre as almofadas da caminha bem arrumada, tôda a preguiça da sua carne moça, matinal. E os olhos distrahidos esbarram no prosaismo de uma folhinha. Depois da suggestão, a imaginação faz o resto. Rodopiam-lhe, atraz da testa lisa, branca, em que o pensamento nunca deixou o rasto tristissimo de uma ruga, *close-ups* de festas, de flirts, de presentes. E mais nitido, mais insistente que todos os outros, o de uma certa figura masculina, de boca ironica e ombros esportivos, dignificada por uma notavel parecença com um certo senhor de Hollywood, de bigodes e ordenados famosos. Sempre que essa silheuta lhe surge no palco da imaginação parece que vem illustrada, em surdina, com a "Marcha Nupcial" de Mendelssohn e seguida por todo um cortejo de idéas matrimoniaes. Essa associação é inevitavel e certa como o vencimento de uma letra-de-cambio. E a cabecinha de lindos cabellos despenteados ficou pensando, enlevada, nos casamentos luxuosissimos, de vestidos desnorteantes, que a Metro-Goldwyn apresentava. Só que a noiva era ella mesma. Mais bonita que a Joan Crawford, que a Norma Shearer ou quem fosse. Alvoroçou-se com a idéa de ser chamada *madame*, trazer decotes audaciosos e joias alarmantes. Sem falar no amor ininterrupto do marido. Viu-o já em equilibrio instavel, como um principiante do patim, ageitando-se difficilmente, como presente de Natal, no mais recente dos sapatinhos della. E respondia que *sim*, numa commoção inconfessavel, a elle que lhe offerecia, humilde e bem educado, a sua figura decorativa, com uma Chrysler e bons rendimentos mensaes, no cargo effectivo e vitalicio de marido.

ELSIE LESSA

Marcha a ré

Já Platão exigia do P. R. P. local fossem os poetas expulsos da cidade, por nocivos á familia, á patria e á sociedade. Platão temia a concorrencia dos versificadores porque só sabia fazer poemas em prosa.

Felizmente para a humanidade os poetas não foram expulsos. Imagine-se o resultado da aplicação dessa medida draconiana! Os poetas, martires, seriam muito mais insuportaveis. Exemplos: Victor Hugo, Guerra Junqueiro. A perseguição sempre foi medida anti-politica, contraproducente. Os resultados praticos das perseguições são os de dar vida e gloria e entusiasmo aos perseguidos.

E' por esse motivo que eu não compreendo e não admito a tenaz perseguição movida pelos "chauffeurs" aos transeuntes. Um dia virá, de revolta, um dia glorioso em que os pedestres mais pacatos se transformarão em herois e enfrentarão os monstros de rodas. Por enquanto fazem apenas o papel de martires. São como os primeiros cristãos que serviam de sobremesa ás féras. Deixam-se esmagar por qualquer par de pneumaticos, sem um gesto de resistencia, sem uma blasfemia, sem um insulto.

Meu amigo filosofo, que conhece os homens tão profundamente, não acredita no sentimento estoico que eu atribuo aos transeuntes. Para ele, a passividade do homem da rua não é produto de uma mentalidade acima do vulgar. E' consequencia, simplesmente, da fraqueza da maquina humana frente á maquina mecanica.

"O ferro, o aço, a borracha são muito mais resistentes do que a carne. E' a historia do pote de ferro e do pote de barro. O transeunte é o pote de barro que se meteu a sêbo. Arrebenta. E' fatal. Por outro lado, os reflexos humanos não são maleaveis á vontade como os reflexos mecanicos. São produto de seculos e seculos de rotina, de habitos dificilmente abandonaveis. Será necessaria uma grande hecatombe de pedestres, para que se acostumem, a pouco e pouco, ao novo meio em que devem viver.

O "chauffeur" não persegue ninguem. E' uma calunia que deve ser punida. O "chauffeur" é um homem que compreendeu a grande lei da natureza. O que vale nesta vida é o muque, já o dizia Juó Bananére. O "chauffeur" até quê não abusa. Ele poderia matar o dobro de transeuntes sem que merecesse censura. O transeunte é que não regula bem. Ou, então, é um sêr inferior, sem imaginação que possa suprir sua inferioridade fisica. Não encontrou ainda um meio de defesa eficiente, não soube siquer evitar uma cilada arquitetada lentamente contra si, á luz meridiana, anunciada e comentada pelos jornais. Diante da armadilha, quedou boquiaberto, trefego de entusiasmo, como se ele fosse participar das vantagens e do bem estar de seus algozes. O transeunte deve, pois, desaparecer."

E' inutil dizer que discordo *in totum* das teorias de meu amigo filósofo. Nessa historia complicada ele está fazendo o feio papel da policia de Jerusalem. Olha com benevolencia e simpatia para os arabes que trucidam os judêus e, depois de mortos estes, toma todas as medidas de proteção.

Isso me lembra o caso daquele inglês que, vendo um amigo ferido e sabedor de que se machucára numa briga, lhe disse:

— "Oh! porque não me chamou.. Eu teria oferecido uns conselhos."

SERGIO MILLIET

A RADIOMANIA

Uma "caça ao homem" nos ares

Conforme foi annunciado, realizou-se em 20 de Setembro p. p. a "caça ao homem" por iniciativa do "Sudwestdeutsche Rundfunk" e o "Lutthansa".

O supposto malfeitor, tendo fugido de avião, era perseguido por outro avião policial, que se orientava conforme as noticias que recebia da estação emissora, a qual por sua vez recebia-as de diversas localidades.

O "malfeitor" tinha fugido do aerodromo de Francfort num avião de tourismo ás 10h.25 com destino ignorado.

A's 10h.30 a T. S. F. annunciava que um avião, o D. 1936, um biplano de côr cinza prateada, com trem de aterrisagem encarnado, tinha sido roubado, pedindo aos ouvintes no caso de tel-o visto, communicar immediatamente á referida estação transmissora.

No aerodromo de Francfort, outro avião já tinha sido aprompptado, o D. 207, no qual um piloto e um telegraphista tomaram assento, levando um receptor PHILIPS.

A's 10h.38 já se recebia a primeira noticia annunciando que o avião roubado tinha sido avistado em Lindlingen, perto de Francfort-Höchst, rumando para Mayence-Wiesbaden. O avião policial captou esta noticia e tomou rumo immediatamente nessa direcção.

Outras communicações, seguiram-se com rapidez, annunciando que o avião roubado tinha sido visto em Wiesbaden Mayence, Laubenheim, Nierstein, Oppenheim, Mekersheim Oesthefen e Worms. Graças a sua rapidez, o avião policial alcançou o "malfeitor", obrigando-o a aterrar no aerodromo de Darmstadt.

Esta experiencia nos mostra mais uma vez as diversas applicações do Radio e os serviços que nos presta.

A VOZ DO SUBURBIO

A nossa folha era, incontestavelmente, a mais divulgada pelas regiões de alem-Meyer. Tinhamos assignantes em grande numero, annunciantes fixos, promptos no pagamento, e o folhetim, de Escrich ou Ponson du Terrail, que publicavamos, fazia as delicias das moçoilas romanticas de Anchieta e Cascadura. Quando aos domingos ia povoar os jardins do Meyer e de Mandureira a pleiade de conquistadores suburbanos que para lá afflue da cidade, era fatal ouvir as mais comicas reedições dos frasalhões plangentes do autor dos "Anjos da Terra".

Signal de acceitação. Indicio de publico. E essa era a verdade: "A Voz do Suburbio" dominava. Tambem, o jornal era cuidado a capricho. Eramos tres individuos na redacção, todos experimentados no jornalismo, afora o Tavares, chefe da revisão, e aliás unico revisor, que nos prestava grande auxilio compondo com pericia notas de anniversarios e "trespasses", que era uma das grandes palavras do seu vocabulario. Se o morto era um pé rapado, a noticia era modesta: fallecimento. Mas se era mulher, se individuo de certo destaque, lá vinha o grandioso "trespasse". E era de tanto effeito, era tão funda a repercussão e o interesse por aquelle vocabulo, que uma vez nos trouxe um serio dissabor.

Fallecera um rapazinho, estudante do Pedro II, orgulho dos velhos paes, proprietarios de duas ou tres casas em Anchieta. O Tavares fez inadvertidamente a nota sob o titulo de "fallecimento". Qual, porém, não foi a nossa surpresa quando vimos, no dia seguinte, o jornal devolvido pelos progenitores do estudante, amarfanhado e humido de lagrimas, com um bilhete á margem que era bem um documento da desesperação humana: "Um alumno do Pedro II, approvado em todas as materias com plenamente e distincção, não merecia alguma coisa mais que um simples "fallecimento"? E foi uma campanha para acalmar os velhos, que ainda não haviam pago a assignatura. Foi, mesmo, necessario prometter uma nota de saudades no dia em que faria annos, se estivesse vivo, dois mezes depois.

A' parte esses pequenos nadas, tudo corria á maravilha, portas a dentro da redacção. Trabalhavamos com vontade, tinhamos verdadeiro amor ao officio, e circumdava-nos já uma certa aureola de gloria. Constantemente transcreviamos, com um pomposo "data venia", de grande effeito, uma nota qualquer dos grandes orgãos do centro, "O Correio", "O Jornal", em que elles se referiam "aos nossos collegas d'"A Voz do Suburbio". Eramos chamados de collegas pelos maiores jornaes da cidade, e isso calava fundamente na alma simples dos nossos leitores.

As referencias na "Voz" eram disputadas. Todo o suburbio, na vespera do anniversario, se apressava em no-lo communicar. Alguns já traziam a noticia preparada, como fazem os homens illustres para os grandes diarios, e só nos cabia o papel de burilar um pouco. "Acaba de colher mais uma rosa no jardim de sua preciosa existencia a senhorita Fulana de Tal, gentil filhinha do sr. Sicrano, conceituado negociante em Madureira..." Ou ainda: "Acha-se engalanada a residencia de nosso distincto amigo sr. de Tal pela feliz passagem de mais um anniversario de sua galante filha, Mlle. Fulaninha, cujos dotes de educação e cuja belleza moral lhe têm valido um largo circulo de admiradores sinceros. A sua encantadora residencia será certamente pequena para conter o grande numero de amiguinhas e admiradores que lhe irão levar as justas provas da sua estima e respeito."

Mas no suburbio tambem ha nascimentos e mortes, como em toda a parte. E para isso havia galantes chapas de infallivel effeito. "Veio alegrar o lar dos srs. F. e F. o nascimento de mais um galante pequerrucho." "Os nossos distinctos amigos srs. F. e F. acabam de ser abençoados com o nascimento de mais um robusto pimpolho que saberá ser, estamos certos, a alegria de seus venturosos progenitores..." E as noticias sombrias, funebres: "A Parca cruel, na sua passagem cega pela terra". "A morte acaba de ceifar, com o seu alfange inexoravel..."

Isso era pura literatura. Mas havia por vezes uns longes de revolta que faziam época: "O desapparecimento dos velhos comprehende-se, como lei fatal da vida. Mas o trespasse prematuro de almas ainda em flôr, de vidas em botão, de seres que mal desabrochavam para a existencia..." E noticias assim valiam-nos quasi

sempre o pagamento de uma assignatura em atraso ou a autorização para repetir um annuncio...

* * *

Um dia appareceu-nos um rapaz pallido, grandes olheiras, cabelleira ao velho estilo, as mangas rotas, o paletó lustroso, as botas a clamar miseria. Tinha o olhar intelligente, um bello olhar dominador que nos prendia. Queria um emprego no jornal. Estava sem recursos, não tinha familia, e tinha vocação decidida para as letras. O Tavares, vendo-o, sorriu, do alto da sua autoridade de velho empregado da casa. Era lá possivel? Se tivesse valor, já estaria consagrado. O rapazelho, pois tinha apenas 20 a 21 annos, para fazer valer a sua pretenção, recitou com emphase, numa bella voz abarytonada, rica de inflexões e de vida, um ou dois sonetos.

— São seus? perguntou o Motta Coelho, o nosso redactor responsavel.

— Fi-los hoje cedo.

— Não póde ser! gritou o Tavares.

— Não póde ser?

— Isso é de um outro.

— De quem? bradou o rapaz, possesso.

— De um outro... não me lembro quem...

O rapaz sorriu desdenhosamente.

Nós não tinhamos duvida. Era elle o autor. Elle se impunha pela simples presença. E os sonetos eram, realmente, duas obras primas.

Lutavamos naquella época com excesso de serviço. O Motta Coelho dizia a toda a gente que estava acabrunhado pelo "surmenage". E o poeta da longa cabelleira foi acceito.

Elle, verdade seja dicta, valia mais que todos nós reunidos. Tinha uma penna de ouro. Em pouco, "A Voz do Suburbio" lançava artigos que chegaram a ser transcriptos em varios jornaes do interior, com as mais elogiosas referencias. Os sonetos eram repetidos estropiadamente por varias "girls" de Cascadura, de Bento Ribeiro e da Linha Auxiliar, onde era grande o numero de assignantes. E o brilho do nosso antigo noticiario, com os seus grandes adjectivos tradicionaes, com os seus "abastados negociantes", as suas "virtuosas esposas", os seus "galantes pequerruchos", foi perdendo a influencia e o inconfundivel renome de que gozava.

Para ser franco, nós sentiamos um inoccultavel despeito. Eu vivia quasi a estourar de raiva. Não perdoavamos nada ao pobre rapaz, que tudo fazia por nos agradar. Como compunha

com enorme facilidade, preparava em dez minutos o que exigia da nossa parte hora e meia de aturado labor. Terminava o trabalho, accendia um cigarro, e punha-se a fumar com volupia.

Começamos logo a accusá-lo de vadio: passava o tempo a fumar, não fazia nada... Bem sentiamos a nossa injustiça, mas era preciso atacá-lo de algum modo. Falavamos do seu desmazelo, do desasseio do seu traje, das suas botas cambaias.

— Paguem-me melhor.

— Quem sabe se V. quer ganhar como o presidente da Republica? Tinha graça...

— Tinha graça! Ah! Ah! estrebilhava o Tavares.

— Bastava que me pagassem o que vale o meu trabalho...

— Quanto vale? Alguns mil contos, com certeza... Ora não seja pretencioso...

— A pretenção é que mata, sublinhava o Marques, habitualmente calado.

— Eu não sou pretencioso, mas aqui quem faz tudo sou eu...

— Quem faz tudo? Ah! ah! Mas está ahi de pernas e braços cruzados...

— Sem fazer nada...

— Sim, sem fazer nada, emquanto eu estou aqui gemendo como um tolo... Já é saber viver...

— Não tenho culpa de vocês pre-

cisarem de um seculo para escrever duas linhas...

Confesso que não respondi. Apparentei não ter ouvido e rematei o melhor que pude a noticia começada: "A conceituada firma Costa & Mendes, estabelecida num dos melhores pontos commerciaes do Meyer, acaba de nos distinguir com a gentileza de uma offerta que muito nos captivou. Trata-se de..."

Conclui a nota, cruzei as pernas, accendi um cigarro, por minha vez, e puz-me a tirar insolentes baforadas, fusilando de raiva.

* * *

Foi tal a campanha que lhe movemos, tão cerrada, tão feroz, que um bello dia Lucio de Almeida, o nosso poeta, desappareceu, sem uma palavra. Nunca mais o vimos. Aliás, o ambiente tornára-se-lhe irrespiravel. Tudo era motivo para aperreá-lo. Levaramos a nossa ousadia ao ponto de criticar-lhe impiedosamente os versos, nos quaes não tinhamos por onde pegar. Mas era tão grande o nosso despeito... Lembro-me da carga cerrada que lhe fez o Tavares, por causa de umas "sonoridades roseas", com que fechava um soneto. Ora que estupidez! Como se o som tivesse côr! De outra vez descobrimos-lhe um cacophaton, coisa de somenos. Mas foi o sufficiente. Durante uma semana não se falou de outra coisa. Repetiamos com volupia aquelle ligeiro deslise, que existia mais na nossa imaginação do que na realidade. Passamos a chamá-lo de Camões.

— O Camões já chegou?

— O' Camões, já fez a noticia sobre aquellas conservas?

Um dia Lucio nos communicou que havia escripto uma comedia. "Mas uma peça de arromba! Nada como as outras!" Explodimos unanimes numa gargalhada.

E desde então, de Camões, elle passou a Pirandello.

— O' Pirandello, corrija esse annuncio sobre o bacalhau!

* * *

Mas depois do seu desapparecimento eu comecei a sentir remorsos. Eu fôra o mais acerbo nas criticas, o mais mordaz, o mais cruel. Fôra o principal causador da sua fuga. E, certamente, da sua miseria. Sabia-o só, pobre e desconhecido. Sem um amigo, sem um parente. Quando entrara para "A Voz do Suburbio" curtia já o terceiro dia de fome e de noitadas ao relento, á inspiração da lua. Crescera e fizera-se por si mesmo, valendo-se do seu talento innegavel e de bibliothecas publicas. Lera de tudo, febrilmente, sem possuir um livro. Tinha de memoria livros e conceitos, que acudiam á primeira necessidade, sem um caderno de notas. Elle tinha o seu valor, sem duvida. E agora voltava para a fome, para os dias negros, para a miseria.

Essa idéa não me abandonava. Roido pelo remorso, eu via-o cahido no Passeio Publico, naquellas noites em que o frio começava a chegar, sem dinheiro para o café ou para o pão, via-o na caminhada somnolenta e interminavel pelos bairros pobres, resmungando contra mim a sua justa maldicção.

Esperei por alguns dias que elle voltasse. Mas passou uma semana, e nada! Na casa onde residia... nem noticia! Desapparecera tambem, deixando um pequeno debito. E se elle se tivesse matado? E se tivesse cahido de fome pela rua? E se o colhesse um automovel? Nesta ultima hypothese, a culpa não seria minha, mas, em qualquer caso, os jornaes noticiariam, haveria rumor. O seu temperamento não o levaria a morrer obscuramente. Deixaria, certamente, em caso de suicidio, uma linda frase, uma objurgatoria tremenda, uma accusação fulminante!

Quando subia á cidade, trazia sempre aquella preoccupação: e se o visse? Cheguei a vir ao centro algumas noites, ao Passeio Publico, ao Campo de Sant'Anna, corri os jardins dos suburbios, a vêr se acaso o encontrava.

O tempo foi correndo, a vida voltou á sua rota habitual, as nossas notas já voltavam a interessar o publico, á falta de coisa melhor, mas nunca mais me abandonou aquelle pensamento:

— Pobre Lucio! Pobre Lucio!

E tudo por causa da minha inveja, da minha baixa inveja, do meu ridiculo despeito. Se não fosse o meu espirito estreito, elle prosperaria, progrediria, talvez chegasse mesmo a secretario ou redactor da "Voz do Suburbio". Sim, porque elle, sem duvida, tinha algum merecimento. O Marques falava sempre em deixar o jornalismo. Se o fizesse, o que o impediria de tomar-lhe o logar?

E eu lhe cortara a carreira!

* * *

Um anno depois, ainda uma ou outra vez me acudia á mente aquella recordação, pungia-me a lembrança do mal que praticara.

Conversavamos á tarde na redacção. Estavamos todos reunidos. Sómente o Tavares ficara um pouco afastado, a chupar um charuto infame de cem réis que empestava o ambiente.

— E o Lucio, perguntou o Marques. Vocês se lembram delle?

— Lembro-me, coitado... Commentou o Tavares, com a sua ponta de remorso.

— Afinal de contas, podia ter feito carreira comnosco, monologuei tristemente.

— Pois vocês não podem imaginar onde elle foi acabar... Soube pelo Pontes...

— Coisa muito outra...

— Morreu?

— Hein? Se morreu?

— Matou-se, então... conclui, muito pallido.

— Coisa que ninguem esperava... Está de carreira feita! Sahiu daqui, foi para o "Correio", trabalhou lá algum tempo, ganhando bem, e vae agora dirigir uma grande revista!

Fiquei apatetado. Tavares foi o primeiro a romper o silencio.

— Um imbecil daquelles!

E só então eu pude dizer alguma coisa:

— São esses os que vencem...

ORIGINES LESSA

Correspondencia dos leitores

CORRESPONDENCIA DOS LEITORES DA "A CIGARRA"

Este "coupon" dá direito á publicação de UM recado urgente ou UMA correspondencia.

CONFERIDO

O "coupon" acima deverá acompanhar *cada correspondencia*, que não poderá exceder de *60 palavras*. Não se permittirá a publicação de mais de *tres* correspondencias assignadas por um mesmo leitor. A redacção entregará as cartas destinadas a seus leitores, mas sómente as que venham *pelo correio*.

MINHA QUERIDA AUSENTE

I

Eu nunca suggeria uma hypothese absurda de que numa noite bella como esta, emquanto os namorados passeiam de braços dados pelas ruas socegadas, deliciando a felicidade dum momento sonhado, e os theatros e "dancings" estão cheios de gargalhadas cascalhantes, emquanto em tudo ha vida e satisfação, nunca suppuz, querida, de que eu pudesse ficar no interior morno de meu quarto, sentado numa poltrona com um livro aberto entre as mãos, e pensando no passado.

II

Os poetas disseram: Recordar é viver. Mas depois que tú partiste eu apprendi outra cousa: Recordar é soffrer.

Eu, que tenho na minha imaginação, saudosa de ti, a lembrança dos dias que vivemos anesthesiados pelo narcótico sublime do amor, que ainda tenho nos meus ouvidos a melodia de tua voz columbina e nos meus labios o contacto indelevel de teus cabellos pretos, quando começo recordar-me de ti, minha querida ausente, não vivo novamente, mas soffro. E esse soffrimento espesinhante é pela angustia de uma felicidade perdida.

III

Mataste com o encanto de teu rosto, toda a illusão escondida em minha nascente mocidade. Matar o coração precócemente, emquanto elle é moço, é querer minorar as dôres que poderão surgir um dia. Por isso, pela distancia impiedosa que nos separa, eu te trago a minha eterna gratidão, daquellas tardes de sol em que passeavamos juntinhos, daquellas noites tropicaes em que conversavamos debaixo do céo azul e da lua clara, daquelles idyllios em que ficava em minha mão apenas o vestigio de teu perfume, de tudo isso, minha bôa amiga, só ficou commigo a saudade, esta saudade consoladora e inseparavel dos que soffrem, esta saudade que embalo com ternura, que trato com affecto, porque é a unica recompensa que me resta de ti, meu amor, meu grande amor!

IV

Oh! querida, como os dias passaram depressa como si fôssem minutos. Ah! ingrata, como os minutos que faltam para te ver custam passar como si fôssem mezes.

Lembras-te das noites que nos encontramos? Recordo-me bem como aquellas noites eram tristes e como havia tanta alegria em nós. E no entanto agora como é alegre a noite e quanta tristeza ha em mim.

Querida ausente, si houvesse um film synchronizado em que tú, como a artista, amasse, chorasse, cantasse, eu compraria para projectal-o todos os dias, em todas as horas, só para mim, só para a satisfação de meus olhos.

V

Porém vejo que me engano. Emquanto estiveres longe, as minhas cellulas cerebraes continuarão a projectar na téla de meu pensamento a terna memoria que guardo de ti. Estarás pensando em mim neste momento? Conversa um pouco commigo.

— Que disseste? Que eu sou egoista e ciumento?

Não sei, querida. Por ti eu seria tudo o que desejasses.

VI

Lembra-te que eu sou uma planta e tú és a terra que a alimenta e fecunda. Longe de ti eu murcharia. Vem, querida ausente. Vem, que não sou eu que te chamo. E' meu coração. Eu quizera ser essa cruz que trazes no collo para ficar eternamente impassivel amando-te com a adoração de meu silencio. Um dia tú disséste: "Nós nascemos um para o outro". Tú tens razão. Si um dia o destino nos desunisse seriamos duas almas inutilizadas. Como poderia uma orchydéa viver longe da planta que lhes dá vida? — *Lucio*

PARA...

Trinca de Almirantes: — Obrigado. Estrella d'Alva: — O prazer será todo meu. — *Le Danger*

UM LINDO PRESENTE

Attenção! — Quereis receber um lindo presente? Offereço-o á senhorita que me dirigir a mais linda e ardente carta de amor! Gostaria de conhecer a psychologia de algumas mulheres. Candidatae-vos, recebereis tambem uma res-

posta. Pódem ser endereçadas a "Melancolico" por intermedio da CIGARRA, ou á Caixa Postal n.º 3157.

ALLÔ...

Cléo, moi même: — O meu silencio é devido á falta de assunto. Julgo que êle irá prolongar-se por muito tempo. O que fazer? O repertorio exgotou-se. Talvez, ninguem sinta a minha ausencia, destas colunas... Passageiro das 11,30: — O meu coração pertence ao... nem é bom falar!... Que tal? — *Nem queiram saber*

PARA...

I

Don Alvarado: — Acceito o seu pedido com prazer, e rezarei pela alma de Luiza de Valliére.

Permitta-me que confraternize de sua dôr para poder consolal-o. Disponha da amiga que o sofrimento leva para junto de si.

Ivan, o triste: — Se a minha alegria e amizade servir de balsamo para lenir a sua dôr, disponha della.

Principe triste: — Ainda tenho a necessaria alegria para fundir a sua tristeza. Recebam ambos saudações desta nova amiguinha.

II

Rosette: — Conheço o J. M. O. e posso dizer que elle é digno do seu amor.

Sonhador desilludido: — Quer acceitar a minha sincera amizade?

Lady Rose: — Li o seu pedido no n.º 405, e, offereço-me para ser sua amiguinha.

Condessinha de Rudsay: — Você, que é tão bôasinha, não quer ser amiga?

Alma Leda: — Permitte que seja sua fiel amiguinha? — *Fada Morgana*

Entre criticos d'arte:

— Acabo de vêr o novo quadro do Costa: Pilatos lavando as mãos.

— E que tal?

— Com franqueza. A minha opinião é que Christo está vingado.

RESPOSTAS

Primerose: — Sinto-me deveras commovida e grata, pelas tuas consoladoras palavras. Como és bôa!... Que coração terno e sensivel o teu! Eternamente penhorada fica a amiguinha.

Egoista: — A sua amizade para mim é indispensavel, farei o possivel para tel-o sempre como amiguinho; aprecio as pessôas gentis e, só tenho motivo de orgulho e honra em privar com ellas. E eu bem preciso de um coração amigo onde possa depositar minhas amarguras.

Miranita: — Sejas bemvinda.

A todos saudades da colleguinha — *Samaritana.*

PARA...

Ignezita: — Impossivel? Porque? Desconhece a amiguinha que querer é poder? E' só querer e nada mais. Experimente, e verá que tudo ha de lhe correr ás mil maravilhas. Procure, pois, reagir contra essa apathia, em que, — talvez sem o perceber, — se deixou cahir. Escravo Liberto: — Honra-me a sua amizade. Disponha. Fata Morgana: — A's suas ordens, senhorinha. — *Menrios*

— Mas, porque é que deseja casar com ella?

— Porque a amo!

— Meu caro; isso é uma desculpa não é uma razão.

PARA

Marquez Vilers — Disponha sempre de minha sincera amisade. Samaritana — Acceito e retribuo. Pobre Samaritana! Consola-te, não és a primeira a naufragar no porto "Amor". Le Danger, Conselheiro do Amor, Esbelto Infante, Tenente da Rainha, Walter, Alma Leda, Liliana, Conrad, Samaritana, Marquez Vilers, Piloto Mysterioso, Ben Hur, Gastão D'Anjou e a todos os collaboradores desejo feliz anno novo. — *Madeixas de Ouro.*

CONTA DOR

Recebi tua amavel e interessante cartinha e tambem a tua bella photographia. Achei-te deveras bonito e interessante, porque as mulheres acham todos os homens bonitos.

Não imaginas a alegria que senti ao recebel-a, pois julguei que ias achar-me muito indiscreta.

Querido, minha caretinha não posso envial-a, porque nunca me atrevi a essa coragem. Continuaremos noivinhos na mesma. — *Contadora.*

DONATIVO

I

Aos meus bons amiguinhos e amiguinhas que com seus escriptos enfeitam as lindas azas da tão querida "Cigarra", peço, humildemente, um pequeno obulo, para os pobres tuberculosos da Santa Casa de Santos, afim de que elles, que são nossos irmãos em Deus, não vejam passar desapercebida a data natalicia e gloriosa d'Aquelle que, sem o menor queixume morreu...

II

...na Cruz para nos salvar. Os donativos poderão ser entregues até o dia 18 de Dezembro p. futuro, na redacção da "Cigarra" sob os cuidados do senhor director, e endereçados á amiguinha reconhecida, que a todos deseja mil felicidads. — *Nathalie Aguiar.*

PARA... O. GALVÃO

I

Ha dois annos que soffro este martyrio; ha dois longos annos que eu te amo sem ser correspondida, sem que uma palavra de carinho venha confortar este pobre coração; soffro muito, Osmany; soffro immensamente quando ao teu lado, preciso disfarçar esta dôr que me atormenta e me consome; minh'alma em altos brados clama pelo teu amor...

II

E eu preciso calar-me; não posso dizer-te quanto sinto e almejo; é impossivel que não me comprehendas: qual o motivo que te obriga desprezar-me? não serei digna do teu amor? Quando estou a teu lado (e vejo-te quasi todos os dias) quando o teu seductor olhar pousa em mim e eu ouço a tua voz querida consolar-me em minhas tristezas...

III

...sinto um desejo louco de dizer-te que o meu maior tormento não é o que tu pensas, mas sim a falta de amor, do teu amor... Não calculas o tormento que soffro quando te vejo... e no emtanto basta deixar-te para sentir saudades d'aquelles fugaces momentos que estou a teu lado; saudade até do soffrimento...

IV

Bem sei o futuro que me espera: casar-me com outro para fazer a felicidade de alguem que me é muito cara; mas embora eu pertença a outro, o meu coração será teu; só pulsará por ti, ingrato, que não queres me comprehender... — *Collar de perolas.*

A senhora edosa e precavida: — E o senhor assegura-me que o cavallo não cáe; que eu não vou ficar no meio do caminho; emfim; que não me succede nenhum desastre?

O cocheiro fleugmatico: — Olhe minha senhora, nada disso é commigo... é com o cavallo.

A UMA MORENA

I

...amando-te com ardor, cada vez maior, numa crescencia sem fim, cada momento que passa, unicamente vem-me ao pensamento a tua sublime imagem, a tua deliciosa lembrança que, traz-me desejos incontidos de possuir-te, abraçar-te e... nem sei; mas possuir-te é o meu ideal.

Mas, como possuir-te se não te conheço? Não te conheço, mas tu existes, deves ser linda, de uma formosura deslumbrante que, somente as lendas de phantasias celestiaes poderão igualar.

II

Não te conheço, mas te amo. Amo-te porque sei que existes.

E a tua existencia será a razão do meu affecto, da minha ternura.

E sendo tudo para mim, porque não me correspondes?

Juro que te amo, e mesmo que não me ames eu prefiro viver com a indifferença dos teus olhares que te desprezar.

Mas eu te imploro ainda e sempre, ama-me como eu te amo, se fôr possivel, oh! linda morena.

Deste que te amou, te ama e amar-te-á até o impossivel e, será smpre o teu, — *Sublime Amor.*

PARA...

I

Albertino Pinheiro Junior — Permita-me não estar de acordo com as suas idéas. Seu papae não era assim, sabe? E' incrivel que um moço, moço e inteligente como você, escreva o que escreveu, um tanto incoerente, com o titulo de "Alegria de viver".

Penso muito ao contrario: que a vida é tão bôa, que a gente não deve saber outra cousa senão vivela bem. Responda-me, sim?

II

Justiniano — Não posso ser sua noiva (perdôe-me, sim?) D. disse que aprecias bôa musica, eu adoro-a e cultivei-a um bocado; se quizer trocar algumas idéas comigo sobre essa linda arte, terei muito prazer. — *Azeul.*

MULHERES!

Meu cartél de namoradas já deve passar de umas oitenta... mulheres. Umas iguaes ás outras... o mesmo cantar... a mesma historia... Quizera possuir uma que fosse differente! Que me ensine algo de novo!!! Possuo todos os requisitos de um rapaz moderno. Que sensação receber uma carta de uma moça differente de todas as outras! Terei sorte? — *Allemãosinho.*

PRINCEZINHAS DESPOTAS

Contando com suas amizades, "Principes Rebeldes", agradecem como noivinhas e, anciosos por conhecel-as poderemos marcar uma entrevista por meio desta apreciavel rvista; "A Cigarra", mil agradecimentos. Sem mais somos. — *Principes Rebeldes.*

MME. SATAN
(de Santos)

Apresento-me como candidato ao teu "petit coeur".

Tenho 24 annos, sou alto, pallido, olhos e cabellos negros, dentes perfeitos... Agrado-te?

Curso a Faculdade de Medicina e por isso resido em S. Paulo, o que não impede (caso me queiras) de ir ahi para conhecer-te e em tua companhia cortar as aguas esmeraldinas do mar... — *Fernando* — auto n.º 14.453.

A SIMONETE

Felicitam "A Simonete", pelo seu restabelecimento. — *Jahú & Zepelim.*

AO

I

Escravo Liberto: — Obrigada pela sua bondade. Escreva-me sempre, sim? Iroika: — Meu pseu é "Felicidade", mas, nunca se é realmente feliz, não é? Meiga Flavita: — Então somos amiguinhas, não é? Gostaria de receber uma cartinha sua. Serei atendida? Conselheiro do Amor: — Agradecida de você aceitar a minha amizade. Escréva-me uma cartinha para a Redação da "A Cigarra".

II

Rei Vagabundo: — Como não hão de crescer suas amizades, uma vez que você é tão bomzinho? Piloto Mysterioso: — Você não quer mais a minha amizade? Não quiz mais me escrever? Por que? Ben Hur: — Garota: — Vocês têm tantas amizades; não querem mais uma? A todos, lembranças da — *"Felicidade".*

O Figueiredo: — Dei hoje a minha mulher um beijo arco-iris, quando sahi de casa.

O Andrade: — Um beijo arco-iris? que diabo vem a ser isso nesse mundo?

O Figueiredo: — E' um beijo dado depois de uma tempestade.

LEITORES

Duas amiguinhas inseparaveis procuram dois companheiros. Não devem exceder de 22 anos e preferimos estudantes. Apreciamos musica, dansa, cinema e todas as diversões do seculo atual. Ninguem ainda soube cativar estes frios corações. Haverá alguns leitores que queiram realizar esta dificil tarefa? Escrever com pormenores ás — *Má e Ruim.*

IGNEZITA

Peço-lhe respeitosamente licença para dizer-lhe que o amor existe. Quando se ama, sofre-se muito, muito... mas é um sofrer, Deus!, inesplicavel. Cem horas de amarguras e uma de alegria... uma hora de ouro, tendo sessenta minutos de diamantes... Esquece-se tudo, para só lembrar que se é a mais feliz das creaturas!... E' assim o amor... Disponha da — *Primerose.*

REMINISCENCIAS

I

O dia ennublado de hoje me traz á mente recordações pungentes de um amor infeliz...

Eu me lembro tão bem: caminhava descuidado e feliz por entre uma floresta tão densa, toda respingada de orvalho matutino, quando a encontrei toda á amazona, espingarda a tiracolo, dando caça aos innocentes passarinhos; foi uma visão deliciosa que passou pelo meu espirito selvagem, qual relampago pelo céo negro toldado pela tempestade.

II

Tempos após encontrámo-nos novamente num jardim cheio de flores, reconhecemo-nos, falámos sobre o nosso primitivo encontro, conversámos tantas coisas boas desse repertorio infindavel que é o dos apaixonados... Depois separámo-nos e... nunca mais a vi...

E ainda hoje, após tanto tempo eu ainda a procuro doidamente sem esperanças de encontral-a...

III

pois toda essa historia foi fructo de um formoso sonho, assim como é a minha vida isolada e triste.

Perambúlo pelas ruas amargas da minha existencia em busca de uma alma carinhosa e amiga para consolar o meu viver tristonho, mas em vão, as almas amigas já não existem mais, hoje só existem as almas amigas do dinheiro.

Emfim, seja o que Deus quizer... — *Utopista.*

O Joãozinho: — Para que será que nos dizem que é o menino Jesus quem nos vem trazer os presentes do Natal?

A mana do Joãosinho: — O papá e a mamã precisam de alguem a quem deitem as culpas de nós não termos os presentes que queremos.

O sceptico — Mas diga-me: que tem feito a medicina a favor das doenças nervosas?...

O medico — Essa é muito bôa! Que tem feito?... Descobriu-as.

ATTENÇÃO!

Moça habitando logar isolado no interior, procura correspondente de 24 a 28 annos, alegre, espirituoso, de bôa familia, para trocar cartas.

Resposta por carta para a redação da "Cigarra". — *Toutinegra*

CONSERVATORIO

Um, dois, tres. Silencio. Vou começar o estrondoso leilão pelo leiloeiro celebre Constantino M. Netto. Quanto me dão pelo pessimismo da Adelaide G.; camaradagem da Eliza P.; tranças da Vicentina L.; alegria constante da Milota; olhar da Moema C.; meiguice da Djanira; afetação da Estrella M.; bondade de Q. Diva e pela indiscreção das — *Duas sapecas.*

O mestre pergunta a seus discipulos: — Qual é o animal domestico de que mais gostam?
As respostas são variadissimas; um diz o cão, outro o gato, este o papagaio, aquelle o canario, até que, chegando a vez do Manoel, este dá a mais inesperada resposta: — Eu, de todos os animaes domesticos, do que mais gosto, é do frângo com ervilha.

Na aula de grammatica:
— Parece impossivel — diz o Antonio para seus collegas — que haja uma palavra na lingua portugueza que sempre se escreva erroneamente!
Os pequenos circunstantes ficam pasmados, e não atinam que mysteriosa palavra seja! Elle, então, compadece-se dos collegas e diz-lhe:
— Patetas! não ha nada mais simples. E' a palavra "erroneamente".

A TODOS

Jovem senhorita recem-chegada de Montevidéo e que está disposta a ser sincera e a amar com carinho, pede a todos os gentis collaboradores, que queiram ser seus amiguinhos, que escrevam sem demora á — *Julita.*

AO MARIO CARRATRI

Mario. E' o dia em que tú colhes, no jardinzinho de tua existencia, mais uma perfumada violeta. Não podendo cumprimentar-te pessoalmente, almejo-te um porvir venturoso, sempre bafejado pelo sopro da felicidade.

São os votos sinceros da — *A...*

ESCRAVO LIBERTO

Obrigada, bom amiguinho, pelos seus elogios, bondade sua, não os mereço. Meus escriptos faram sempre obscuros, como eu. Os seus sim, têm a belleza das noites de luar, em que a atmosphera se acha impregnada do suave perfume das glycinias; a impressão é bôa, e a recordação é eterna.

Escreva-me algo de si, aprecio-o muito. — *Dalvina.*

— Oh, papá! Que é um livre pensador?
— Um livre pensador, meu filho, é um homem que não é casado.

A QUEM QUIZER...

Um rapaz de boa presença, moreno, com 20 annos de idade, 1,m74 de altura, olhos e cabellos pretos, usando bigodinho, procura uma senhorita que queira trocar correspondencia, por carta ou pela "Cigarra". Não faz questão de typo, contanto que seja boazinha e sincera. Respostas pela "Cigarra" ao — *"Ruy".*

LEILÃO
V. Marianna

Dentre os que já foram adquiridos notam-se: O olhar consolador do Arthur; o olhar acanhado da Christina; o olhar ciumento do Ludvico; o olhar encantador da Rosinha J.; o olhar esperto do João; o olhar attrahente da Nelly; o olhar bondoso do Michel; o olhar convencido da Francisca; e o meu sempre alegre para todos — *Palmeira.*

— Oh, mamã, conte-me uma historia!
— Espera que o papá chegue, que elle conta-nos uma a nós ambas.

A JOSE' S...

I

Com fé, espero resignada o dia da santificação do nosso amor. Ou deverei sempre viver de esperança e não vêr nunca a realização do meu Ideal? Impossivel. Se todo esse sonho que em minha alma nutro, toda essa affeição, essa doce esperança por mim alimentada, eu visse um dia desfallecer essa illusão que abracei, como uma nuvemsinha,...

II

...a escurecer pelo céo, passar pela estrella e esconder o seu brilho o seu esplendor... Ah! não poderei supportar tamanho golpe. Mas pelo amor, que por ti sinto, luctarei contra o rigor da sorte. E serei forte para affrontar todos os obstaculos que surgirem atravez do caminho do meu destino.

Ah! é bem preferivel a morte que... — *Mimosa.*

Um dos nossos melhores escriptores interrompeu abruptamente uma conversa de negocio em que estava com o seu editor dizendo-lhe:

— Bem; não posso roubar mais tempo a um homem para quem elle é precioso!

— Mas para mim é um prazer, atalhou o editor.

— Ah! E' a mim que me referia, rematou o escriptor placidamente.

PARA...

Sereno: — Não esperava tão bela resposta. Está de acôrdo? Obrigada! Espero bem cedo provar-lhe minha sinceridade. Terá seu nobre coração lugar para abrigar minha sincera amizade? Escravo Liberto: — A oferta é muito bela! Recusar é impossivel! Ignezita: — Alma santa! Agradeço suas palavras, como um mendigo agradece uma esmola. Apaixonado: — "Desminta quem puder"? Não é preciso muito, é só apresentar... o "original". Onde aranjou tanta asneira? Conhece-me acaso? Duvido muito... Escrever-lhe-ei quando tiver abandonado a fantasia. Está de acôrdo? Cléo moi même: — Sta. peço esclarecer-se. Sereno, Ignezita, Escravo Liberto, Apaixonado, Don Alvarado, Lydices Junior, Flor de Jambo, Flor de Lys, Dois Alfinetes, Rosario, Duque Artois, Rury, A' querida "Cigarra" e a todos, desejo feliz 1932! — *Liliana.*

SALVE 19 DE DEZEMBRO
(Sant'Anna)

Bruninho, querido. — Com aquella grande admiração, envio-lhe milhões de abraços pela passagem do seu anniversario, pedindo a Deus, em minhas orações, seja sempre feliz, Bruninho, tanto quanto és merecedor. Esses são os meus votos. — *Soror Beatriz.*

DIAS QUE PASSAM...

Estranho compendio é a vida humana. A farça e o drama, o pranto e o riso. A existencia é um cinico rio, que a ignoto mar desce. Hoje entre flores, jardins; entre rochas amanhã. Cada dia que passa sentimos um aperto no coração, vendo a mocidade e a belleza declinar. O homem todos os dias morre um pouco... — *Liliana.*

MORCEGO

Admirei immensamente o teu typo. Aprecio muito a musica, principalmente o violão, canto e dizem que a minha voz é summamente melodiosa. — Eis-me: 1,62 de altura, olhos verdes, cabellos pretos, delicada de corpo e tenho um coração bonissimo. Servirei, porventura, para ser tua noivinha? Anciosa espera resposta á — *Petit.*

DESEJO A...

Conselheiro do Amor, Mondego, Vargas, Aretino, Conrad, Sereno, Lubowusca, Arethusa, Danaé, Jarba e Cascudo, Escravo Liberto, Triste Aventureiro, Cavalheiro Real, Fernanda Alma Leda, Anatole, Duque de Lafoes, Principe, Rei Sem..., Apaixonado, Rubens, Magda, Janet, Madeixas de Ouro, 621 - Quarteto de farra, e Revoltoso, Rio Rita, Duque Eurebo, Principe do Amor e a todos os collaboradores, feliz 1932. — *Liliana.*

— Papá, — disse o pequenito, curioso de augmentar os seus conhecimentos, — que é um beijo?

— Um beijo, meu filho, — respondeu o pae philosophico, — é nada dividido por dois.

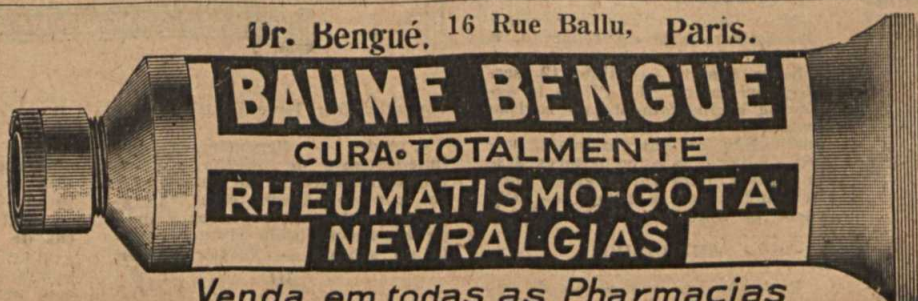
SAÚDE

Nympha — Queridinha, está zangada? Farolito — Queira desculpar-me mas não posso mandar a resposta. Leonama — Fico-lhe muito agradecida em saber que é tão reparador. Bem-te-Vi — Não quer ser minha amiguinha? Rubens — Que tal? Onde está a Antonieta? Carmo — Desta vez você vai, bemzinho. A todos, muitas lembranças da — *Menina de Ouro.*

RESPONDENDO

I

Rei Vagabundo: — Ha muito admiro os teus bellissimos escri-

ptos; o que almejo é conhecer-te; tua amizade muito me honra, escreve-me sempre. Alma Leda: — Crê que muito me sensibilisaste com a tua dedicatoria. Conta sempre com minha leal amizade. Quer escrever-me? Ben-Hur: — A minha alma curva-se agradecida deante de tanta bondade. Orgulha-me tua amizade.

II

Conselheiro do Amor: — Obrigda, amiguinho, pelas tuas phrases gentis; desconhecidos que somos só me é possivel pedir ás estrellas que sejam as portadoras do beijo que ouso dar na tua alma muito triste e soffredora. Cysne: — Exultou-me de alegria e ventura por ler as tuas amaveis expressões. Oh! colleguinha, lamento ser tão pobrezinha de espirito e ter a intelligencia tão mesquinha. A todos saudades. — *Samaritana.*

PARA...
"Tus ojos azules"

Como en una agonia dulce y lenta, la tarde desfallece. En el cielo azul, la luna muy blanca se levanta. En la quietud de mi habitación pienso en usted... en la gran caricia de tus ojos. Tus ojos son para mi todos los esplendores del mundo, un mistico ensueño espiritual. — *Rosario.*

PARA...

I

Meiga Flavita: — La mentira, amiga mia, pasa como el viento. Sonhador Desilludido: — Eu estava esperando pela amizade de você... Ella veio num dia em que o sol parecia uma caricia de velludo. Escreva-me para a caixa 3116. Diogénes: — Como vai você, meu bom amiguinho? Ignezita: — Os teus escriptos lembram um luar dourado de uma noite de amor.

II

Reverendo: — Recebi a tua ultima carta. Não queres dar-me teu endereço? Ben-Hur: — Tolinho... Serás simplesmente meu amiguinho. Rei Vagabundo: — Gostaria de receber uma carta tua... contendo apenas uma phrase. Não quer escrever? Lavix: — Tens um pouquinho de amizade para mim? Escravo Liberto: — Eu não o esqueci. Admiro-o muito. — *Rosario.*

"A CIGARRA"

Desejo-te feliz 1932!
Eis! mais um anno de gloria para ti. — *Liliana.*

PARA "A. S." LER
(Barra Funda)

I

Os ultimos raios do sol, desapparecem no poente. Desce a noite e eu penso em você, você que tanto amei, amo e amarei sempre, com todas as forças de meu pobre coração.

Pobre sim, porque sei que já pertences a outra. Tenho lido o que escreves, para aquella que agora amas, e não pude conter as lagrimas... que meus olhos derramavam.

II

Sei que você a ama, que a quer muito, mas... será você tambem amado?

Escrevo-lhe, não para semear discordia entre ambos; não, porque desejo-lhes todas as felicidades possiveis, mas tão somente para confessar que vivo e viverei sempre pensando em você, e que se o seu affecto para com aquella que agora idolatra lhe fôr adverso, espero-o, porque meu coração só a você pertence. — *"Desprezada".*

Num serão familiar, um poetastro de visita declama uma poesia de sua lavra, tão estupida como interminavel, a que poz o titulo: "Quizera ser ave!"

Um dos da assistencia, que o escuta impaciente, diz ao ouvido da dona da casa: — E eu queria ter, aqui, uma espingarda.

MULUNGÚ

Sou muito pobre. Se não fizeres questão de dinheiro estou disposta a ser tua noivinha, pois o teu typo é o meu ideal. Sou morena, de olhos verdes escuros, cabellos castanhos ondulados, altura 1m,63 e tenho dezenove annos. Dizem que sou bonita, mas não creio. Se te agradar responde para — *Cassy.*

IVAN, O TRISTE

Encontrarás em mim a amizade que procuras. Ponho-a ao teu dispor. Acceitas? — *Kyriam.*

YEGOR

E's o N. F. C.? Tive essa informação, mas eu gostaria de saber o certo por você. Dir-m'o-ás? — *Chiffon.*

RADIOS

Alma Lêda — Peço favor especial retirar carta na redacção, e, si possivel, responder-me.

Sorôr Beatriz — Piloto 12, serviço especial no Rio. Piloto 18 dedica-se exclusivamente na revisão de seu novo livro "Rosas de Sangue". Não collaboram mais, porém, continuam como leitores desta revista. Para informações mais detalhadas, queira dispôr. — *"Coração de Aviador".*

AMIGUINHOS

Participo-vos que acabo de regressar de uma viagem longa onde me foi impossivel responder-lhes; hoje porém volto novamente a collaborar nas paginas de tão brilhante revista. Esperando, ser perdoada envio a todos, com respeito e admiração, um aperto de mão desta humilde — *"Aymoré Solitaria".*

CONTADORA

Retire carta na redacção. Teu noivinho — *Conta Dor.*

A'...

I

Satania — Conquistar amizades é o meu desejo; acreditar-me-ás merecedor? Acceito.

Rouxinol de Tranças — A tua amizade?! sempre almejei, mas considerei um ideal impossivel e, se não m'a offerecesses, jamais ousaria pedir; acceito com sinceridade.

Miss Terio — Oh! lourinha, acceito a sua amizade, quasi arrependido de minha predilecção.

I love you — De corpo e alma.

Ben-Hur — Porque duvidas? Tudo farei por merecel-a.

II

Condessinha de Rudsay — Condessa! tendes pouca fé, mas, a honra é minha, acceito-a.

Ignezita — Penhoradissimo á tua attenção; lamento não saber como agradecer-te.

A todos — Repentina viagem independente de minha vontade impossibilitou-me de manter-me em correspondencia com "A Cigarra", pelo que, rogo aos amigos perdoarem-me a involuntaria falta do sempre — *Sublime Amor.*

III

A's Limeirenses — Sois mais amadas e requestada do que suppondes e, essa lembrança impede-me de persistir em procurar amizades em vossos disputadissimos corações, convencido da inutil esperança de tornar-me merecedor das vossas affeições.

Calar-me-ei por ser insufficiente para exprimir a immensa magua de minha alma desillludida.

A' indifferença que votastes a minha simples amizade, resignome humildemente. O sempre — *Sublime Amor.*

ALLYS

Bom dia, Allys; abraço-te: e Ghislaine? porque não responderam minha ultima carta? Tua volta alegrou-me immensamente, crê: estas "Coisas" que escreveste, "nosso amor", "saudade tanta saudade", veio trazer em meu espirito uma duvida: se tu és, de facto, a minha querida amiguinha Allys de outro tempo que com Ghislaine brilhastes nesta revista. O que faz o amôr!!! — *Brutus.*

— Ingrato! Fazer pouco caso de mim, ao fim de tres mezes de casados, quando tinhas promettido amar-me até ao ultimo suspiro!

— E cumpri o juramento; porque ha quatro dias que prometti... não tornar a suspirar.

PARA MULUNGÚ

Tens um typo ideal... o principe encantado de meus sonhos... mas... ha um "que"... não gostas de danças e de cinemas, e eu, ao contrario... Talvez me conheças de vista, pois patino muito e pratico quasi todos os outros esportes, e sei tambem tocar victrola com perfeição (não sei tocar piano... uma das minhas qualidades!).

Meu perfil: "Olhos grandes, escuros e sonhadores que sabem tambem ser garotos . . . bocca regular em forma de coração (não necessito "baton" para formar o "coração"). Tenho cabellos cortados, côr castanho-doirados, 1,63 de altura, nem gorda nem magra... 16 invernos!... Acham-me bonita. Si tiver a felicidade de ser a favorita entre tantas que certamente irão responder, mande resposta para — *Joujou Parisien.*

SAUDE

Nimpha: — Saudades de que, pequena? I Love You: — Querida noivinha; nem queiras saber como fiquei contente quando li aquillo. Sim! Como me sinto feliz! Será esta felicidade duradoura? Queres marcar um encontro ou escrever-me uma cartinha explicando-me aquelle recado do noivinho sincero — *Leonama?*

GILBERT

O disputado pseudonymo continua sendo meu. Sou antigo collaborador desta secção e tenho mais direito a elle do que você. Aliás já lhe teria feito igual pedido se não fôsse a tranquillisadora certeza que tenho de que toda a minha correspondencia pode ser lida, sem apprehensões, por menores e senhoritas... — *Bois Gilbert.*

MULUNGÚ

O teu typo interessou-me e gravei-o profundamente na memoria. Abaixo dou os dados essenciaes para a minha apresentação: Perfil: — Alta, loira, bonitinha (segundo dizem, creio, porém, que depende de gosto), 18 annos, sincera, instruida. Aprecio os esportes, mas, não os pratico. Si te agradar, "com o tempo", poderás me conhecer melhor.

Anciosa fico a espera. Responderás?!... — *Ave do Paraiso.*

DON ALVARADO

I

Meu amigo... com que direito hei de chamal-o de "meu amigo"? Mas escute: Hoje, domingo, triste e só, comecei a ler a "Cigarra", a procurar, talvez, um consolo para minha dôr...

A chuva lá fóra batia com força, quasi com furor nos vidros da janella... Trevas lá fóra, trevas dentro de mim. Como é triste a gente estar só!

E emquanto lá fóra a chuva cáe, sinto dentro de mim a saudade cahir como lagrimas amargas no meu coração.

Eis que leio, no principio com indifferença, depois com interesse, o que escreveu... Como senti pungir meu coração ao ler esse adeus de amor que enviou á alma de Luiza de Valliére...

II

E... uma prece baixinha subiu de leve até Deus, de minha alma, a pedir por aquella que teve na terra a alegria de um grande amor. E pareceu-me que a chuva já não batia com tanta força na vidraça e que já não estava tão triste.

E tive um desejo louco de lhe escrevr... a você que tem tambem a alma em lucto.

Deus lh'a deu e lh'a tomou. Deus m'o deu e tudo m'o roubou.

Quer ser meu amiguinho? Eu tambem sou triste, sou infeliz...

Don Alvarado, serei a amiga apagada e meiga, a Djénane triste de sua alma que junto a você velará a lembrança de sua "Santa".

Responda-me... sim? Para — *Djénane.*

BERLINDA

Estão na berlinda os seguintes jovens deste bairro: Luciano, por ser Carnera em miniatura; O "Zé" Biancardi, por ser "desembaraçado"; O Quito, por ser sizudo; Miquelina, por ser "goldinha"; Milú, por falar muito; Filó, por ser estudiosa; Mauro, por ser agradavel; Octavio P., por ser bailarino; eu, por ser... — *Karéka.*

PRINCIPE TRISTE

E's o Principe Triste do reino da Saudade? Como quizera poder alegrar-te um pouco... A cantar alegremente e a bater minhas castanholas ao rythmo alegre da felicidade! Mas meu sorriso é triste e melancolico... Sou a "gitana Andaluza" mas minhas castanholas hoje só sabem bater ao rythmo doce da saudade... Eu tambem vim de longe, d'este reino do qual és Principe, e meus olhos escuros e grandes de cigana guardam apenas a nostalgia das alegrias...

Meu Principe Triste... Pára um pouco os teus olhos que, não sei porque, creio serem escuros como os meus, nesta gitana que vem de longe da terra da saudade e dos sonhos e que canta e dança eternamente na farandola da vida ao rythmo suave e doce da saudade. — *"Gitana Andaluza".*

— Papá, que é um genio?

— Pergunta a tua mãe; ella casou com um.

— Que? eu não sabia que a mamã tinha casado duas vezes.

ORCHIDEA!

Não lastimo o você "não ser candidata", pois somente ella occupará o vasio de meu coração. Entretanto, agradeço immensamente o offerecer-me sua amizade, pois que ajudar-me-á a soffrer o meu soffrimento. — *Triberane.*

INTRIGANDO

Sonhador Desilludido: — Silenciar!... Nobre gesto. Digno de pessoas de cultura e indulgentes. Tamoya: — Horror aos amiguinhos!? Que falta de reflexão! Deploravel ironia... talvez escrevestes aquillo por ingenuidade. Sorôr Beatriz: — Será que teus braços são de tamanduá? Noivinhas: — Nesta secção existe um rapaz louro com sete noivinhas. O mesmo costuma dar o numero do telephone nas cartinhas. Angouléme: — Porque desappareceste? — *Cysne.*

HINDÚ

A vontade, embora patente não cria o amor; na verdade nasce no cerebro, mas é atrahido para o coração que o governa conforme a força de seu sentimento. Os homens sempre tomam a offensiva, desiquilibra por simples *Vontade* esse alto sentimento em vez de procurar cultival-o achegando-o á alma que o tornaria eternamente vigoroso. — Seja bemvindo nestas columnas. — *Cysne.*

INTROMETTENDO

Meiranita: — Sempre gostei de suas notinhas. Estou contente com seu reapparecimento. Reverendo: — Meu passado é quasi igual ao seu. Samaritana: — Seu coraçãozinho é bem disciplinado. Perdoar!... esquecer!... Como é grande e virtuosa a sua alma! Distincta Leitora: — Retiro a expressão da minha ultima notinha. Nem queiram Saber: — Não sou presumpçoso como você pensa. Madame Satan: — Sua penna é implacavel! Flôr de Maio: — Parabens por sua volta. — *Cysne*

A RIQUEZA...

Quando esta cáe nas mãos de pessoas fracas, sem consciencia, de paixões desregradas é a fonte de grandes desgraças não só para elles como tambem para os outros. Ha muitas pessoas de quem se pode dizer, que a unica fortuna é o seu caracter, e que o prezam tão fortemente como qualquer rei preza a sua fortuna. — *Cysne.*

— O meu amigo sabe alguma cousa de litteratura?

— Não senhor.

— E sabe alguma cousa de arte?

— Nada.

— E sabe alguma cousa de musica?

— Nem uma nota.

— E joga o lawn-tennis? O golf? O foot-ball?

— Não entendo nada de nenhum.

— Magnifico! Então dê-me o prazer de vir á minha casa; traga os seus charutos e gozemos a companhia um do outro.

A ARVORE DE NATAL DA VIDA

I

Todo o fim de anno, a 25, eu esperava que Nosso Senhor nascesse. Chegava a contar os dias que faltavam nos dedos da mão. Porque sabia que o Papae Noel haveria de pôr muitos presentes bonitos na arvore de Natal. E eu ia pegando todos, sem escolher, porque eram bonitos e eram bons.

Cresci. E um dia disseram-me que o Papae Noel do meu Destino viria pôr os presentes na arvore de Natal de minha vida.

II

Mas um homem velho, que todos diziam ser experiente já de tudo isso, avisou-me que agora aqui escolhesse-os com cuidado. Viriam preentes bonitos, como a amizade, o amor sincero, a bondade, a lagrima da dôr, a felicidade... Mas tambem viria cada um feio, como o odio, o desprezo, o amor mentiroso...

III

Eu já não estava gostando muito disso.

Mas, que fazer? Eu deveria ter, como todo o homem, uma arvore de Natal da vida, porque o Papae Noel do Destino assim queria. E quem pode com o Destino? Comecei procurar então o presente que eu achava mais bonito: a felicidade.

Procurei... procurei muito, e não encontrei.

IV

O velho experiente, ao meu lado, mostrou-me um delles. Era uma bonequinha de olhos negros como os seus cabellos. O seu sorriso parecia uma abelha na flôr rubra de seus labios. Era linda! Hesitei ao tiral-a. E elle me disse:

Que queres? Emquanto creança não se brinca com bonecas. Mas o homem, na vida, é como si fosse uma creança que brinca com a boneca de seus sonhos.

V

Procuravas ainda ha pouco, a felicidade. Poderás nella encontrar. Deve estar no seu coração. E si a tua bonequinha não tiver coração, a felicidade não existe para ti. Immediatamente comecei procurar, ao meu modo, como um anatomista do amôr. Estava doido por saber.

Iria ser feliz! Iria ser feliz eternamente!

Mas... não! Como é triste pensar em tudo isso...

A bonequinha da arvore de Natal de minha vida não tinha coração!... — *Lucio.*

VOCÊ...

Recorda-se? Foi em Novembro! Um anno é passado, depois daquella tarde em que o nosso romance terminou.

Oh! que cruel desillusão foi para mim o epilogo desse romance!... Um anno passei recordando tristemente o meu sonho desfeito...

Você, ingrato, já me olvidou; entretanto eu jamais poderei imital-o. — *Angelica.*

JORBA & CASCUDO

Meus sympathicos amiguinhos, quero-vos de todo coração. Rei Vagabundo — Eu não escrevo. Si você quizer, responderei uma cartinha sua. Tamoya — Eu disse que você não vencia... Lembranças para Negra. — *Troika.*

— Foi positiva a resposta que ella deu á tua proposição de casamento?

— Foi.

— E qual foi ella?

— Foi negativa.

SALVADOR

Amo você. Você é pobre, eu sou soffredora. Christo foi pobre e soffreu. Siga o exemplo de Christo sendo pobre com paciencia, e eu o seguirei soffrendo com resignação. A Esperança será sempre a minha companheira. Espero a justiça de Deus. — *Rosa Helena.*

RESPONDENDO...

Ivan, o triste: — V. diz que é de Curityba? Com maior prazer então serei sua amiguinha. Flor de Maio: — Embora com outro pseu, tambem voltei a collaborar para a "Cigarra" e espero merecer sua amizade. Rosette: — Não tenho a honra de conhecer o seu amado, mas disponha de um coração amigo. A todos, beijos de — *Soror Beatriz.*

Visitando um doente:

— Diga-me, então que sente?

— Eu lhe digo doutor; tenho de cinco em cinco minutos, um ataque de tosse que me dura perto de meia hora.

NYMPHA

Peço-lhe muitas desculpas por eu estar com o seu pseu; mas eu não tinha lido as "Cigarras" anteriores. Desculpe. Não fique zangada; escreva-me, sim? E eu fico com o meu pseu velho: — *Menina de Ouro.*

MARQUEZ DE POMPADOUR

Depois de tanto tempo eis que te lembras desta obscura amiguinha. Seria ingrata embora tivesse deixado de collaborar, si não te respondesse. Aquelle album guardo-o, é o meu relicario de lembranças... Revejo sempre o teu escripto, que me revela um bom amiguinho, desses que não se encontram facilmente no caminho da vida. Agradecida e adeuzinho. — *Dalvina.*

ATRAZADO

Katucha — Disponha deste seu amiguinho. I Love Youk — Aqui me tens novamente e dispõe de meus fracos prestimos. P. Futurista — Não me esqueço de minhas amiguinhas, mas parece que te conheço; si não fôr incomodo queres mandar uma cartinha para a redacção, que irei buscar? Aretino — Allô professor, está á espera das lições. — *Leonama.*

MARQUEZ DE POMPADOUR

Aceitas minha amizade? Sou morena, olhos verdes, cabellos cortados á Sue Carol e dizem as más linguas que eu sou bastante sympathica e attrahente; agrada-te o meu typo? Espero que sejas bastante esperançoso e respondas á — *Julita.*

ELO E AURO

Possuidoras das qualidades que exigem, candidatamo-nos. Tambem estamos aborrecidas de viver sempre sós. Nossos perfis? Com certeza (modestia a parte) hão de agradar. Cecy — typo loiro, de 18 annos. Léa — typo poreno, de 15 annos. Desejamos saber o perfil de vocês, para escolhermos. Esperamos cartas. — *Cecy e Léa.*

PARA...

...V. Stambul, Roberto Tedesco e outros amiguinhos desconhecidos.

Leitor, responda ao que vou propôr: — a gente pode viver... morrendo de tristeza, de saudade e de Amôr?... Attenciosamente — *Martha Lyrio.*

ATRAZADO

Nimpha — Porque dizes que sou pouco camarada? Affonsito — Foi num samba que te conheci... Valeu. Leonama — Quereis acceitar a minha obscura amizade? Menina de Ouro — Que tal o baile do dia 14? Marquesinha de Vurré — Queres ser minha amiguinha? responde para — *Farolito.*

INFORMAÇÕES

Peço aos carissimos leitores e colalboradores o obsequio de me informarem a quem pertence o coração do jovem Heitor Carvalho. Reside á rua Espirito Santo, n.º impar. Sei que ha tempos elle amava uma joven da rua Fagundes, n.º impar.

A' "Cigarra" beijos de — *Myrtilla.*

A QUEM AMEI E... AMO

I

E' verdade, Bi, que os nossos sonhos encantados que enchiam as nossas duas almas de alegria e felicidade, não eram mais que sonhos falsos e enganadores?

Será verdade, Bi, que o nosso amor fórte e inesquecivel de hontem não era mais que uma neve sensivel que se dissipou ao nascer do Sol?? Será verdade, Bi, tudo iso??

II

Ingratona! recusaste este pobre e nobre coração que te dedicou um amor idolatarado com suprema affeição e cégo sacrificio? Tenho padecido horrivelmente, cobrindo e dissimulando esses sof-

frimentos e dôres no recondito de minh'alma triste e maguada. Não faz mal, Bi; tenho agora uma consolação fórte que tú jámais acharás, nem em teus bellos sonhos, um outro louco como eu, que te ame e adore com mais vehemencia do que póde o coração humano.

III

Confesso que vivo triste e isolado agora, mas, tú Ingrata, has de chorar lagrimas de sangue, e has de soffrer e passares o resto da tua vida num valle de lagrimas e desterro, e isto não é nada demais pois assim está ecripto: — E' tal o fim d'uma Ingrata". — (Monte Azul), *Fausto*.

A' FATA MORGANA

A senhorita (?), com o seu annuncio, fez-me lembrar Diógenes, com a lanterna. Pelos modos, a senhorita deve ser alguma jovem de quinze annos, inexperiente de tudo, ou alguma velha de oitenta, que começa a perder a noção das cousas...

Procurar um coração de vinte annos, que seja sincero e leal, é muita infantilidade ou principio de caduquice...

Aos vinte annos (é esta a minha idade) o coração da gente é instavel como o clima desta grande Paulicéa. Infelizmente, senhorita, é esta a verdade. Nem com duas lanternas, uma em cada mão, a senhorita encontrará o que procura. E não me queira mal por isso. — *Rei Arthur*

PARA...

I

Lili ou Liliana: — Acredito que a cumprimente com indifferentismo, mas.. .o coração... o coração... qual a commoção que sente? Diz em seu escripto: "O soffrimento calleja a alma; tornei-me tão perversa, malvada, ironica, que chego a odiar-me". Será possivel, pergunto a mim proprio, a minha amiguinha pensar assim?! Pelo contrario, o soffrimento deve purificar o coração,

II

tornando-o, bem humilde e caridoso. Ouça-me... A nossa vida... teve o seu raiar bordado de lagrimas, matizado de sombras intimas de dôres symbolizadas por tons vivos de tristezas reconditas, eternecida no nosso pobre coração. E no entanto nós vimos a luz primeira do amor no augusto das primaveras cheias de alegrias e harmonicos cantos. A nossa vida... A

III

nosas vida, perpassou entre os humanos como o farrapo imprestavel que se queima e desapparece para sempre, ficando apenas as cinzas que o vento leva para as ethereas desconhecidas. Soffrenos resignados a dôr do desprezo, a humilhação do escravo, a maldade da inveja e a injuria da inconsciencia malvada sem nunca maldizel-as. Supportamos as nossas dôres

IV

sombrias e ardentes amparados no humbral inquebrantavel da verdade e da omniciencia. E nunca succumbiremos ou vacillaremos em ser fortes a tentação do mal e sempre pensar fazer bem ao nosso semelhante, porque a doutrina do justo que o tempo e a dôr nos ensinou jámais esqueceremos... A dôr... a dôr é a verdade que

V

tivemos na vida, embora custe a soffrer, a qual nós bemdizemos sempre como nossa redemptora, porque nós ensinou a praticar o bem, porque ella desvendou para nós com seus effeitos martyrisantes o caminho da bondade, do dever sacrosanto e da igualdade Divinal. Soffremos muito e muito, como o justo sabe soffrer; e foi mesmo

VI

esse soffrimento horrivel, a que resistimos serenamente, que cicatrizou as feridas que nos haviam aberto no nosso coração bondoso. A dôr... a dôr, é bôa para a alma humana; ella tonifica o egoismo dos corações malvados, ella é uma escola que, poucos comprehendem e supportam envolvidos pelo véo da ignorancia cruel. Supportemol-a com resignação, confiantes sem

VII

prever o seu benefico effeito. Depois diremos: Hoje sentimo-nos felizes, muito felizes porque soffremos e fomos bons. Sim!... agora somos bons, felizes revendo a estrada torturante de cardos e espinhos do nosso passado que vencemos e que nos regenerou, apontando-nos com seus dedos tintos de sangue os mysterios do coração humano e o impenetravel

VIII

da ignorancia delle. A nossa vida... a nossa vida agora, é como a prece de Jesus pela humanidade ao expirar na Cruz, é placida, serena e perfumada como os jardins floridos e incomparaveis da nossa terra formosa nas madrugadas deslumbrantes ao raiar o primeiro clarão da Aurora. Agora, já a dôr isolou-nos dos seus effeitos, porque

IX

não sentimos mais, porque as fibras do nosso organismo estão em perfeição com os soffrimentos. Agora somos felizes porque soffremos, somos bons para os nossos semelhantes que nos apedrejaram e somos caridosos e bons porque temos a esperança em Deus. Passo a outro assumpto: Não posso, nem devo, contar-lhe as minhas desillusões, porque se o fizesse

X

iria dizer mal daquella, que o destino não quiz dar-me como companheira. Dôr... já estou acostumado a ella, é minha companheira inseparavel, agradeço a minha amiguinha sua bôa vontade. Diz: "Não terei suas palavras de ouro". Não me confunda, isso é bondade de sua parte, não annuncie uma fama que não possúo, nem tão pouco sou merecedor.

XI

A simplicidade é um dom supremo e simples são as minhas poucas palavras. Disponha.

Venus de Medicis: — Recebi sua carta. Foi-me completamente impossivel satisfazer o seu pedido, em virtude dos meus affazeres. Conhecel-a! Teria muito prazer nisso, mas prefiro não a conhecer, porque não quero adquirir uma amizade, a que não tenho direito. Perdôe-me — *Mondego*.

A sra. Gomes (accordando seu *marido, que está resonando*): — *Francisco, fazias menos bulha se estivesses com a bocca fechada!*

O sr. Gomes (meio accordado): — *Tambem tu.*

PARA...

1

Alma Leda: — E' bondade sua! Eu é que estou encantada com as "Almas". Já as estimo tanto! querida, que logo ao abrir a "Cigar-

ra", procuro o *pseu* das "Almas", onde leio com saudades, as phrases doces e carinhosas.

II

Alma Sertaneja: — Julga-me assim? Mesmo que não o fôsse, não poderia deixar de ser, para com amiguinhas tão bôas e de raros predicados. Para as duas, muitos beijos.

III

Conselheiro do Amor: — O Conselheiro já foi feliz? pois tenha fé, que será outra vez. Dotado de um espirito culto, sabe captivar a todos, com seus artigos, que traduzem toda a bondade de su'alma e grandeza de seu coração. Da muito grata — *Orchidéa.*

FLÔR DE MAIO

Oh! Lindinha, a culpada do meu silencio és tú. Queres cartinhas? Manda teu nome e endereço para: F. F. Silva, Avenida Anhangabahú, n.º 7 sobrado. Sei que moras para os lados da Luz, mas...

Cléo, moi même: — Quanta ironia!... Vivóóóóóóóóóó!... — *Escravo Liberto*

Elle: — Eu não casarei nunca, a não ser com uma mulher que seja, em tudo, opposta a mim!
Ella: — Então já sabe que fica solteiro. E' impossivel que haja uma mulher tão perfeita.

PARA FATA MORGANA

Gostaria muito conhecer-te, pois adoro cabellos loiros e olhos azues. — Tenho 25 annos. Cabellos e olhos castanhos, estatura 1,77. — Sou estrangeiro e ainda tenho que aperfeiçoar-me em portuguez. — Fazem 2 annos que deixei o Velho Mundo onde recebi a minha educação nos grandes centros europeus, em Paris, Berlim e Londres. — Sou independente, sempre de bom humor e espero anciosamente uma resposta. — *European gentleman*

PARA SATANIA

I

Dentro do sensivel sem fim da minha phantasia, já criei a visão esplendida da sua pessôa. — E lá, no meu reino de maravilhas, — onde castellos de sonho erguem orgulhosos as suas columnas rosadas, de marmore e oiro, para um céo sempre azul; — lá, onde os dias são doirados e rutilos como sóes que se houvessem estatificado, — eu vejo ás vezes o seu vulto vagar entre a

II

floração polychromica dos jardins magnificos, — ou então, — no silencio morno dos crepusculos, — nessa hora excelsa do extases supremo, — a distingo, na attitude serena e perfeita dos divinos, contemplando o evoluir gracioso dos cysnes soberbos, habitantes dos crystallinos lagos decorativos em que as estrellas costumam banharse. — *Hindú*

— O meu professor do conservatorio disse-me que eu tinha um excellente ouvido para a musica!
— E o outro para que te serve?...

PARA MME. SATAN

Quizera transfigurar-me em linda mariposa, — uma linda mariposa de azas azues com arabescos doirados, — para baixar junto de você, — por um momento apenas, — e depois, como se houvesse pousado sobre uma flôr, — trazer commigo a certeza de que você não tem ainda motivo para maldizer dos homens...
Um beijo nas suas mãos, e perdôe o "você". — *Hindú*

PARA LILIANA:

I

Pela primeira vez me dirijo á correspondencia da "Cigarra" na esperança de entrar assim em relações com a mocidade paulista. Notei que o seu nome volta muitas vezes na correspondencia com os elogios mais ardentes de varios admiradores. Será possivel que você tenha olhos tão fascinantes que matam alguns dos seus apaixonados? Si é assim muito devo gostar de você. Desculpe o

II

portuguez barbaro, mas sendo estrangeiro ainda não aprendi bem o seu idioma. Gósto do Brasil, onde estou ha 2 annos e admiro as lindas e graciosas brasileiras que até agora só podia admirar de longe. Muito me alegro em receber uma resposta da mais bella collaboradora como diz um apaixonado de você. Este rapaz certamente cantará o dia inteiro: "You are driving me crazy". — *European gentleman*

— Se ella tem intelligencia!... Tem até muito, tem intelligencia que chega bem para dois.
— Então, ahi tens a mulher com quem deves casar.

ALMA LEDA

E's bastante merecedora dos elogios de que tens sido alvo. Aprecio as tuas notinhas; são perfeitas e correctas na descripção das cousas.
Poupée: — Minh'alma sensibilizada não tem phrases para te agradecer as referencias que me fez e, tambem, não sou merecedor de tanto. E' só bondade sua! Disponha do escravo humillissimo e seu admirador. As duas, escrevam-me sempre, sim? — *Escravo Liberto*

PRINCEZA DAS CZARDAS

I

Allô... Allô... aqui falla um moço de 25 annos, que não tem 2 metros de altura, mas 1,77, que é sympathico, nunca de mal humor, de elegancia cultivada, gostando de bailes, etc. Sempre disposto "to make whopee" mas com tudo isso de carater sério. —

II

Não sou brasileiro e só ha 2 annos no Brasil e até hoje sempre fiquei encantado com as lindas garotas que tive occasião de vêr nos triangulos, matinées e bailes. — Tenho certeza de que você representa uma destas lindas e fascinantes creaturas da mocidade paulista e assim anciosamente espero a sua resposta. — *European gentleman*

BARRA FUNDA

Querida *Cigarra:* — Peço dizer a L. M. que não seja teimosa, ao Nico para não fazer mais juras, para Elza não ser vaidosa, á Violeta que não faça vizagem (macaco que muito pula quer chumbo), á Irma não ser fiteira, á Moreninha para deixar de patinar, que isso dá máo resultado e finalmente para Barata n.º 11,052 deixar de estacionar no ponto do costume, caso contrario irá soffrer graves consequencias, e eu sempre observando — *Elle. Ge.*

PARA OBSERVADOR

Foi com immenso prazer que fiquei sabendo quem és; como estás zangado! com Vargas e Pitigrilli. Bobagem pouca, é asneira, meu amigo. Disponha do — *Elle. Ge.*

PARA CID ADÃO

O que acontece, que não tens vindo dar o ar de tua graça, nas columnas desta conceituada revista? — *Elle. Ge.*

S. M.

E's injusta commigo. Assevero-te que as notinhas foram remettidas com dedicatoria, todas juntas.

Não me cabe culpa se alguem, por sua alta recreação, houve por bem de eliminar a dedicatoria, publicando o fim antes do começo. Talvez por serem quatro. Sabes que é de "rigor" que sejam só tres. Telephona-me dizendo o que pensas. — *Diógenes.*

PARA...

Rosario: — Sempre alegre? Ora vivas!

Desirée: — Si vous saviez comme vous êtes Desirée!

Reverendo: — Quasi que brigo por causa da sua identidade...

Rasputine: — Viu? Sahi ganhando a amizade de Poupée. Faço votos que não seja como obra alta poupée...

Conselheiro do Amor: — Bello!

Meu 6 ficou 16 causa 59 = 25 só quer 68 =. Assim diz Thok.

A' todos lembranças. — *Diógenes*

— *Trabalhas com pouco enthusiasmo meu filho; o trabalho devia ser para ti um prazer.*

— *E é, sim papá; mas não quero entregar-me ao prazer constantemente.*

DE IGNEZITA

Narciso: — Já enviei resposta á sua cartinha. Queira retiral-a. Saudades.

Simone: — Se você soubesse como a vida foi impiedosa para commigo. Feriu gravemente minha mocidade, quando ella mal principiava a desabrochar...

E, agora com 18 annos apenas, julgo-me incapaz de supportar minha existencia, que eu sonhava maravilhosa e bella!!!

DIVERSOS

Meiranita: — Até que afinal voltaste! Já estava com saudades tuas!... Que tal, uma cartinha para este amiguinho? Fata Morgana: — Queres correspondencia por carta e directa? Então dá-me teu endereço ou escreve, sim? Princeza das Czardas: — Tenho 1,83 — 25 annos — cabellos e olhos tambem castanhos. Sou muito simples. Se te agrado, dá-me pormenores para correspondencia. Satania: — Quizera! Se soubesses como gósto dos teus escriptos! — *Allemãosinho*

DIZENDO A — "VOCÊ"

Você sempre duvidou de mim. Seu coração ferido pelas desillusões, não soube comprehender o meu, tão jovem, e tão crente na vida... no amôr...

E, ás vezes minha indifferença que tanto exasperava você, era a capa com que eu tentava encobrir meu verdadeiro sentimento. Eu era tão orgulhosa, e humilhei-me, vencida pelo amôr...

Meu sacrificio, você denominou-o: "um simples capricho"...

— Você nunca suspeitou a verdade... Nunca! — *Ignezita*

RESPONDENDO

Madame Satan: — Madame!... pareces uma quarentona despeitada... a mulher nessa idade é bem cacete, comprehendes?

I Love You: — Are you engaged? I am locking for a sweetheart whom I shall love for ever. What you think about that? I should add to this my best wishes for a new year. — *Allemãosinho*

DISTINCTOS LEITORES E GENTIS LEITORAS

A todos faço votos de um feliz Natal, perennes felicidades para o anno novo e um voto de eterna prosperidade para a querida "Cigarra". — *Allemãosinho*

NYMPHA

Despido de vicio
Amor não se finda,
Deslisar propicio
Observa-se ainda.

Havendo tormenta
Nosso coração,
Jámais alimenta
Fiel affeição.

Luy.

GISELA ANGOULÊME

Querida noivinha, estás zangada commigo? Não escreveste mais? Porque? Será, por eu não ter enviado meu retratinho? Não é motivo para tal, espera mais um pouco, e mais tarde dar-te-ei até uma duzia delles. Não sejas tão má assim, escreve-me logo uma cartinha bem amorósa, sim? Acceita um apertado abraço do teu noivinho — *Angoulême.*

TIETÊ

(Leilão)

Quanto me dão pela elegancia de Dalila; pelo bigóde tentador do Luiz; pelo sorriso de Virginia; pela rizada sonóra do Maneco; pela calça listada do Bilio; pelo oculo do Calcinha; pela paixão do Pieróca; pela belleza de Maria A.; pelos lindos cabellos de Annita G.; pela pose do Aureliano; pelos amôres do J. Ferreira; pelos brilhantes olhos do Bião; pelo terno creme do Mojica; e finalmente pela lingua comprida do — *Conde de Monte Christo.*

Num collegio soubemos de uma alumna cuja familia entendia que o principal objectivo de u'a mulher é o casamento. Não estudando geographia a professora enviou um bilhete á sua mãe pedindo providencias. No dia immediato, vendo que nada conseguira perguntou-lhe se tinha entregue o bilhete.

— *Entreguei, sim, minha senhora.*

— *E a sua mamã leu-o?*

— *Leu, sim, minha senhora.*

— *E ella o que disse?*

— *Disse que não sabia geographia e que casou; que a minha tia tambem não sabia geographia e que casou; e que a senhora sabe geographia e que não casou.*

MISS-TERIO

Sincera amiguinha, acceito, e agradeço de todo meu coração a amizade que me offertaste. Queres me escrever uma cartinha, mas uma cartinha, desvendando o véo miss-terioso que a envolve, sim?

Cysne: — Caro amigo, onde tens andado, que não tenho te visto mais? Estás ausente da Capital? Espero vêr-te muito breve. Acceita um apertado abraço do amigo — *Angoulême.*

MISS-TERIO

(Porque?)

I

Dizem que são raros os homens dignos do amor de uma mulher. Não acha que nesta phrase existe um pouco de falsidade? E' bem difficil um homem amar verdadeiramente, mas, quando isso acontece, supplanta o amor da mulher. A mulher de hontem reconhecia no seu predilecto, sómente qualidades de caracter, bravura e honestidade. Hoje, na maioria, ellas consideram

II

belleza, galanteios, apparencia, etc. Eis ahi o erro grave, a causa principal da inconstancia do amor. Uma prova real se dá justamente nesta revista: Quando uma collaboradora deseja trocar correspondencia com um rapaz, quer simplesmente saber se elle sabe dansar, se vae ao cinema, se é sympathico. Esquecendo-se, portanto, de perguntar se elle é trabalhador, sua ascendencia e caracter. — *Gilbert*

"UMA NOIVA"

Sou um rapaz distincto, resido no bairro de Santa Cecilia, nesta Capital, procuro um coração de uma jovem que seja rica de bondade, carinhosa e bonita. Sou paulista, com 27 annos, altura regular, olhos e cabellos castanho-escuros. Sou muito sincero; aprecio muito o cinema e não gosto de patinação.

A' distincta leitora que desejar trocar correspondencia, peço o especial favor de responder para "Ocirema", dando o seu perfil no proximo numero desta estimada revista. Antecipadamente agradeço á distincta jovem que acceder a este meu pedido. — *Ocirema.*

?...

Queres informação sobre o coração da joven contadora Albertina R., residente á rua Dr. Pedro Arbues n.º par?

Pois bem: o seu coração ao que me parece, não possúe nenhum felizardo ainda.

Sei que pretende ter um que seja: alto, louro e de olhos claros.

Se desejares mais detalhes, escreve uma carta para o — *Tito.*

NOIVINHA

Rapaz de distincta familia, funccionario publico, com 30 annos, procura noivinha loira ou morena, de qualquer idade e não precisa ser bella, mas de abastada familia.

Cartas para Rodolpho Valentino, á redacção da "Cigarra".

Elle, galantemente, em vesperas do Natal: — Dá-me licença que me offereça a V. Exa. como brinde do Natal?

Ella: — Eu como brindes de Natal, só acceito cousas uteis.

NEM QUEIRAM SABER

Queridinha. Depois que te conheci, a vida para mim tem sido um paraiso. E's astuta e conheces muito bem a psychologia do amôr. Quando minhas palpebras se fecham tua imagem fica guardada em minhas pupillas amorosas.

Meu maior prazer é de estar sempre ao teu lado, dizendo palavras lindas.

Te amo tanto, que... — *Nem é bom falar.*

SÃO MANOEL

I

A' Val... → Foi numa terça-feira. Lembro-me tão bem como si fosse hoje ou agora mesmo. Aquella carta, cortou-me o coração e trouxe-me lagrimas aos olhos. Apezar de já estar o resto de minha futura existencia promettido a outra adoro-te como si fosse dono de um coração livre para o amor. Não sei dizer o que,...

II

...desde aquella noite em que me olhaste, fez-me sympathicar comtigo. Dpois, os encontros, que fomos tendo, a tua doce vóz e o conhecimento que fui obtendo da tua bondade, fez com que eu começasse gostar de ti e até mesmo quasi que esquecer aquella a quem devo amar e que stá tão longe daqui. A tua cartinha, bôa Val...,

III

vio por-me, felizmente, outra vez, no caminho do amor áquella outra, amor esse que agora irá durar eternamente, sem alterações alguma. Continuaremos, como queres, a ser sempre bons amiguinhos. Até outra. — *Gesbor.*

ANNIE

Mysteriosa mulher!

Por que motivo deixou você de me dar uma resposta na ultima "A Cigarra"?

Será que eu — que encarno o mysterio em minha vida mysteriosa — não mereço do seu mysterio sinão o mysterio?

Dê-me um signal... de vida... Exijo-o! — *Principe Mysterioso.*

NOSTALGIA DE LA TARDE
Saúde

Você é exquisita e incomprehensivel. Que novidade! Todas as mulheres o são!... Mas, si você almeja sómente "um puro affecto" — acredite: — eis em mim o homem-affecto que tanto procura.

E' só dispor delle, que será gostosamente obedecida... salvo si você não fôr a nostalgica boneca que ando buscando...

Beija-lhe as mãosinhas o seu quasi-noivinho — *Muchacho de Oro.*

BILHETES

Egoista: — Não diga tal... A sua apreciação é de uma bondade illimitada... ou generosidade excessiva... Em todo o caso, agradeço sinceramente, carissimo "Egoista"...

Al Capone: — Muito obrigada pela communicação... Creia-me sua amiguinha...

Rei do Jazz: — Anceio pela sua volta... e lembranças minhas a você...

Caçador: — As suas supposições são effectivamente erroneas. Não ha, entretanto, razão para queixa...

Ignezita: — Que creaturinha encantadora!... Para você o mais affectuoso abraço amigo...

Almá Sertaneja: — Quer vêr como descobri o segredo do seu coraçãozinho?... Aquellas iniciaes... confirmaram exactamente o meu feliz prognostico!...

Guy: — Recebi e fiquei sciente; agradeço-te, e, francamente, não me parece que merecesse essa importancia uma accusação de tal ordem!... Até á vista, Guy... — *Alma Lêda.*

MME. SATAN
(Sonhos)

Um dia... recebi uma cartinha com lindas phrases e sonhos romanticos.

Dias depois, outra; amavel, linda como são lindas as cartas dos amantes.

Tempos depois, uma vóz cariciosa fez, pela primeira vez, pulsar meu coração e o telephone foi o mensageiro feliz de uma doce ordem, pela qual encontrei a creatura mais divinal qu conheci: Deusa Africana.

Meu coração bateu desordenadamente: Amei-te.

Esqueces-te-me? — *Gastão D'Aujou.*

A dona da casa, ao jornalista que o marido convidou para vir jantr com elle: — Eu acho que V. Exa. fala perfeitamente o portuguez.

O jornalista não percebendo: — Com effeito tenho obrigação de o fazer.

Ella, insistindo: — Pois sim; mas é que o fala notavelmente bem!

Elle: — E' o meu dever. Vivi sempre aqui desde o meu nascimento. Sou natural de Lisbôa.

Ella: — Sim? Pois eu não suppunha tal. Tenho a certeza de meu marido me haver dito que V. Exa. era um bohemio.

CARTAS

Têm cartas nesta redacção: Anreda, Annie (2), Benedicto Almeida Junior, Billie, Ben-Hur, Coração de Ouro, Consuelo, Conrad, Chapeleta Azul, Contadora, Conservatoriano M. M., Condessa Oriental, Collar de Perolas, Dedê e Dadá, Estrella d'Alva, E. Eduardo, Elinor, El final de um sueño, Egypciana, Fadazinha, Fata Morgana, Irene Emilia, I love you, Jacy (Venus de Medicis), Katucha (3), Léo, May, Mme. Satan (Santos), Musa Incomprehendida, Marlene, Miss Alegria, Mondego, Nele, Nylza. Nanette, Olhos Azues, Principe Mysterioso, Philosopha, Princeza das Czardas, Risonha, Reverendo (3), Rayette, Rei Vagabundo, Rocambole, Sueño chino, Silencioso, Sereno, Sonhador Desilladido, Soror Beatriz, Tamoya, Terka, Zumba Mac Paunga, Venus de Medicis, Walkyria, Walderez.

ADQUIRINDO TITULOS DE ECONOMIA, SALDADOS OU DE PAGAMENTO MENSAL, TEREIS AS SEGUINTES VANTAGENS;

1.º — CONSTITUIÇÃO DE UM CAPITAL PARA O FUTURO

2.º — SORTEIOS MENSAES

3.º — PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS DA COMPANHIA

4.º — ADEANTAMENTOS GARANTIDOS.

Eis o melhor presente de Papae Noel — e agora um conselho: — Economisem sempre, pois, só a economia pode garantir um futuro descançado.

J. U. CAMPOS

SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO

EM DOIS ANNOS DE EXISTENCIA

A SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO

APRESENTA OS SEGUINTES RESULTADOS:

CAPITAES GARANTIDOS	815.945 CONTOS
RESERVAS MATHEMATICAS	8.430:221$583
TITULOS SORTEADOS	5.180 CONTOS

Prospectos, Informações e Acquisições de Titulos na SUCCURSAL DE SÃO PAULO: RUA JOÃO BRICCOLA, 17 (EDIFICIO SUL AMERICA) OU COM OS INSPECTORES E AGENTES

PENSAE NO FUTURO QUE DEVE SER FELIZ PARA OS VOSSOS FILHOS

Soc. Impressora Paulista — Scuvero, 22 — S. Pau.o